

**ANA DÉBORA BATISTA AURINO**

**EDUCAÇÃO SEXUAL: Estratégias Metodológicas para o Ensino Médio**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

**MACRO PROJETO: Novas práticas e estratégias pedagógicas para o ensino de  
biologia**

**JOÃO PESSOA - PB  
2019**

**ANA DÉBORA BATISTA AURINO**

**EDUCAÇÃO SEXUAL: Estratégias Metodológicas para o Ensino Médio**

Trabalho de Conclusão de Mestrado (TCM) apresentado ao Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional (PROFBIO), do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia.

Área de concentração: Ensino de Biologia

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Temilce Simões de Assis Cantalice.**

**JOÃO PESSOA - PB  
2019**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

A928e Aurino, Ana Débora Batista.

Educação sexual : estratégias metodológicas para o ensino médio / Ana Débora Batista Aurino. - João Pessoa, 2019.

157 f. : il.

Orientação: Temilce Simões de Assis Cantalice.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCEN.

1. Sexo. 2. Sexualidade. 3. Estratégias de Ensino. 4. Ensino médio. I. Cantalice, Temilce Simões de Assis. II. Título.

UFPB/BC

**ANA DÉBORA BATISTA AURINO**

**EDUCAÇÃO SEXUAL: Estratégias Metodológicas para o Ensino Médio**

Trabalho de Conclusão de Mestrado (TCM) apresentado ao Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional (PROFBIO), do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia.

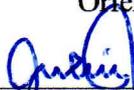
Data: 26/07/2019

Resultado: APROVADO

**BANCA EXAMINADORA**



Prof(a). Dr(a). Temilce Simões de Assis Cantalice – DFP/CCS/UFPB  
Orientadora



Prof(a). Dr(a). José Washington de Moraes Medeiros – UAGN//IFPB  
Avaliador(a)



Prof(a). Dr(a). Antônia Arisdélia Fonseca Matias Aguiar Feitosa – DSE/CCEN/UFPB  
Avaliador(a)

Prof(a). Dr(a). Francisco José Pegado Abílio – DME/CE/UFPB  
Membro Suplente

Prof(a). Dr(a). Thiago Leite de Melo Ruffo – CCB/IFPB  
Membro Suplente

Dedico este trabalho a todos os professores e professoras que assim como eu, sentem a necessidade de trabalhar Educação Sexual nas escolas. Espero que ele possa ser mais um incentivo para vocês.

Dedico esta dissertação também, de forma especial, a minha querida mãe, Maria Dalva e ao meu inesquecível pai, Jacó (*in memoriam*), como forma de agradecimento por todos os esforços que fizeram para que eu e meus outros irmãos e irmãs pudéssemos estudar.



Universidade Federal da Paraíba  
Centro de Ciências Exatas e da Natureza  
Mestrado Profissional em Ensino de  
Biologia em Rede Nacional - PROFBIO



### Relato do Mestrando

Instituição:	Universidade Federal da Paraíba
Mestrando:	Ana Débora Batista Aurino
Título do TCM:	EDUCAÇÃO SEXUAL: Estratégias Metodológicas para o Ensino Médio
Data da Defesa	26/07/2019

Após passar quase 5 anos afastada da universidade, trabalhando como professora de Biologia e Ciências, em 2017 o PROFBIO surgiu na minha vida como uma oportunidade única de buscar melhorar minha prática docente. Ele, a meu ver era a ocasião certa para que eu, professora, pudesse aprender novas formas de ensinar os conteúdos dessa disciplina.

Apesar de exaustivo, participar do PROFBIO, me permitiu visualizar novos horizontes que antes não via, possibilitou a troca de ideias e de conhecimentos entre os professores e alunos, mas principalmente a troca de práticas pedagógicas entre os professores-mestrandos. Essa parte com toda certeza é a mais proveitosa do mestrado.

Após se passarem dois anos, posso afirmar com toda certeza que o diferencial desse tipo de mestrado é a troca de experiência em tempo real, é o aprender no dia-a-dia, é poder colocar a vivência da universidade à prova na escola junto aos alunos, e assim perceber o que funciona ou não, afinal nem todos os professores da universidade conhecem como é a rotina de um professor da educação básica. Nem sempre as práticas sugeridas poderão ser desenvolvidas na escola, nem sempre o conteúdo aprendido poderá ser repassado aos alunos, mas cada situação vivência no mestrado serve de aprendizado, seja ele possível de executar ou não na escola. Desta forma, sabendo das dificuldades que a vida de pós-graduação oferece, cursar o PROFBIO requer muita dedicação e jogo de cintura, já que é necessário conciliar o trabalho de professor, a vida de estudante de mestrado e sua vida particular. Foram muitos conflitos e divergências, porém o sabor de vitória por ter chegado até aqui não tem preço.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela força e pelo consolo na hora do desespero.

A todos da minha família, em especial minha mãe, Maria Dalva, pelo incentivo e apoio para a realização desse mestrado.

Ao meu marido Thiago pelo suporte, pela paciência, pela compreensão e pelo abraço acolhedor que me acalma.

Ao PROFBIO/UFPB pela oportunidade de fazer um mestrado voltado para o Ensino de Biologia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) pelo apoio financeiro para a realização desde trabalho.

A minha querida orientadora Temilce pela paciência, pela compreensão e por todas as contribuições para a elaboração desse trabalho.

A todos os Professores do PROFBIO por todos os ensinamentos e as contribuições para uma educação básica de qualidade.

A todos os meus colegas de turma por sempre se fazerem presentes apoiando e ajudando uns aos outros como uma verdadeira irmandade.

A minha querida amiga Ana Celi, pela amizade, pelo carinho, pela atenção, pelo apoio, pela parceria e pela disposição em realizar uma das atividades comigo.

Ao meu amigo Elton pela elaboração do Abstract.

A banca examinadora, nas pessoas do Prof. Dr. Washington e da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Arisdélia, pela aceitação do convite e todas as sugestões.

Aos membros suplentes da banca por terem se disponibilizados caso algum imprevisto ocorresse na pessoas do Prof. Dr. Francisco Pegado e Prof. Dr. Thiago Ruffo.

Aos meus queridos alunos da 3<sup>a</sup> série A e B da Escola E. E. F. M. Prof. José Baptista de Mello pela disposição e participação durante todo o desenvolvimento do trabalho, sem vocês nada disso seria possível.

A todos os funcionários da escola que me ajudaram na execução das atividades em especial a diretora Rafaela pelo acolhimento do projeto e pela compreensão quando o nó apertou, a Katiúscia, a Fidelis e a Aurélio por todo o apoio técnico durante as atividades, vocês foram demais, e a todos os meus colegas professores pelo incentivo.

A todos os colegas do Instituto Dom Adauto que incentivaram e me apoiaram no primeiro ano do mestrado, principalmente as minhas companheiras Salomé, Cleyde e Gerusa.

Meu muitíssimo obrigada a todos vocês!

## RESUMO

A sexualidade é um fenômeno inerente à vida de todas as pessoas, por ser universal e, ao mesmo tempo, singular a cada indivíduo. A construção da sexualidade advém de seus aspectos individuais, sociais, psíquicos e culturais. Na adolescência as transformações morfológicas e fisiológicas que ocorrem no corpo dos jovens favorecem a descoberta da sexualidade. Por isso, a importância de desenvolver práticas de educação sexual que permitem dialogar, trocar experiências e informações, assim como, promover uma maior autonomia quanto à sexualidade, além de contribuir com a saúde dos adolescentes. No entanto, devido à falta de formação continuada e à insegurança dos professores, este assunto acaba sendo abordado de maneira superficial. Portanto, esta pesquisa tem como objetivo principal, propor estratégias metodológicas, construídas a partir de vivências pedagógicas no espaço escolar, para auxiliar docentes da educação básica a trabalharem educação sexual no ensino médio. Para isso, através de uma abordagem quali-quantitativa baseada na pesquisa participante e direcionado a duas turmas da terceira série do ensino médio de uma Escola Estadual de João Pessoa-PB, desenvolveu estratégias metodológicas de aprendizagem ativas, voltadas ao lúdico e ao protagonismo do aluno. As informações obtidas através dos questionários e da observação das ações desenvolvidas foram analisadas por meio da técnica chamada análise de conteúdo. Os sujeitos da pesquisa foram 56 alunos, entre 16-20 anos de idade. Foi observado que o uso do preservativo está relacionado à proteção a gravidez e doenças/infecções, enquanto que o não uso relaciona-se à utilização de outro método contraceptivo ou simplesmente porque não gostam. Verificou-se que os alunos apresentaram maior facilidade no entendimento dos conteúdos da anatomia do sistema genital humano, que os de fisiologia. Através da “Dinâmica com Post it: Sexo e Sexualidade” foi observado que eles não mostraram uma compreensão clara do que sejam sexo e sexualidade, apresentando diversas concepções do que esses conceitos representam. Através da “Dinâmica Coisa de homem/menino x Coisa de Mulher/menina” e da análise de três músicas percebeu-se que os alunos possuem representações sociais de gênero voltados principalmente aos aspectos corporais e comportamentais de cada gênero. Por meio da atividade “Métodos contraceptivos e IST” foi possível apresentar as principais IST e os métodos contraceptivos mais usados pelo público adolescente, além de ensinar a maneira correta de usar o preservativo masculino, como forma de sensibilização dos alunos que possuem comportamento de risco. Por meio do QAM foi possível perceber as razões pelas quais os alunos consideram importante a promoção de atividades de educação sexual na escola, o que eles mais gostaram e menos gostaram nas atividades desenvolvidas neste trabalho e quais os conteúdos que gostariam que fossem abordados. Sendo assim este trabalho pode ser utilizado como respaldo, auxiliando outros professores na abordagem de educação sexual por meio da utilização das estratégias na forma de um manual de sequência didáticas.

Palavras-chave: Sexo. Sexualidade. Estratégias de ensino. Ensino médio.

## ABSTRACT

Sexuality is an inherent phenomenon in the life of all people, because it is universal and, at the same time, unique to each individual. The construction of sexuality comes from its individual, social, psychic and cultural aspects. In adolescence, the morphological and physiological changes that occur to the body of young people favor the discovery of sexuality. Therefore, the importance of developing sexual education practices that allow dialogue, exchange experiences and information, as well as promote a greater autonomy regarding sexuality, and contribute to the health of adolescents. However, due to the lack of continuing education and teacher insecurity, this subject ends up being approached in a superficial way. Therefore, this research has as main objective, to propose methodological strategies, constructed from pedagogical experiences in the school space, to help teachers of basic education to work sex education in high school. Therefore, through a quanti-qualitative approach based on a participant research directed to two third year classes of a State secondary school in João Pessoa-PB, developed active methodological strategies of learning, focused on the ludic and student's protagonism. The answers obtained from the questionnaires and the observation of the actions developed were analyzed using a technique called content analysis. The subjects of the survey were 56 students, mostly girls, between 16-20 years of age. The students condom use is related to protection against pregnancy and/or diseases/infections, whereas non-use is related to the use of another contraceptive method or simply because they do not like to wear condoms. It was verified that the students easily understand of the contents of the anatomy of the human genital system, than human reproductive physiology. Through "Dynamics with Post it: Sex and Sexuality" it was observed that they did not show a clear understanding of what sex and sexuality was, presenting several mistaken ideas of what these concepts represent. Through the "Dynamic man/boy thing x woman/girl thing" and during the analysis of three songs it was noticed that the students have social representations of gender focused mainly on the corporal and behavioral aspects of each gender. Through the activity "Contraceptive methods and STI" developed in partnership with a health professional, it was possible to show the main STI and contraceptive methods used mainly by the adolescent public, besides teaching how to use correctly male condom, as a way of awareness of students who are at risk. Through the MEQ (Methodological Evaluation Questionnaire) it was possible to understand the reasons why students consider important to promote sex education activities in school, what they enjoyed and disliked about the activities developed in this work and what contents they would like to be addressed. Thus, this work can be used as a subsidy, helping other teachers to approach sexual education through the use of strategies in the form of a didactic sequence manual.

Keywords: Sex. Sexuality. Teaching strategies. High School.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Estudantes analisando as imagens do sistema genital humano (A) turma A e (B) turma B 53
- Figura 2 – Apresentações sobre o sistema genital feminino interno: (A) turma A e (B) - turma B, (C) sistema genital feminino externo da turma A, e (D) sistema genital masculino interno da turma A 62
- Figura 3 – Modelos didáticos confeccionados pelos estudantes: (A) espermatozoide, (B) ovócito II, (C) e (F) Sistema genital masculino externo (turmas A e B, respectivamente), (D) Sistema genital feminino externo, (E) Sistema genital feminino interno 62
- Figura 4 – Estudante durante a Dinâmica com “Post it”: (A e B) Colocação dos post it no quadro nas turmas A e B respectivamente, (C e D) Observação dos post it nas turmas A e B respectivamente, e (E e F) Debate aberto na 3ª série B 64
- Figura 5 – Questões de gênero nas turmas A e B, respectivamente: Discussão da temática (A e B); Análise das músicas (C e D) 71
- Figura 6 – Debate aberto com os estudantes sobre métodos contraceptivos e IST: (A) Conversa inicial, (B e C) Dinâmica dos cartões e (D) Apresentação sobre IST e métodos contraceptivos. 84

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Programação das atividades desenvolvidas.

51

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade da primeira relação sexual por sexo	39
Gráfico 2 – Justificativas dos estudantes para não usarem a camisinha em suas relações sexuais	43
Gráfico 3 – Métodos contraceptivos citados pelos estudantes	47
Gráfico 4 – DST/IST mais citadas pelos estudantes	50
Gráfico 5 – Justificativas dos estudantes sobre a importância da escola promover ações de educação sexual	89
Gráfico 6 – Categorias formuladas sobre o que os estudantes mais gostaram na pesquisa	90
Gráfico 7 – Categorias formuladas sobre o que os estudantes menos gostaram na pesquisa	92
Gráfico 8 – Assuntos sobre sexualidade que os estudantes gostariam que fossem discutidos ou abordados	93

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>GERAL:.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2</b>	<b>ESPECÍFICOS: .....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>ELEMENTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL..</b>	<b>17</b>
<b>3.1</b>	<b>ORIENTAÇÃO SEXUAL, EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE: ESTABELECENDO DIFERENÇAS CONCEITUAIS .....</b>	<b>17</b>
<b>3.2</b>	<b>A EDUCAÇÃO SEXUAL E A ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ENSINO BÁSICO BRASILEIRO: CONTEXTO HISTÓRICO.....</b>	<b>22</b>
<b>3.3</b>	<b>EDUCAÇÃO BÁSICA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS ATUAIS NO ENSINO DA SEXUALIDADE NO BRASIL .....</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>ABORDAGEM METODOLÓGICA .....</b>	<b>32</b>
<b>4.1</b>	<b>EPISTEMOLOGIA METODOLÓGICA.....</b>	<b>32</b>
<b>4.2</b>	<b>PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS .....</b>	<b>33</b>
<b>4.3</b>	<b>PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>34</b>
<b>4.4</b>	<b>CARACTERIZAÇÕES DA ÁREA DE ESTUDO.....</b>	<b>35</b>
<b>4.5</b>	<b>SUJEITOS DA PESQUISA .....</b>	<b>36</b>
<b>4.6</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>36</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA .....</b>	<b>38</b>
<b>5.1</b>	<b>ANÁLISE DO PERFIL DISCENTE .....</b>	<b>38</b>
<b>5.2</b>	<b>DESENVOLVIMENTO DAS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....</b>	<b>51</b>
<b>5.2.1</b>	<b>Conhecendo a Morfofisiologia do Sistema Genital Humano .....</b>	<b>52</b>

5.2.2	Dinâmica com Post it: Sexo e Sexualidade .....	63
5.2.3	Representações Sociais de Gênero .....	70
5.2.4	Métodos Contraceptivos e IST .....	83
<b>5.3</b>	<b>AVALIAÇÃO METODOLÓGICA .....</b>	<b>88</b>
<b>5.4</b>	<b>MANUAL DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS .....</b>	<b>94</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>95</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>100</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>107</b>
	<b>APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>108</b>
	<b>APÊNDICE B – Termo de Assentimento .....</b>	<b>109</b>
	<b>APÊNDICE C – Termo de Compromisso do Pesquisador .....</b>	<b>111</b>
	<b>APÊNDICE D – Questionário de Diagnose Discente – QDD.....</b>	<b>112</b>
	<b>APÊNDICE E – Questionário Avaliativo da Metodologia – QAM.....</b>	<b>113</b>
	<b>APÊNDICE F – Roteiro de Observação Participante.....</b>	<b>114</b>
	<b>APÊNDICE G - Manual de Sequência Didáticas .....</b>	<b>115</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>147</b>
	<b>ANEXO A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética do CCS/UFPB .....</b>	<b>148</b>
	<b>ANEXO B – Declaração de Anuência da Direção Escolar.....</b>	<b>151</b>
	<b>ANEXO C – Imagens do Sistema Genital Masculino Externo (A) e Interno (B)</b>	<b>152</b>
	<b>ANEXO D – Imagens do Sistema Genital Feminino Externo (A) e Interno (B) .</b>	<b>153</b>
	<b>ANEXO E – Letra da Música “Palma da mão no chão” (Gil Bala) .....</b>	<b>154</b>
	<b>ANEXO F – Letra da Música “Uber” (Aviões do Forró).....</b>	<b>155</b>
	<b>ANEXO G – Letra da Música “Sonhei que tava me casando” (Wesley Safadão)</b>	<b>156</b>

## 1 INTRODUÇÃO

De maneira geral, os temas Sexualidade, Orientação Sexual (OS) e Educação Sexual (ES) são tratados de forma superficial tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio, principalmente devido à insegurança dos professores em ministrar os temas em sua sala de aula (VIEIRA; MATSUKURA, 2017; MOIZÉS; BUENO, 2010; QUIRINO; ROCHA, 2012).

Além da insegurança, Jardim e Brêtas (2006, p. 158) destacam a religião e os valores pessoais como fatores relevantes, pois os docentes muitas vezes “tomam por base seus próprios valores, com condutas discriminatórias e posturas pouco reflexivas, devendo, portanto ser cuidadosos para não confundir o trabalho de educação sexual com suas convicções pessoais, religiosas ou partidárias sobre a matéria”.

Segundo Ressel e Galda (2003, p. 83), a sexualidade é um fenômeno inerente à vida de todas as pessoas, caracterizado por ser universal e, ao mesmo tempo, singular a cada indivíduo, tendo em vista a sua especificidade. Essas autoras apontam que a complexidade da construção da sexualidade advém de seus “aspectos individuais, sociais, psíquicos e culturais que carregam historicidade e envolvem práticas, atitudes e simbolizações”.

Falar sobre sexo e sexualidade é de extrema importância, tendo em vista que essas temáticas são pouco discutidas por serem consideradas proibidas para algumas pessoas. Como o sexo ainda é considerado um tabu, na sociedade é muito frequente problemas relativos à sexualidade.

O processo de transformação durante a adolescência é marcado por questões de sexualidade, pois estão relacionadas às descobertas sobre os desejos e valores pessoais, além de apresentar uma grande importância na formação de identidade dos sujeitos (VIEIRA; MATSUKURA, 2017). Sabendo que a adolescência é uma fase de grandes transformações morfofisiológicas e de construção e formação dos sujeitos, Taquete (2008, p. 206), afirma que “acompanhar desde cedo o processo de desenvolvimento pode ajudar o adolescente a prevenir problemas futuros como abuso sexual, gravidez não desejada, promiscuidade ou dificuldades sexuais propriamente ditas como frigidez, impotência sexual, ejaculação precoce, etc”.

Sendo assim, é preciso ressaltar a relevância do desenvolvimento de práticas de cuidado voltadas à saúde integral da adolescência, destacando as ações educativas vinculadas à sexualidade (BRASIL, 2005a, 2007).

Desta forma, para Vieira e Matsukura (2017) a escola se torna um espaço do desenvolvimento de práticas de ES que permite dialogar, trocar experiências e informações, assim como, promover uma maior autonomia quanto à sexualidade, além de contribuir com a saúde dos adolescentes e reduzir possíveis problemas devido à experiência oriunda das vivências sexuais.

Para Santana (2006, p. 1), “o trabalho sistemático de Orientação Sexual dentro da escola articula-se com a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes. [...] possibilita também a realização de ações preventivas as DST; gravidez indesejada e o abuso sexual de forma mais eficaz.”. Entretanto, é preciso destacar, que ao se trabalhar educação sexual na escola é preciso ir além da ideia higienista e estritamente biológica da sexualidade.

Ao abordar essa temática, é extremamente necessário discutir e problematizar os diversos aspectos da sexualidade, como: sexo, corpo, prazer, toque, afetividade, carinho, linguagem corporal, comunicação com o mundo, questões de gênero, de identidade e orientação sexual e de identidade de gênero, além das normas e valores culturais que a sociedade impõe. Pois, de acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a abordagem acerca de Orientação Sexual deve ser feita através da transversalidade, de modo que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos sobre esse tema estejam contemplados em diversas áreas do conhecimento, (BRASIL, 1997). No entanto, não é isso que as escolas têm apresentado. A abordagem desse tema fica por conta dos professores de Ciências no ensino fundamental e de Biologia no ensino médio.

Sabendo disso, Vieira e Matsukura (2017), ressaltam a importância da necessidade da capacitação profissional para que os professores através de novas práticas educativas possam refletir acerca das mudanças na realidade e nas políticas educacionais, que atualmente exige da escola um papel formador na construção da cidadania.

Diante deste contexto, é importante buscar estratégias de ensino sobre educação sexual que facilitem a abordagem deste tema tanto no contexto biológico, mas principalmente, no contexto social e cultural, tendo em vista que os professores não se sentem seguros para abordar a questão da sexualidade no espaço escolar (FIGUEIRÓS, 2006).

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 GERAL:**

- Propor estratégias metodológicas, construídas a partir de vivências pedagógicas no espaço escolar, para auxiliar docentes da educação básica a trabalharem educação sexual no ensino médio.

### **2.2 ESPECÍFICOS:**

- Diagnosticar o perfil dos sujeitos da pesquisa acerca de sua atividade sexual;
- Estabelecer estratégias didáticas, interativas e lúdicas que facilitem a abordagem morfofisiológica do sistema genital humano.
- Analisar e discutir as concepções dos alunos sobre a diferença entre Sexo e Sexualidade;
- Verificar e discutir as percepções dos estudantes sobre as representações sociais de gênero;
- Discutir sobre a importância de conhecer os métodos contraceptivos e as Infecções Sexualmente Transmissíveis-IST;
- Sensibilizar os alunos quanto à importância dos métodos contraceptivos para a prevenção das IST e de uma gravidez indesejada;
- Avaliar a aceitação e a satisfação das estratégias utilizadas na pesquisa sobre educação sexual na escola pelos estudantes.
- Organizar as estratégias de ensino na forma de um manual de sequência didáticas que auxiliem os docentes na abordagem sobre educação sexual no ensino médio;

### **3 ELEMENTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL**

#### **3.1 ORIENTAÇÃO SEXUAL, EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE: ESTABELECENDO DIFERENÇAS CONCEITUAIS**

Sabe-se que a expressão sexual humana vai sendo construída e aprendida desde o seu nascimento, indo muito além dos aspectos físico e biológico. De acordo com Flores (2004, p. 25):

A sexualidade é a primeira condição para a curiosidade humana, instalando-se forças para a aprendizagem. [...] configura como uma dimensão ontológica essencialmente humana, onde estão presentes elementos de natureza íntima e subjetiva integrada as exigências de ordem externa, social, ética e política.

Para Abramovay, Castro e Silva, (2004) é comum as pessoas confundirem os conceitos de sexualidade e sexo. Deste modo, é necessário fazer esta distinção. Ao falar de sexo é possível considerar dois possíveis entendimentos: a) aquele que se refere às estruturas genitais dos corpos do macho e da fêmea de uma espécie e, b) o ato, ou a atividade, ou a relação sexual (HEILBORN, 2003). No entanto, restringir a sexualidade humana apenas a visão biológica é um equívoco, pois exclui os seus elementos socioculturais e psicológicos.

Sendo assim, a sexualidade pode ser entendida como um aspecto inerente ao ser humano, pois como afirma Figueiró, (2006, p. 2), ela inclui: “o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade”, assim como, “os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual”.

Segundo Navarro-Swain (2010, p. 5), “os comportamentos ligados à sexualidade são históricos, isto é, mutáveis e diversos de acordo com o espaço/tempo em que são contemplados”.

Como aponta Carvalho e Oliveira (2017), no século XVII, por exemplo, existia uma tolerância com o que era considerado errado, pecaminoso e ilícito nas práticas que envolviam a sexualidade. Para Foucault (1988) essas práticas não procuravam segredos, quando comparadas com as do século XIX, onde a sexualidade foi contida, passando então, para o seio da família conjugal, com fins meramente reprodutivos, e o sexo sendo motivo de repressão, de vergonha e de condenação. Desta forma, segundo Foucault (1988, p.11), a

repressão pode ser considerada “o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade [...]”.

Portanto, se este poder repressivo está evidente há tanto tempo na sociedade é porque possui raízes e razões sólidas, de modo que os efeitos da sua liberação demorem um pouco a se manifestar. Segundo Machado (2010, p. 16) existe “uma ideia muito perturbada sobre a questão sexual devido uma ideologia repressiva do sexo”, sendo ela, uma das principais responsáveis pelas ignorâncias e pelos tabus a respeito das questões relacionadas à sexualidade.

Entretanto, ressalta-se que o próprio fato de falar sobre sexo já é uma forma de transgressão do que Foucault chama de *hipótese repressiva*, tendo em vista que as relações de poder estão diretamente relacionadas à construção da sexualidade das pessoas. Desta forma, a importância não está no saber o que dizer sobre sexo, mas sim na colocação do em sexo em discurso, no “fato de falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vistas de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 18). A partir disso, Carvalho e Oliveira (2017, p. 103) afirmam que a sexualidade do indivíduo está à mercê dos poderes discursivos das ciências, os quais controlam os desejos e os corpos dos sujeitos.

Houve então, a partir do século XVIII, um aumento na incitação aos discursos sobre o sexo, não do discurso ilícito, que aborda o sexo de forma indecente e sem pudor, mas da multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício de poder nas instituições, como o processo de confissão da igreja, por exemplo. Para Rago (2010), a confissão é uma forma de dominação, já que a pessoa está sujeita a análise e julgamento através do olhar do outro. Cabe ressaltar, que a autora, não se refere apenas à confissão religiosa, mas todo e qualquer tipo de confissão que fazemos a outra pessoa acerca de nossas ações e pensamentos, seja no trabalho, na família ou na escola. “O sexo, [...] não deve mais ser mencionado sem prudência; mas seus aspectos suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até às mais finas ramificações: [...] **tudo deve ser dito**”. (FOUCAULT, 1988, p. 25, grifo nosso).

Vale salientar ainda, que no século XVIII, houve uma incitação de esfera política, econômica e técnica ao falar sobre sexo, inserindo-o no contexto de sistemas de utilidade, regulado para o bem de todos, seguindo um padrão ótimo. Sendo assim, para Foucault (1988, p. 25), “o sexo não se julga, administra-se. Sobreleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão; [...], se torna questão de ‘polícia’”.

Este tipo de discurso relacionado ao sexo deve-se principalmente aos problemas econômicos e políticos presentes na população, relacionados à riqueza, capacidade de trabalho e o equilíbrio entre o crescimento populacional e as fontes de que dispõe; e fatores específicos como: natalidade, expectativa de vida, fecundidade, saúde e bem-estar, incidência de doenças, hábitos alimentares e habitação, entre outros.

Como afirma Alvarez (2010, p. 14), atualmente a sexualidade é alvo tanto de técnicas disciplinares quando de questões da gestão de população, sendo a primeira voltada para “a normalização da sexualidade – definição do que é normal ou não”, e a segunda no que diz respeito a “preocupação com a reprodução etc.” Desta forma, percebe-se que todos estes aspectos relacionam diretamente o discurso onde a conduta sexual da população é objeto de análise e alvo de intervenção do poder público. Logo, segundo Foucault (1988, p. 33) “entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram”. Segundo Flores (2004, p. 24), Foucault defende que:

A sociedade quer controlar essa sexualidade, não fazendo uso da repressão, mas, a partir do saber/poder. Quem detém o “saber”, exerce o “poder” sobre quem não sabe configurando-se enquanto dispositivo de poder normalizador sobre o indivíduo e a sociedade. Então conclui-se que a história de uma povo é rica de subsídios normatizadores e de influência significativa na formação dos sujeitos.

De acordo Brasil (1994, p.15) apesar de “ora repressiva, ora permissiva, a sociedade não cessa de interferir, através de suas instituições, no comportamento sexual das pessoas, definindo, no tempo e no espaço, padrões de comportamento sexual culturalmente aceitáveis”, principalmente quando se fala de sexo das crianças e adolescentes. Vale ressaltar que o discurso não foi silenciado, ele continuou sendo discutido, porém com nova roupagem, isto é, abordado por outras pessoas, de outras maneiras, partindo de outros pontos de vistas, buscando outros objetivos, adequando assim, ao público em questão.

Levando em consideração os colégios do século XVIII, a impressão é que nesses locais praticamente não se fala em sexo, todavia, basta observar a arquitetura do prédio, o regulamento disciplinar e sua organização interna, que se trata continuamente de sexo, contatando-se assim, que a sexualidade das crianças existe, é precoce, ativa e permanente.

Seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, desde o século XVIII, ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implementação diferentes; codificou conteúdos e qualificou os locutores. (FOUCAULT, 1988, p. 36).

Desta forma, é possível vincular diretamente a multiplicação dos discursos sobre o sexo e a intensificação das relações de poder, de modo que o sexo das crianças e dos adolescentes tornou-se o foco de diversos dispositivos institucionais e de estratégias de discurso.

Portanto, fica evidente que, nos últimos séculos, houve uma incitação ao discurso, regulada e polimorfa sobre o sexo, e não um silenciamento como muitos acreditam. Para Foucault (1988, p. 42) “o que é o próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo, a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo”.

Por isso ainda hoje existe muito preconceito ao se falar sobre sexo e sexualidade, tendo em vistas os aspectos éticos, sociais e culturais que esses assuntos trazem à tona. Para Taquette (2008, p. 206):

Em nossa sociedade sexo ainda é um tabu e os problemas relativos à sexualidade são muito frequentes. Acompanhar desde cedo o processo de desenvolvimento pode ajudar o adolescente a prevenir problemas futuros como abuso sexual, gravidez não desejada, promiscuidade ou dificuldades sexuais propriamente ditas como frigidez, impotência sexual, ejaculação precoce, etc.

A adolescência é uma das fases da vida humana mais inquietante, o que contribui com a preocupação que vem assolando os jovens, a respeito de saúde sexual e reprodutiva, gravidez precoce, aborto inseguro, IST e AIDS, além de ser uma fase decisiva no âmbito da identidade do jovem, podendo gerar alguns conflitos.

Falar sobre sexualidade no ambiente escolar é sempre um assunto polêmico diante da diversidade de pessoas (alunos, professores, pais e funcionários) cada um com suas crenças, suas visões de mundo e seus valores, além dos fatores sociais e históricos que este tema abrange. Por isso a importância de saber o que é e qual papel da Educação sexual.

De acordo com as Diretrizes para uma Política Educacional em Sexualidade, o sexo no *strictu sensu* pertence ao nível biológico, a Educação Sexual pode ser entendida “como sendo apenas o estudo dos fenômenos orgânicos ligados à fisiologia e à patologia da atividade sexual, bem como às demais questões pertinentes ao uso do aparelho reprodutor”. No *lato sensu*, o sexo não se restringe apenas a fins reprodutivos, a Educação em Sexualidade, que hoje em dia se equivale ao termo Educação Sexual, “deve ser entendida no sentido amplo e

abrangente, de educação para a plenitude do exercício da sexualidade humana.” (BRASIL, 1994, p. 17).

No entanto é muito comum na literatura sobre sexualidade encontrar os termos *Educação sexual* e *Orientação sexual*. Cabe ressaltar que é preciso diferenciá-los para ter uma melhor compreensão e aplicabilidade dos mesmos.

Segundo Reis e Ribeiro (2005, p. 35, grifo nosso):

Utilizamos o termo **educação sexual** quando nos referimos à educação recebida pelo indivíduo desde o nascimento, inicialmente na família, posteriormente na comunidade, com seu grupo social e religioso, com a mídia, educação. Essa educação é contínua, indiscriminada e decorrente dos processos culturais que envolvem a aquisição de normas, regras e valores sobre o sexo. Utilizamos o termo **orientação sexual** para nos referir a um trabalho planejado, organizado, sistematizado, com tempo e objetivo limitados, realizado por um profissional especializado.

De acordo com o Guia de Orientação Sexual: Diretrizes e Metodologia elaborado por Suplicy *et al.* (1994), a ES é qualquer processo informal pelo qual se aprende sobre a sexualidade ao longo da vida, seja por meio da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia, enquanto que OS é um processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas.

Para Vitiello (1997, p. 95) a orientação sexual “implica num mecanismo mais elaborado, segundo o qual baseando-se na experiência e nos seus conhecimentos o orientador ajuda o orientando a analisar diferentes opções, tornando-o assim apto a descobrir novos caminhos”, enquanto que a educação sexual é um processo mais demorado, iniciando-se desde o nascimento até a morte do indivíduo, de forma que o professor deve fornecer as condições necessárias aos alunos para que ele consiga amadurecer psicologicamente e cognitivamente.

Desta forma, Jardim e Brêtas (2006, p. 158) apontam que “a família, a sociedade e a escola são as instituições básicas para o desenvolvimento das ações educativas”. No entanto, salientam que apesar da educação sexual ser um dever da família, por proporcionar a formação inicial sobre a identidade de gênero e dos papéis sexuais dos filhos, as instituições como a escola e os meios de comunicação como televisão, rádio e internet também influenciam o comportamento do adolescente, já que fornecem informação sobre sexualidade.

### **3.2 A EDUCAÇÃO SEXUAL E A ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ENSINO BÁSICO BRASILEIRO: CONTEXTO HISTÓRICO**

Segundo Brasil (1994, p. 27) “nunca a sexualidade foi mais abertamente debatida. Saiu da sombra dos preconceitos e dos silêncios para ganhar um amplo espaço nos meios de comunicação”. No entanto, é preciso refletir sobre as informações em massa que saem desses meios, pois nem sempre elas são transmitidas de forma adequada, fazendo com que os jovens iniciem sua atividade sexual cada vez mais cedo e de maneira irresponsável.

De acordo a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) de nº 9.394, a educação é dever da família e do Estado, tendo por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, e seu preparo para o exercício da cidadania. Ela “abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (BRASIL, 1996, p.1).

Sabendo disso, para Jardim e Brêtas (2006) e Brasil (1994) a educação sexual é dever da família. No entanto, ela nem sempre vem cumprindo seu papel no diz respeito à sexualidade dos seus filhos. Segundo Montardo (2008, p. 162) a escola passou a ser o local principal que fornece ES de maneira que:

Ocorreu a descaracterização da competência dos pais como educadores sexuais e a família não apenas perdeu a autonomia sobre a sexualidade de seus filhos, como foi responsabilizada por enviar às escolas alunos desinformados e com atitudes negativas em relação ao sexo”.

Desta forma, a escola tornou-se o local mais adequado para o desenvolvimento de ações voltadas ES, já que “é através do sistema formal de ensino a maneira mais rápida, eficaz e abrangente que a sociedade dispõe para educar o jovem a vivenciar uma sexualidade plena e responsável.” (BRASIL, 1994, p. 28).

Pensando no papel da escola sobre a abordagem da sexualidade é preciso entender como este tema começou a ser debatido e trabalhado dentro do contexto escolar no Brasil.

A literatura aponta que no Brasil desde o início do século XX, a educação sexual para adolescentes passou a ganhar cada vez mais importância, gerando discussões sobre quem deve exercer o papel de educador sexual e quais os lugares que este tipo de educação deve acontecer, “tendo ocorrido no desenrolar do século e de suas mudanças sociais e culturais,

debates sobre os papéis a serem desempenhados por pais, padres, professores, médicos, família e escola.” (MONTARDO, 2008, p. 161).

Os PCN indicam que desde a década de 20 a temática da sexualidade vem sendo discutida e trabalhada nas escolas com enfoques e ênfases diferentes. Nesta época, a ES sofreu influência da corrente médico-higienista da Europa, e tinha por objetivo proteger a infância e a maternidade. Apenas em 1928 que Congresso Nacional de Educadores aprovou “a proposta de um programa de Educação Sexual nas escolas para crianças acima de onze anos de idade.” (SPITZNER, 2005, p. 117). Sendo assim, de acordo com o que afirma Santana (2006, p. 4), esta educação objetiva “combater a masturbação, as doenças venéreas, bem como o preparo da mulher para exercer o papel de esposa e mãe, visando sempre à ‘saúde pública’ e à ‘moral sadia’, procurando assegurar a saudável reprodução da espécie”.

Na década de 30, apesar do apoio à ES, a pesquisa pública realizada pelo jornal Diário da Noite, do Rio de Janeiro, apresentou algumas divergências em relação às estratégias de ensino e ao conteúdo programático (SPITZNER, 2005). Ainda nesse ano, o professor Stawiarski do Colégio Batista, no Rio de Janeiro, voltado apenas para meninos, incluiu em seu currículo o ensino da evolução das espécies proposto por Darwin e da ES abordando conteúdos relacionados ao corpo humano, o que acarretou na sua demissão, por ser acusado de comportamentos imorais (ANDRADE; LIMA, MONTENEGRO, 2016).

De acordo com Sayão (1997), existe uma lacuna entre os anos de 1935 e 1950, configurando assim uma fase de retrocesso quanto às iniciativas de implementação da Educação sexual nas escolas.

A década de 1950 foi marcada pela forte repressão da ES, quando a mando da Igreja Católica alguns livros sobre a temática da sexualidade foram retirados de circulação, estabelecendo assim, o que deveria ser ensinado e quem deveria ter acesso aos exemplares. Dentre os livros com a temática voltada à sexualidade, onde os leigos não tinham acesso, destacam-se: *Métodos de Controle da Fertilidade e a Nossa Vida Sexual* de Ogino Knauss; *Guia e Conselhos para Todos, com respostas a Todas as Questões* de Fritz Kahm. Segundo Montardo (2008), a família, para muitos padres católicos, era a única instituição que deveria educar sexualmente seus filhos. Cabe ressaltar que as únicas escolas que podiam abordar as questões sexuais através de um ensino coletivo eram as escolas católicas, pois nelas a sexualidade era proferida através de um discurso religioso, onde a castidade era enaltecida e a única intenção da relação sexual era a reprodução da espécie.

Durante a década de 60, o golpe militar acabou por determinar diversas mudanças nas instituições de ensino, favorecendo apenas aquelas que discutiam os aspectos da sexualidade sob a ótica dos valores e da moral cristã. No entanto, apesar da forte repressão nesse período, foram realizadas várias tentativas de implantação da Educação Sexual em escolas públicas e privadas, trabalhando não apenas conteúdo de cunho higienista e biológico, mas de contexto sociocultural.

De acordo com os PCN sobre Orientação sexual, a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas se intensificou a partir de 1970, em virtude dos movimentos feministas e de grupos que pregavam o controle de natalidade.

Em meados dos anos 80, houve um aumento na demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento de casos de gravidez indesejada e do risco da infecção pelo HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) entre os jovens (BRASIL, 1997). Além disso, essa “pandemia do HIV/AIDS, no entanto, possibilitou uma maior popularização e difusão dos debates sobre a sexualidade.” (ABRAMOVAY, CASTRO, SILVA, 2004, p. 32).

Entretanto, cabe ressaltar que inicialmente o trabalho de ES e OS nas escolas estavam voltados principalmente, à prevenção da gravidez na adolescência e às DST, em especial a AIDS, e à abordagem da anatomia do sistema reprodutor humano.

Pensando nisso, o Ministério da Educação, a partir de 1997, através da elaboração dos PCN, sugeriu que o tema Orientação sexual fosse incluído nos currículos dos quatro ciclos do ensino fundamental, pois a sexualidade é uma característica indispensável na formação do homem para o exercício da cidadania e:

Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro. (BRASIL, 1997, p. 287).

Considerando todas estas questões, os PCN têm como objetivos gerais: respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade; compreender a busca de prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana; conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde; identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade; reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas

ao masculino e ao feminino; identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os do outro; proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores; conhecer e adotar práticas de sexo protegido, desde o início do relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da Aids; evitar uma gravidez indesejada, procurando orientação e fazendo uso de métodos contraceptivos; tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade (BRASIL, 1997).

Cabe ressaltar que, apesar dos PCN destacar a importância da inserção de atividades que envolvam a temática da sexualidade nas escolas, o Plano Nacional de Educação (PNE) não aborda em seu texto o tema, ou os assuntos a ele relacionados, como por exemplo: diferença ou diversidade sexual, identidade e diversidade de gênero.

Com relação à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), observa-se que a abordagem sobre a sexualidade na BCNN para a etapa do Ensino Fundamental é um pouco mais explicativa que a BNCC para a etapa do Ensino Médio.

Para os anos finais do ensino fundamental, a BNCC recomenda que também sejam abordados temas “relacionados à reprodução e à sexualidade humana, assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária” (BRASIL, 2017b, p. 327). Isto porque se espera que os estudantes ao terminarem esse nível de ensino sejam capazes de:

Compreender a organização e o funcionamento de seu corpo, assim como a interpretar as modificações físicas e emocionais que acompanham a adolescência e a reconhecer o impacto que elas podem ter na autoestima e na segurança de seu próprio corpo. É também fundamental que tenham condições de assumir o protagonismo na escolha de posicionamentos que representem autocuidado com seu corpo e respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva. (BRASIL, 2017b, p. 327).

Para atingir esses objetivos, a BNCC, direcionada para o 8º ano do ensino fundamental, propõe que na Unidade temática “*Vida e Evolução*” como “*Objetos de Conhecimentos*” estejam presentes conteúdos direcionados aos “*Mecanismos reprodutivos*” e a “*Sexualidade*”, os estudantes possuam as seguintes habilidades:

(EF08CI08) Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso.

(EF08CI09) Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a

responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).

(EF08CI10) Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção.

(EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) (BRASIL, 2017b, p. 349).

Sendo assim, pode-se observar que o texto se refere aos outros aspectos da sexualidade, porém de maneira muito superficial, abordando principalmente os aspectos biológicos.

Quanto à BNCC voltada para o ensino médio, observa-se que a palavra sexualidade é citada apenas uma única vez, se referindo apenas, às situações de trabalho coletivo, baseadas no interesse dos estudantes para favorecer o seu protagonismo, por meio de núcleos de estudos para a articulação entre as áreas do conhecimento como forma de proporcionar a abordagem da temática:

**Núcleos de estudos:** desenvolvem estudos e pesquisas, promovem fóruns de debates sobre um determinado tema de interesse e disseminam conhecimentos por meio de eventos – seminários, palestras, encontros, colóquios –, publicações, campanhas etc. (juventudes, diversidades, sexualidade, mulher, juventude e trabalho etc.) (BRASIL, 2018, p. 472).

Desta forma, observa-se que atualmente, os documentos que tratam do currículo da educação básica ainda não discorrem de forma clara, objetiva e contextualizada sobre a sexualidade e os conteúdos a ela relacionados, trazendo na maioria das vezes assuntos com uma abordagem estritamente biológica sobre reprodução, contracepção e doenças.

Sabendo que os alunos já chegam à escola com determinados valores pré-estabelecidos, fornecidos principalmente pela família, e com informações obtidas através de sites da internet, livros, conversas com colegas ou pessoas que não fazem parte do grupo familiar, a sexualidade deve trabalhada levando em consideração suas dimensões biológica, psíquica e sociocultural, para “complementar o papel da família, repercutindo nas escolas as mensagens veiculadas pela mídia e aprendidas no convívio social.” (FLORES, 2004, p. 5).

No entanto, é preciso levar em consideração que à medida que se exige da escola o papel de educador/orientador sexual, se faz necessário capacitar seus profissionais,

principalmente, professores, psicólogos e orientadores educacionais, para que as ações sejam desenvolvidas de maneira adequada. Apesar da importância da temática atualmente, de acordo com o Relatório do 1º ciclo de monitoramento das metas do PNE para o biênio 2014-2016, entre os professores que realizaram cursos de formação continuada de 2012 a 2015, apenas, aproximadamente, 1% deles fizeram cursos na área de Gênero e Diversidade sexual nos anos de 2014 e 2015 (BRASIL, 2016).

Todavia, Montardo (2008, p. 167) aponta que o educador sexual possui características “muito diferentes daquelas que a maioria dos professores apresenta, pois ele deverá estar preparado para polemizar, lidar com valores, tabus, preconceitos e informar sobre as dúvidas, em vez de simplesmente transmitir conteúdos”.

Para Flores (2004, p. 3), como a escola “é uma instituição de poder e, como tal, terá que se permitir mudanças que levem um educador a preparar-se de tal forma que possa ajudar o educando sob um prisma de novas significações e vivências”.

Ao abordar a sexualidade nas escolas é preciso transpor as barreiras por partes dos pais, pois temem que os professores passem seus próprios valores para seus filhos. Além disso, é necessário que os docentes busquem fazer uma formação continuada para tratar de sexualidade com crianças e adolescentes na escola, permitindo o desenvolvimento de um profissional mais competente e consciente ao abordar este tema. Sendo assim, a busca por uma formação específica nessa área, é de extrema importância já que os professores normalmente evitam trabalhar com conteúdos relacionados à sexualidade, por se sentirem inseguros, tendo em vista que os cursos de licenciatura, na maioria das vezes, não os preparam para esse tipo de abordagem. Logo, Figueiró (2006, p. 2) afirma que é “compreensível o sentimento de insegurança e a preocupação” por parte dos professores, já “que todo o processo formativo dos professores, tanto no Magistério, quanto nas licenciaturas, não os tem preparado para abordar a questão da sexualidade no espaço da escola”.

Para que se possa mudar esta realidade, a escola deve sair do comodismo, enfrentar a insegurança e propor ações que visam trabalhar os conteúdos relacionados à ES e OS, fornecendo oportunidades de reflexão, para que os estudantes se tornem pessoas conscientes e autônomas, tomadoras de decisões a respeito da sua sexualidade e da vida. Pois como afirma Figueiró (2006) além de ensinar os conteúdos da biologia e da fisiologia da sexualidade, é preciso fornecer oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos, assim como, seja um sujeito ativo no processo

ensino-aprendizagem, tendo o professor como a pessoa que cria as condições de aprendizagem e não de mero transmissor de conhecimentos.

### 3.3 EDUCAÇÃO BÁSICA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS ATUAIS NO ENSINO DA SEXUALIDADE NO BRASIL

Segundo Montardo (2008, p. 168), para que os programas de educação sexual nas escolas consigam atingir seus objetivos, eles devem:

Ter planejamento e ação pedagógica sistemática; ser adequados à idade dos alunos; utilizar técnicas lúdicas e criatividade; estimular a participação; respeitar a intimidade, os limites e os posicionamentos dos alunos; ser um instrumento para que os adolescentes tomem decisões e façam escolhas e combater preconceitos e tabus.

Logo, sabendo que a sexualidade por ser intrínseca ao ser humano, é considerada como um tema transversal dentro dos PCN sobre orientação sexual, a escola e, principalmente, os professores precisam trabalhar para que a ela perpassasse por todas as disciplinas, não se restringindo apenas a uma área do conhecimento. Entretanto, não é isso que acontece no contexto escolar de acordo com o trabalho de Silva e Santos (2011, p.5), “historicamente a comunidade escolar vem delegando às professoras e professores de Ciências e Biologia a responsabilidade pelas práticas de Educação Sexual na escola, bem como a tarefa de discutir quaisquer situações que envolvam manifestações da sexualidade”.

Nos PCN é possível encontrar que o trabalho sobre sexualidade nas escolas deve acontecer de duas formas: “**dentro da programação**, por meio dos conteúdos já transversalizados nas áreas do currículo, e **extraprogramação**, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema.” (BRASIL, 1997, p. 308).

Para facilitar o entendimento dessas duas maneiras de abordar, Figueiró (2006, p. 3) aponta que na abordagem *dentro da programação*, “o conteúdo de sexualidade proposto é organizado, planejado e dividido entre os professores de cada série”, enquanto que na *extraprogramação*, “todo e qualquer professor, sem planejamento prévio, aproveita uma situação, um fato que acontece espontaneamente, para, a partir daí, ensinar sobre sexualidade, ou transmitir uma mensagem positiva sobre a mesma; aproveita, enfim, para educar sexualmente”. De acordo com Werebe (apud FIGUEIRÓ, 2006), essas duas formas de

abordagem, correspondem a dois tipos de ES: educação sexual formal e educação sexual informal, onde a primeira equivale ao ensino dentro da programação já que exige planejamento prévio e a segunda equivale a extraprogramação, pois parte de do inusitado, de algo não planejado.

Vale ressaltar que cada escola tem a autonomia para trabalhar sexualidade dentro de um espaço e um horário programado, de modo que os alunos tenham um período específico em forma de aula sobre ES. O que não é admissível nos dias de hoje, são escolas que ignoraram a necessidade da abordagem dos conteúdos relacionados a esse tema, e até mesmo condenam e silenciam a expressão da sexualidade seja por parte dos alunos, sejam por parte dos professores.

Conforme ressalta Flores (2004), apesar dos objetivos da ES nas escolas serem parecidos, as realidades são distintas. Isso faz com que as estratégias utilizadas para aplicação do conteúdo esteja de acordo com o público em questão, se adequado à realidade de cada escola. Qualquer atividade que seja desenvolvida no ambiente escolar deve levar em consideração a diversidade de alunos, pois a heterogeneidade de cada turma exige que o professor proponha ações que atendam as necessidades, as características, as capacidades e os interesses de cada um.

Segundo Figueiró (2006, p. 7) para a realização da Educação Sexual formal deve existir um planejamento prévio, devendo-se recorrer a diversas estratégias de ensino quando necessário, as quais devem estar baseadas nos seguintes princípios:

- educar sexualmente é muito mais que ensinar os conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade;
- educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos;
- para educar sexualmente é preciso saber ouvir;
- o aluno deve ser visto como sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem e deve ter muito espaço para falar e ouvir seus colegas;
- o professor deve ser a pessoa que cria as condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos.

Esta autora aponta que uma atitude básica do professor, para que estes princípios sejam contemplados, consiste em estimular o aluno a se expressar espontaneamente, antes mesmo dele começar o assunto, ou aprofundá-lo, e dar todas as respostas, pois o docente precisa gerar inquietações na cabeça dos alunos, buscando identificar o que já sabem e suas dúvidas sobre o conteúdo através de uma atividade investigativa e diagnóstica, para então poder desenvolver as atividades que estão voltadas a esse grupo.

De acordo com Suplicy *et al.* (2000 apud MONTARDO, 2008, p. 168), as características do professor que fornece uma proposta mais coerente de ES são:

Facilidade para formar vínculos com o grupo; saber conduzir debates e dar aulas; ter uma atitude positiva frente à própria sexualidade; tratar com naturalidade as questões levantadas; criar oportunidades de expressão e ajudar a refletir; questionar os próprios problemas; incentivar a troca de opiniões; conhecer e respeitar os jovens (modo de vida, valores, ideias e anseios); eliminar posturas eventualmente inadequadas, autoritárias e paternalistas; não ditar regras de comportamento nem se colocar como modelo; utilizar jogos e dinâmicas para tornar as aulas mais atraentes e diminuir a inibição.

Para trabalhar sexualidade na escola é preciso naturalizar a nomenclatura científica dos conteúdos que a envolve, principalmente os órgãos genitais masculinos e femininos, principalmente no ensino fundamental. Por isso é importante que o professor crie situações durante suas aulas de modo que os alunos possam escrever e pronunciar, palavras como, pênis e vagina, por exemplo. Ao abordar conteúdo sobre o aparelho reprodutor humano é muito comum, alguns estudantes se sentirem constrangidos ao falar estas palavras. Como afirma Figueiró (2006) esse tipo de estratégia permite mostrar ao aluno que essas palavras são tão naturais e normais quanto às outras do vocabulário. No entanto, também é preciso ter cuidado para que as palavras que normalmente são utilizadas como apelidos ou sinônimos na linguagem popular para as estruturas genitais, não sejam usadas dentro de um contexto pejorativo e vulgar. Ainda, de acordo com Figueiró (2006, p. 6) o “uso da dinâmica de apelidos [...] desmistifica e parece diminuir a ansiedade e o interesse em ficar usando termos “pesados”, muitas vezes, para provocar a professora”.

Segundo Montardo (2008) os programas de educação sexual que normalmente são desenvolvidos nas escolas são considerados meramente informativos porque geralmente envolvem palestras realizadas por profissionais da saúde como médicos, enfermeiros, psicólogos e até assistentes sociais. No entanto para que a escola apresente atividades voltadas para ES, ela precisa propor ações sistêmicas, regulares e contínuas ao longo de todas as séries escolares, e não esporadicamente.

“Diante da instrução de alguns estudiosos da Educação Sexual de que só se deve responder ao que a criança pergunta, satisfazendo a curiosidade do momento”, a autora afirma que “**não basta responder, é preciso conversar.**” (FIGUEIRÓ, 2006, p. 5, grifo nosso).

Sendo assim, é preciso aproveitar as oportunidades para discutir e refletir sobre sexualidade na escola, e isso só é possível quando o professor vai além de apenas responder ao que foi perguntado. Elas podem estimular ainda mais a participação do aluno quando o

professor se mostra interessado na sua pergunta, ou simplesmente inibir momentos de interação entre aluno-professor, quando o docente não responde, ou não valoriza o que foi questionado. Portanto, a participação do aluno provocar reviravolta na aula, tudo depende da reação, da segurança e do domínio de conteúdo do professor.

O ensino da sexualidade muitas vezes exige uma aula expositiva, no entanto, o professor deve ter cuidado para que ela não seja monótona, onde apenas ele fala sobre o conteúdo. Sendo assim, é importante que o docente ministre o assunto expositivamente, mas permita que o aluno dialogue também. Desta forma, a aula expositiva-dialogada é uma forma de o professor estimular à participação do aluno na discussão, tirando de si a centralidade da aula. “Isto deixa o professor mais tranquilo e à vontade, enriquece a aula e gera um trabalho descontraído e espontâneo, sem comprometer a seriedade e a qualidade. Esta forma de ensinar faz fugir, então, do padrão tradicional de aula dogmática, puramente expositiva.” (FIGUIERÓ, 2006, p. 8).

Moran (2018, p. 2) ao escrever sobre as metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda, afirma que as metodologias dedutivas no ensino são predominantes, nelas o “professor transmite primeiro a teoria depois o aluno deve aplicá-la a situações específicas”. No entanto, apesar da sua importância, a “aprendizagem por questionamento e experimentação é mais relevante pra uma compreensão mais ampla e profunda”.

Pensando em estratégias de ensino sobre sexualidade, uma das maneiras mais efetivas de estimular os alunos é através da utilização de metodologias ativas. Segundo Moran (2018, p. 4) “as metodologias ativas dão ênfase ao papel protagonista do aluno, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, desenhado, criando, com a orientação do professor”.

Em seu trabalho, Figueiró (2006) fornece alguma ideia e sugestões de estratégias de ensino, explicando e apontando os fundamentos metodológicos que sustentam cada uma delas e cita exemplos de como o professor pode utilizá-las. Dentre elas destacam-se: o debate aberto, a dramatização, o uso de dinâmicas de grupo, de oficinas de desenho, modelagem, recorte e colagem, de recursos como filmes, músicas, cenas de novelas, livros de literatura, pesquisas, manchetes de revistas e de jornais, de entrevista, entre outras. Cabe ressaltar que além de conhecer a estratégia é necessário identificar se ela é adequada para o público de alunos, como ela deve e por que ser trabalhada.

É preciso frisar que mais importante do que saber como ensinar Educação Sexual, é saber por que e para que se deve fazer ES e qual o papel do educador. Figueiró (2006, p. 18)

só considera funcional a iniciativa de educação sexual, se o professor tiver ciência que “é função da escola, também, ensinar sobre sexualidade para os alunos, não porque os pais, na maioria das vezes, não sabem fazê-lo; não apenas porque existem problemas sociais ligados à vivência da sexualidade, [...] mas, sobretudo, porque é função da escola como parte do processo de formação integral do educando”.

## **4 ABORDAGEM METODOLÓGICA**

### **4.1 EPISTEMOLOGIA METODOLÓGICA**

Este trabalho foi realizado de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos de abordagem qualitativa e quantitativa, cujo método de pesquisa baseia-se na pesquisa participante.

Quanto à forma de abordagem, este trabalho foi classificado como pesquisa qualitativa porque busca informações das experiências humanas quanto à sexualidade dos estudantes, incluindo emoções e comportamentos dentro do contexto social em que se encontram, sem preocupar-se com a quantificação dessas informações. Para Gerhardt e Silveira (2009), este tipo de pesquisa está preocupada com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, tendo em vista que, de acordo com Minayo (2001, p. 21) “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

No entanto, apesar de haver uma predominância nos aspectos qualitativos neste trabalho, também apresenta uma abordagem quantitativa ao ponto que utiliza o emprego da quantificação para a coleta de informações obtidas através do Questionário Diagnóstico Discente (QDD) e do Questionário Avaliativo da Metodologia (QAM), e da análise estatística por percentual para o tratamento dessas informações.

Sobre utilizar aspectos quali-quantitativos numa pesquisa, Dal Farra e Lopes (2013, p. 78) afirma que:

Ao utilizar múltiplas abordagens, torna-se possível produzir trabalhos nos quais haja uma contribuição mútua das potencialidades de cada uma delas, gerando respostas mais abrangentes em relação aos problemas de pesquisa formulados, desde que sejam consideradas as particularidades inerentes aos princípios subjacentes a cada uma delas, objetivando obter benefícios significativos.

Para Gerhardt e Silveira (2009), para se desenvolver uma pesquisa, é indispensável selecionar o método a ser utilizado, a partir das características da pesquisa pode-se escolher as diferentes modalidades de pesquisa, o que pode permitir a associação do qualitativo ao quantitativo.

Para tanto, este trabalho baseou-se no método da pesquisa participante, o qual é caracterizado pelo envolvimento do pesquisador com as pessoas investigadas no processo da pesquisa, (GIL, 2008; GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

## 4.2 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

As informações obtidas através desta pesquisa surgiram pela utilização de questionários que combinam questões abertas e fechadas e da técnica de observação participante.

O questionário é um tipo de instrumento de coleta de dados que são utilizados para obter informações acerca das características de um indivíduo ou de grupos sociais, (RICHARDSON, *et al.* (2015). Para esses autores, um questionário que combina perguntas abertas e fechadas, frequentemente as questões fechadas são destinadas na obtenção de respostas de identificação de opinião (sim e não, por exemplo) e/ou de informações sociodemográfica do sujeito pesquisado, como sexo e idade, por exemplo. Já as questões abertas normalmente são destinadas para aprofundar as opiniões do sujeito da pesquisa.

Segundo Richardson, *et al.* (2015, p. 261), “na observação participante, o observador não é apenas um espectador do fato que está sendo estudado, ele se coloca na posição e ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado”. Para Gerhardt e Silveira (2009), além desse contato direto com o fenômeno observado, através delas é possível obter informações sobre a sua realidade em seus próprios contextos.

Para tanto, foi elaborado um “diário de campo” nesta pesquisa, chamado de Roteiro de observação (Apêndice F). De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 76) ele “trata-se do detalhamento descritivo e pessoal sobre os interlocutores, grupos e ambientes estudados”, e deve conter uma parte descritiva onde haja descrição das características dos sujeitos, das ações e dos diálogos observados no local de estudo, e de uma parte reflexiva na qual o pesquisador coloca o seu ponto de vista, suas ideias e preocupações.

Desta forma, o roteiro de observação serviu para coletar informações das ações e dos sujeitos da pesquisa durante a aplicação das estratégias metodológicas.

Preocupando-se com a fidelidade dos dados obtidos, esta pesquisa procurou manter a identidade dos sujeitos pesquisados em sigilo, permitindo um melhor e maior envolvimento nas atividades da pesquisa, já que busca evitar constrangimento dos estudantes devido à divulgação de suas falas, posicionamentos e imagens.

#### **4.3 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS**

Para analisar qualitativamente as informações obtidas através dos questionários QDD e QAM e da observação das ações desenvolvidas, utilizou-se, principalmente, a técnica denominada análise de conteúdo. Além desse tipo de análise, o tratamento quantitativo dos dados dos questionários foi feito através da técnica estatística por percentual de acordo com o conteúdo das respostas.

Segundo Bardin (2016, p. 48) análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Para que tal análise fosse realizada, utilizou-se a técnica por categorização de acordo com a temática abordada. Para Richardson (*et al*, 2015, p. 243), a análise temática “consiste em isolar temas de um texto e extrair as partes utilizáveis, de acordo com o problema pesquisado, para permitir sua comparação com outros textos escolhidos da mesma maneira”. Sendo assim, as informações obtidas por meio das respostas dos alunos nos questionários e nas folhas do post-it, além das suas colocações apontadas no roteiro de observação nas

atividades desenvolvidas, foram analisadas por meio da criação de categorias por temas, e comparadas com outros trabalhos que estudam a mesma temática.

Cabe ressaltar que, durante toda a pesquisa, a observação do envolvimento dos alunos foi indispensável. Logo, as informações obtidas através das observações, dos registros fotográficos e das anotações foram analisadas por meio das expressões e comportamento, e discutidas de acordo com cada estratégia de ensino que a pesquisa desenvolveu.

#### **4.4 CARACTERIZAÇÕES DA ÁREA DE ESTUDO**

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Professor José Baptista de Mello, localizada no bairro de Mangabeira VII, situada na Rua Manoel Ângelo de Oliveira, S/N, em João Pessoa, Paraíba. A instituição oferece ensino para 818 estudantes, sendo 357 pela manhã, 298 pela tarde e 163 pela noite, funcionando desta forma nos três turnos. Durante o período da manhã funcionam 9 salas de Ensino Médio, sendo alocadas da seguinte forma: quatro para a 1ª série, três para a 2ª série e duas para a 3ª série; no período tarde, são distribuídas duas salas para cada turma do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), totalizando 8 salas; e à noite, 5 salas são reservadas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), três para o Ciclo V e para o Ciclo VI. O corpo docente da escola é formado por 38 professores, onde 33 são membros efetivos e 5 temporários, além de 20 servidores que prestam serviços técnicos e administrativos.

A escola dispõe de um prédio próprio com estrutura satisfatória e conta com as seguintes dependências: setor pedagógico (9 salas de aulas, uma biblioteca, uma sala de informática, uma sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), um minilaboratório de Ciências, uma sala da banda, e uma sala de professores); setor administrativo (secretária, direção, e arquivo) e setor de serviços (cozinha, pátio coberto, dois banheiros masculinos um adaptado e outro não e dois banheiros feminino um adaptado e outro não, um campo aberto, um depósito e uma caixa d'água). No que se refere aos recursos pedagógicos, a escola dispõe de um retroprojetor, dois televisores e um aparelho de som com microfone. Cabe ressaltar que apesar de possuir uma sala de informática com 18 computadores, nela não há acesso à internet.

Quanto à clientela atendida, os alunos em sua maioria são do próprio bairro, no entanto, há uma parcela de alunos oriundos de outros bairros, como também de outros municípios. Quanto ao perfil social, os estudantes são provenientes das camadas sociais C, D e E, pertencentes às famílias com baixo grau de instrução.

#### **4.5 SUJEITOS DA PESQUISA**

A pesquisa foi desenvolvida de fevereiro a junho de 2019 e direcionada a duas turmas da terceira série do ensino médio, durante as aulas da disciplina de Biologia no turno da manhã, envolvendo 56 alunos, pois além de uma maior maturidade por já estarem cursando o último ano da educação básica, alguns conteúdos voltados ao tema da pesquisa encontram-se abordados no primeiro capítulo da primeira unidade do livro didático de autoria de Lopes e Rosso (2016) adotado na escola para a disciplina de Biologia.

Buscando aproximar-se da realidade dos estudantes para que assim se sintam seguros e motivados a participarem da pesquisa, foi necessário diagnosticar de modo geral o perfil do alunado das turmas escolhidas acerca de sua atividade sexual para que o trabalho desenvolvido esteja focado e adequado ao público em questão.

#### **4.6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEP, vinculado ao Centro de Ciências da Saúde – CCS da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, tendo parecer de número 2.784.331 e (Anexo A) e aprovado em julho de 2018, de modo que as atividades propostas seguissem as recomendações da Resolução Nº 466/2012 do Ministério da Saúde.

O projeto foi submetido à Direção e à Coordenação Pedagógica da escola, para que, com a devida autorização através da assinatura da Declaração de Anuência (Anexo B), a pesquisa fosse iniciada por meio da assinatura do Termo de Assentimento (TA - Apêndice B) pelos estudantes e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - Apêndice A) por

seus pais ou responsáveis legais, para que eles ficassem cientes do tema abordado, dos objetivos e da relevância da pesquisa.

Para a efetivação dos objetivos da pesquisa optou-se por desenvolver estratégias metodológicas de aprendizagem ativas, voltadas ao lúdico, tendo o eixo central a Educação Sexual e como conteúdos estruturantes: a morfologia e fisiologia do sistema genital humano, os métodos contraceptivos, as IST, as discussões que envolvem, principalmente, gênero, sexo e sexualidade, entre outros. Vale salientar que as estratégias foram reunidas na forma de um manual de sequência didáticas para que possa auxiliar os docentes no processo de ensino e aprendizagem acerca da ES.

Sendo assim, este trabalho foi desenvolvido segundo as 7 etapas (I a VII) descritas a seguir:

- I. Identificação do perfil sexual dos estudantes por meio das informações obtidas através do QDD(Apêndice D);
- II. Abordagem dos conteúdos biológicos sobre a morfologia do sistema genital humano por meio da identificação dos órgãos e estruturas em algumas imagens; explanação teórica do conteúdo, utilização de vídeo-aulas sobre a fisiologia do sistema genital, confecção e apresentação de modelos didáticos dos gametas, dos sistemas genitais: a) interno masculino e feminino e b) externo feminino, e elaboração de um áudio narrativo a partir de uma animação sobre o ciclo menstrual;
- III. Identificação das concepções dos alunos sobre os conceitos de sexo e sexualidade por meio da análise das suas colocações durante a realização da dinâmica com ‘Post it’.
- IV. Desenvolvimento de atividades lúdicas para discutir sobre as percepções dos alunos a respeito das questões de gênero.
- V. Desenvolvimento de um Debate aberto sobre métodos contraceptivos e IST em parceria com uma Médica Residente em Medicina de Família e Comunidade pela Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa-PB;
- VI. Avaliação da aceitação e satisfação em participar das estratégias utilizadas pela professora na pesquisa sobre educação sexual na escola através do QAM (Apêndice E) para, também, compreender o quanto elas influenciaram ou não na aprendizagem dos conteúdos pelos alunos;
- VII. Elaboração do Manual de Sequência Didáticas intitulado “*Educação Sexual: Possibilidades para o Ensino Médio*” (Apêndice G), a partir das estratégias metodológicas desenvolvidas neste trabalho

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA

### 5.1 ANÁLISE DO PERFIL DISCENTE

Para facilitar a análise dos dados presentes nas categorias, após as citações provenientes das respostas e/ou das falas dos adolescentes foi acrescentado a inicial *E*, representando a palavra Estudante, seguida do número 3 para representar a 3ª série do ensino médio, seguido da letra *A* ou da letra *B*, representando a turma a qual o estudante pertence.

Com o intuito de conhecer um pouco do perfil sexual dos alunos das duas turmas estudadas, o QDD foi aplicado a 56 estudantes de 16 a 20 anos de idade da 3ª série do ensino médio da escola campo de estudo. As informações obtidas foram analisadas por meio da criação de categorias a partir do conteúdo de suas respostas.

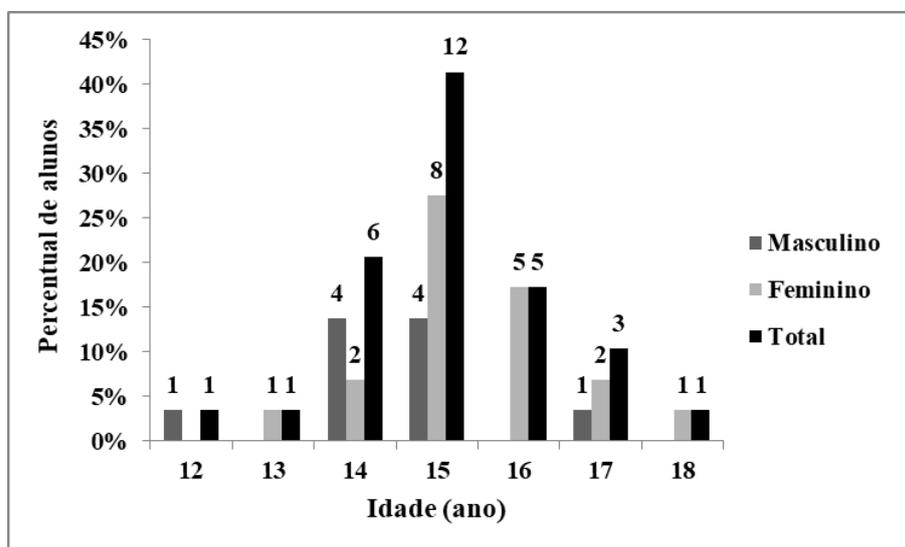
A partir da análise do QDD, verificou-se que 53,57% (30) são estudantes da turma A e 46,43% (26) da turma B, sendo no total 32,14% (18) do sexo masculino e 67,86% (38) do sexo feminino. Na turma A, 33,33% (10) são estudantes do sexo masculino e 66,67% (20) do sexo feminino, enquanto na turma B, 30,77% (8) são do sexo masculino e 69,23% (18) do sexo feminino. A partir dessa análise, pode-se afirmar que a prevalência de um número maior de alunas pode ter influenciado nos dados e nas discussões realizadas sobre o tema da pesquisa, principalmente aquelas voltadas para as questões de gênero.

Com relação à “*Questão 1 - Você já teve relação sexual?*”, observou-se que 51,79% (29) responderam que **Sim** e 48,21% (27) responderam que **Não**. Dentre os alunos que já iniciaram sua vida sexual, 41,38% (12) são estudantes da turma A e 58,62% (17) são da turma B e, dos alunos que ainda não tiveram sua primeira relação sexual, 66,67% (18) são da turma A e 33,33% (9) são da B. Desta forma, pode-se afirmar que apesar do número de alunos na turma B ser menor, a quantidade de estudantes que iniciaram sua vida sexual é maior em relação à turma A.

Analisando as respostas para a “*Questão 2 - Com que idade você teve a primeira relação sexual?*”, observou-se que dos 51,79% (29) alunos com vida sexual ativa, 20,69% (6) iniciaram aos 14 anos, 41,38% (12) aos 15 anos, 17,24% (5) aos 16 anos, 10,34% (3) aos 17 anos e 3,45% (1) aos 12, 13 e 18 anos cada um. Através da análise do Gráfico 1, pode-se perceber que os meninos tiveram, em sua maioria, a primeira relação sexual entre 14 e 15

anos de idade, com casos isolados aos 12 e 17 anos, enquanto as meninas iniciaram sua vida sexual de 13 a 18 anos, com uma prevalência maior de casos entre 14 e 16 anos.

**Gráfico 1** – Idade da primeira relação sexual por sexo.



**Fonte:** dados da pesquisa, 2019.

Desta forma, percebe-se que dos alunos com atividade sexual, 68,97% (20) tiveram sua primeira relação sexual entre 12 e 15 anos, e apenas 31,03% (9) entre 16 e 18 anos. Lara e Abdo (2015) em seu trabalho sobre iniciação sexual (sexarca) apontam que no Brasil existe uma tendência atualmente, dessa iniciação acontecer cada vez mais cedo entre os adolescentes de 13 anos ou menos. Para Brasil (1994, p.27) a sociedade moderna vem sofrendo mudanças na composição estrutural, pois a adolescência aumentou seu espaço etário, “diminuindo a infância e postergando o ingresso na vida adulta”.

Analisando as questões 1 e 2 do QDD, percebeu-se que dos 51,79% (29) de estudantes com vida sexual ativa, 65,52% (19) são alunas, enquanto apenas 34,48% (10) são alunos.

No entanto, analisando novamente o Gráfico 1, foi possível observar que a sexarca das meninas ocorre um pouco mais tardiamente quando comparada a sexarca dos meninos. Dados semelhantes quanto a idade da sexarca, foram encontrados na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) dos anos de 2012 e 2015 feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBGE, 2013, 2016).

Segundo Lara e Abdo (2015) há diversos fatores que contribuem para uma iniciação sexual precoce, entre eles destacam-se: a falta de supervisão e de ocupação em casa durante muito tempo, a ausência de orientação na escola sobre prevenção à gravidez, ter pais

separados e viver apenas com um deles ou com nenhum, a exposição a cenas eróticas de forma precoce, falta de emprego dos adolescentes, falta de conhecimento sobre HIV, o uso do álcool e de drogas ilícitas, casos de abuso sexual na infância, problemas familiares, a crença que os amigos já tiveram relação sexual, o baixo nível sócio econômico, baixa escolaridade, entre outros.

Para Dias *et al.* (2010) a iniciação sexual precoce sem o uso frequente de um método preventivo pode tornar o adolescentes mais vulnerável à gravidez não planejada e às IST. Além disso, esses autores apontam que a falta de diálogo sobre sexo e sexualidade entre pais e filhos, a ausência de uma abordagem mais aprofundada na escola e o despreparo dos profissionais de saúde ao trabalhar com os adolescentes sobre a importância dos métodos preventivos durante a relação sexual, podem estar associados a esta vulnerabilidade.

De acordo com IBGE, (2015), a orientação fornecida pela escola e pela família pode proteger o adolescente da gravidez precoce e do contágio de infecções sexualmente transmissíveis, já que é durante a puberdade que frequentemente os adolescentes iniciam a atividade sexual.

No que diz respeito à “*Questão 3 - Você usou camisinha? Sim ( ) Não ( ). Por quê?*”, dos discentes com atividade sexual, 62,07% (18) deles afirmaram ter usado camisinha na sua primeira relação enquanto 37,93% (11) não usaram o preservativo.

Ao falar sobre uso de métodos contraceptivos na primeira relação sexual, Borges (2005) relatou que de 61,0% dos jovens utilizaram algum método, sendo 96,5% o preservativo masculino, corroborando assim, com os resultados desse trabalho.

Através da análise de conteúdo presentes nas justificativas dos estudantes que usaram preservativo na sua primeira relação sexual, foi possível criar a categoria “*Prevenção de gravidez e/ou doenças*”. Observou-se que 51,7% (15) dos alunos afirmaram ter usado o preservativo para se prevenir de uma possível gravidez e/ou doenças, como pode ser observado nas respostas de alguns alunos destacadas a seguir, e apenas 6,9% (2) deles afirmaram ter usado a camisinha, porém não justificaram o motivo de terem usado.

*“Por causa das doenças sexualmente transmissível e também pra não engravidar minha parceira” (E3A).*

*“Para prevenir doenças e até mesmo gravidez” (E3B).*

*“Para não correr o risco de engravidar e também para me proteger das doenças sexualmente transmitidas” (E3B).*

Verificou-se que 37,93% (11) dos estudantes não usaram preservativo durante sua primeira relação sexual. A partir de suas respostas foi possível estabelecer cinco categorias: *Não planejou, Não quis usar, Influência externa, Dor e Não sabe*.

Foi possível observar que 36,36% (4) dos alunos não usaram o preservativo porque não planejaram sua primeira relação sexual, como se observa nas justificativas abaixo:

*“Porque aconteceu do nada, não foi nada planejado”* (E3A).

*“Aconteceu de repente”* (E3B).

*“Porque não tinha”* (E3A).

*“Na hora esquecemos”* (E3B).

Borges (2005), em sua pesquisa aponta que 72,7% dos adolescentes, também se referiram à primeira relação sexual como uma situação não planejada, de modo que não houve diferença entre os sexos.

Segundo Faial *et al.* (2016) e Anjos *et al.* (2012) esse tipo de comportamento espontaneísta durante a prática sexual na adolescência acaba desfavorecendo o diálogo e a preparação prévia já que muitas questões relacionadas a sexualidade não são problematizadas.

Observou-se que 18,18% (2) dos alunos não justificaram porque não usaram camisinha durante a primeira relação sexual, e que 18,18% (2) apontaram uma decisão individual para o não uso do preservativo, como indicam os relatos a seguir:

*“Por escolha própria”* (E3A).

*“Pelo fato de não precisar”* (E3B).

A respeito da primeira relação sexual, verificou-se também que 9,09% (1) apontaram a influência de terceiros na decisão do aluno para não usar o preservativo, que 9,09% (1) afirmaram não saber o porquê de não usar a camisinha, e que 9,09% (1) relataram sentir dor durante a relação com preservativo, como pode ser observado nos depoimentos abaixo, respectivamente:

*“Sempre fui influenciado que usar na primeira vez não tinha graça”* (E3B).

*“Não sei”* (E3B)

*“Pois doía muito mais com a camisinha” (E3B).*

Sob a ótica da visão foucaultiana, neste exemplo, fica evidente o quanto às relações entre as pessoas estão impregnadas de poder através do discurso e do saber. Por meio dos relatos dos alunos fica claro que o “poder de escolha” entre usar ou não o preservativo é individual, no entanto, o discurso de poder passa a ser coletivo, quando essa escolha é influenciada pelos conselhos, pelas decisões e experiências de outra pessoa.

Entretanto, vale salientar que nem sempre as informações obtidas de outras pessoas estão corretas. Segundo Rabin *et al.* (2014, p. 10) “estas informações podem ser passadas por amigos que aconselham sobre sexualidade, o que poderá ocasionar atitudes e opiniões errôneas e, com isso, o risco de acontecer algo indesejável, como o ato sexual desprotegido, torna-se maior”.

Para Silveira e Santos (2012, p. 184) “a falta de reflexão e consciência crítica perante o sexo” pode ser umas das causas dos jovens optarem pelo não uso do preservativo. Além disso, Anjos *et al.* (2012, p. 830) aponta que os padrões sociais estabelecidos para homens e mulheres podem favorecer tal situação, pois “para a mulher, a vulnerabilidade aumenta devido à falta de poder de negociação e controle sobre a relação; para o homem, aumenta devido à pressão social em estar sempre pronto para o sexo, assumindo um papel de descontrole sobre seus impulsos”.

Através de uma análise comparativa quanto ao uso da camisinha na primeira relação sexual entre meninos e meninas, observou-se que entre os 34,48% (10) de alunos do sexo masculino com atividade sexual apenas 20% (2) deles não usaram preservativo, enquanto entre os 65,52% (19) de alunas com atividade sexual 47,37% (9) delas responderam não ter usado. Sendo assim, 80% (8) dos alunos usaram camisinha na sua primeira relação, enquanto 52,63% (10) das alunas fizeram uso dela. Entretanto, no trabalho de Borges (2005) não houve diferença estatística quanto ao uso de contraceptivos na primeira relação sexual entre os sexos.

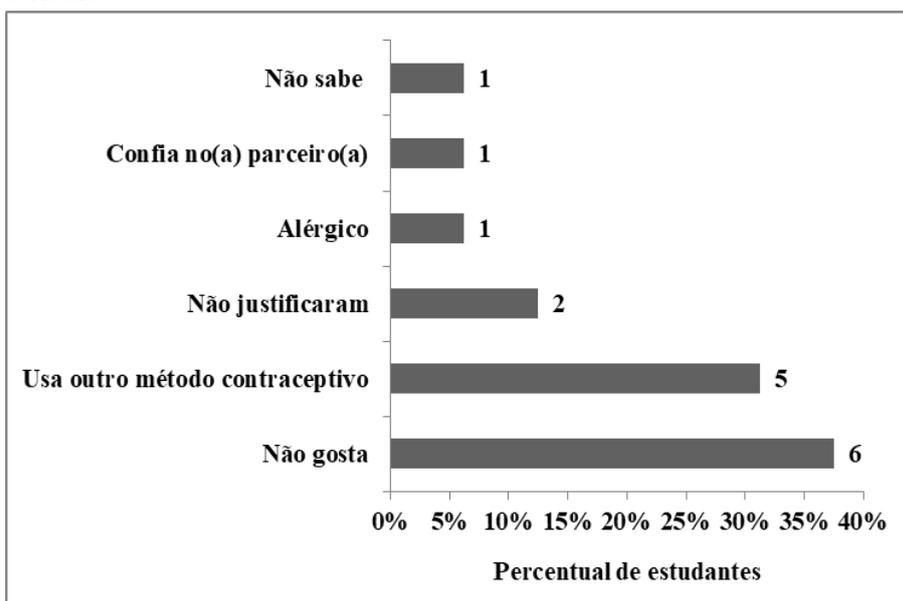
Dados do PeNSE de 2015, não corroboram com esta pesquisa, provavelmente porque o tamanho da amostra do estudo entre estudantes masculinos (50,3%) e femininos (49,7%) é praticamente o mesmo. Desse modo, verifica-se que quanto ao uso de preservativo na primeira relação sexual “entre os escolares do sexo masculino esse percentual foi de 56,8% e entre os do sexo feminino, 68,7%”. (IBGE, 2015, p. 92). Logo, dentro de um universo amostral onde a quantidade de meninos e meninas é equivalente, as meninas têm o hábito de

prevenção maior que os meninos, o que não foi verificado nesta pesquisa. Isso pode ser resultado ou dos meninos terem mentido ao responder essa pergunta no questionário, ou de um ambiente escolar diferente, onde a região e a vulnerabilidade, dentre outros fatores resultaram em dados diferentes dos obtidos pelo PeNSE.

Em relação à “*Questão 4 - Você costuma usar camisinha? Sim ( ) Não ( )*”. Por quê?”, observou-se que dos alunos com atividade sexual, 41,38% (12) afirmaram que **Sim**; 55,17% (16) responderam que **Não**; e 3,45% (1) **Não responderam**.

Como pode ser observado, pouco mais da metade dos estudantes possuem comportamento de risco, já que não costumam usar preservativo em suas relações sexuais. Quanto aos alunos que não costumam usar preservativo, foi possível elaborar as seguintes categorias: *Não sabe*, *Confia no(a) parceiro(a)*, *Alérgico*, *Usa outro método contraceptivo* e *Não gosta* (Gráfico 2).

**Gráfico 2** – Justificativas dos estudantes para não usarem a camisinha em suas relações sexuais.



**Fonte:** dados da pesquisa, 2019.

De modo geral, 37,50% (6) dos estudantes não costumam usar camisinha em suas relações sexuais porque não gostam, ou não se sentem confortáveis. Como se observa nos relatos a seguir, os alunos não explicaram o porquê de não gostarem, ou de acharem ruim o uso da camisinha.

“*Nunca me senti à vontade pra usar*” (E3B).

*“Não me sinto confortável” (E3B).*

*“Eu acho ruim, sei que é para o bem” (E3B).*

*“Pois não gosto” (E3B).*

*“Não gosto muito, mas uso outros meios de proteção” (E3A).*

*“Pois é muito chato” (E3A).*

Entretanto, é muito comum escutar que a camisinha tira a sensibilidade, interferindo no prazer, e às vezes quebra a continuidade da relação sexual. Logo, esses motivos podem ser possíveis justificativas dos alunos pesquisados para a não utilização do preservativo durante o sexo. Como afirma Dias *et al.* (2010) a interferência no prazer durante o ato sexual causado pela camisinha é um dos fatores que fazem os jovens não a utilizarem. Sendo assim, é preciso mostrar aos estudantes que o material que constitui o preservativo não diminui a sensibilidade, pode ser uma maneira de melhorar a relação sexual já que existem camisinhas com cores, texturas sabores e aromas diversos, além de favorecer proteção contra gravidez e IST.

Verificou-se que 31,25% (5) dos alunos por utilizarem outro método contraceptivo não fazem uso da camisinha. Através das colocações elencadas abaixo, observou-se que o anticoncepcional em forma de pílula ou injetável é o método mais utilizado entre eles. Todavia, esse comportamento é preocupante, pois ele não previne contra IST, apenas contra uma gravidez.

Resultados semelhantes também foram encontrados no trabalho de Nascimento, Cavalcanti e Alchieri (2017) quando aponta que dos 82,2% dos participantes que não usaram a camisinha na última relação sexual, 41% deles não fazem uso do preservativo porque utilizam outros métodos contraceptivos. De acordo com Dias *et al.* (2010) o uso da pílula anticoncepcional é um dos motivos para o não uso da camisinha pelas meninas.

*“Porque uso outros métodos contraceptivos” (E3A).*

*“Porque tomo injeção” (E3B).*

*“Por que minha parceira toma anticoncepcional” (E3B).*

*“Porque hoje em dia eu tenho namorada e ela toma injeção” (E3A).*

*“Pelo fato de tomar remédio sei que tem que usar mas não uso não”* (E3B).

Observou-se que 12,50% (2) não justificaram, 6,25% (1) responderam que não sabem o motivo de não usarem o preservativo durante o sexo e 6,25% (1) apontaram que eram alérgicos a algumas camisinhas e por isso não usam durante suas relações sexuais, como mostram os depoimentos abaixo. Entretanto, o estudante não indica se ele é alérgico ao látex ou a outra substância presente na camisinha. Sendo assim, é preciso verificar se realmente é a camisinha que está causando uma reação alérgica, ou se é apenas um desconforto devido à má colocação ou má lubrificação, por exemplo.

*“Não sei”* (E3B).

*“Tenho alergias a algumas”* (E3A).

Estudos de Dias *et al.* (2010), Anjos *et al.* (2012) e Faial *et al.* (2016) apontam que uma das causas para o não uso da camisinha durante as relações sexuais é a confiança no(a) parceiro(a). Segundo Nascimento, Cavalcanti e Alchieri (2017) 28,1% da amostra pesquisada não utilizam o preservativo por conhecer o parceiro. Neste trabalho somente 6,25% (1) indicaram que a confiança na parceira é o motivo de não usarem preservativo como mostra o relato a seguir:

*“Confio na minha parceira, além de ter consultas frequentes ao médico”* (E3B).

Por meio de algumas colocações, como as exemplificadas abaixo, observa-se que os trechos destacados apontam que os estudantes têm consciência da importância do uso do preservativo, no entanto, assumem o risco e preferem não usar.

*“Pelo fato de eu tomar remédio sei que tem que usar mas não uso não”* (E3B).

*“Eu acho ruim, sei que é para o bem”* (E3B).

Desta forma, percebe-se que é necessário trabalhar com os alunos de uma maneira mais efetiva sobre a importância da camisinha, já que ela é o único método que previne gravidez e IST. Pois, como afirma Montardo (2008), saber a informação não vai determinar a

mudança de comportamentos, pois ainda assim, os adolescentes engravidam e se contaminam, mesmo sabendo como se prevenir de uma gravidez ou de uma doença sexualmente transmissível.

Em relação aos alunos que costumam utilizar o preservativo, percebeu-se que 25% (3) apesar de usarem, não justificaram o porquê, 66,67% (12) afirmaram usar para evitar doenças e/ou gravidez e 8,33% (1) apontaram que é o método mais seguro, como se pode observar nos depoimentos dos estudantes encontrados a seguir.

*“Porque quero ser pai não”.* (E3A)

*“Para evitar doença e uma gravidez ou algo mais grave”.* (E3A)

*“Evitar um filho indesejado”.* (E3B)

*“Porque é uma forma de me proteger de uma gravidez ou até de uma doença”* (E3B)

*“Acho o método mais seguro”.* (E3B)

Portanto, analisando as questões 3 e 4, foi possível perceber que os estudantes apesar de usarem camisinha no início da sua vida sexual, não costumam usar o preservativo durante as relações sexuais futuras, com mostra os estudos de Borges (2005) e Nascimento, Cavalcanti e Alchieri (2017).

Através das análises das respostas da *“Questão 5 - Você já é pai ou mãe? Sim ( ) Não ( )*. Em caso positivo, *você tem quantos filhos (as)?”*, observou-se que apenas uma aluna afirmou que já é mãe e possui um filho. A mesma, por várias vezes o levou para escola, pois não tinha com quem deixá-lo enquanto ela estudava. No dia da aplicação do QDD, para que esta aluna pudesse respondê-lo, a pesquisadora precisou ficar com o bebê até que ela terminasse. Atualmente, esta aluna não frequenta mais as aulas e as informações que se têm sobre o seu paradeiro, através de seus colegas, é que a discente desistiu de estudar.

Para Taquete (2008, p. 24), apesar de em décadas passadas ser comum adolescentes casarem e serem mães bem jovens, atualmente esse pensamento já está ultrapassado, pois *“gravidez provoca a interrupção de um processo de crescimento e amadurecimento e resulta em perdas de oportunidades. É uma idade propícia à escolarização, ao início da vida profissional e ao exercício da sexualidade desvinculado da reprodução”*.

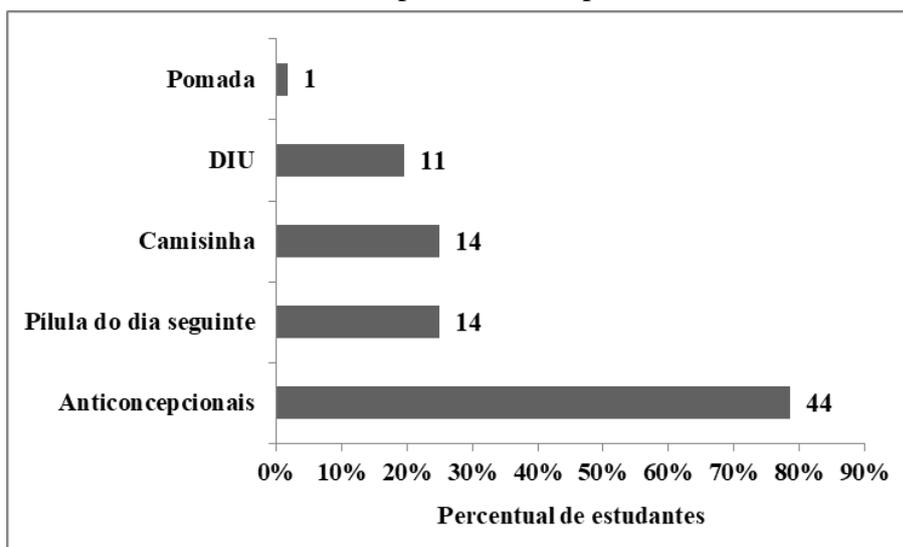
Sendo assim, a gravidez na adolescência é visto por uma parcela da sociedade como um problema grave que precisa ser evitado, como se fosse uma doença a ser combatida. No

entanto, cabe ressaltar que a gravidez na adolescência pode provocar problemas de ordem biológica, médica, psicológica e social à adolescente, assim como, pode acarretar problemas de saúde no bebê. Como afirma Dias *et al.* (2010, p. 457) “além das DST/AIDS, a gravidez na adolescência é um problema de saúde pública, passível de ocasionar alterações na vida social, econômica, afetiva e familiar da jovem”.

De acordo com Farias e Moré (2012) como a abordagem dessa temática é ampla, há estudos quantitativos mais focando nos aspectos negativos da vivência, enquanto os estudos qualitativos revelam os aspectos positivos e adaptativos da maternidade na adolescência, sendo assim, dependendo do contexto socioeconômico que a adolescente está inserida haverá impactos significativos no seu projeto vida.

No que se refere à “*Questão 6 - Você conhece algum método contraceptivo/anticoncepcional? Sim ( ) Não ( ). Em caso positivo, cite-o(s)?*”, foi possível observar que 73,21% (41) dos estudantes conhecem algum método, 17,86% (10) não conhecem e 8,93% (5) não responderam. O gráfico 3 apresenta os métodos mais citados pelos alunos, porém cabe ressaltar que 7,14% (4) deles apesar de afirmarem conhecer algum método, não citaram nenhum deles.

**Gráfico 3** – Métodos contraceptivos citados pelos estudantes.



**Fonte:** dados da pesquisa, 2019.

Por meio do Gráfico 3, pôde-se perceber que os métodos anticoncepcionais (pílula e/ou injetável) (78,57%) foram os mais conhecidos dos estudantes, seguidos pela pílula do dia seguinte (25%), da camisinha (25%) e do DIU (19,64%). Foi possível observar que apenas

um aluno citou “*pomada*” como um método contraceptivo. Supõe-se que neste caso, o aluno quisesse se referir especificamente às pomadas espermicidas, que normalmente são usadas em conjunto com o diafragma.

Resultados semelhantes foram obtidos por Mendonça e Araújo (2009), através de um estudo comparativo entre os métodos contraceptivos mais conhecidos dos adolescentes de acordo com o sexo, eles verificaram que entre os adolescentes de sexo masculino, os métodos mais conhecidos foram a camisinha masculina (96,3%), a pílula anticoncepcional (83,7%) e a camisinha feminina (65,2%), enquanto que entre as adolescentes foram a pílula (94,6%), a camisinha masculina (92,8%) e camisinha feminina (76,6%). Nesse caso, verifica-se uma inversão do tipo de método mais conhecido entre o público masculino e feminino.

Desta forma, pode-se afirmar que os anticoncepcionais, a camisinha e a pílula do dia seguinte são os métodos mais conhecidos pelos adolescentes desta pesquisa, apesar de não fazer uma análise comparativa entre os sexos.

Entre os métodos menos conhecidos, Mendonça e Araújo (2009) indicaram o coito interrompido e o injetável, Brêtas (2005) apontou o DIU e o contraceptivo injetável, enquanto que neste trabalho obteve-se o DIU e a “*pomada*”,

Para Brêtas (2005, p. 225) “esses dados não indicam falta de informação dos métodos, mas a relação com outros fatores que interferem no comportamento contraceptivo dos sujeitos”. Portanto, é indispensável que os profissionais de saúde e da educação que trabalham com esse público possuam conhecimento sobre a diversidade de métodos, assim como, saibam quais são os mais utilizados pelos adolescentes, para que possam fazer uma abordagem de forma mais efetiva e próxima à realidade deles.

Quanto à “*Questão 7 - Você sabe o que é IST/DST? Sim ( ) Não ( )*”, 64,94% (36) dos alunos responderam que **Sim** e definiram corretamente, de modo geral, DST como Doenças Sexualmente Transmissíveis e IST como Infecções Sexualmente Transmissíveis, como pode ser observado nos relatos abaixo, enquanto que 33,93% (19) responderam que não sabem o que essas siglas representam:

*“Infecções sexualmente transmissíveis, Doenças sexualmente transmissíveis” (E3A).*

*“São doenças sexualmente transmissíveis” (E3A).*

*“IST: Infecções sexualmente transmissíveis – DST: Doenças sexualmente transmissíveis” (E3B).*

*“Doenças sexualmente transmissíveis” (E3B).*

Dados semelhantes a estes, foram obtidos por Gerhardt, Nader e Pereira (2008), afirmando que 93,7% da amostra responderam que sabem o significado de DST, e apenas 6,3% não sabiam. Já de acordo com estudos feitos por Barreto e Santos (2009, p. 815), as adolescentes pesquisadas possuem algumas informações sobre as DST, no entanto, “estas informações são ainda bastante incipientes”.

Com isso, pode-se afirmar que apesar dessas siglas estarem presentes no dia-a-dia dos adolescentes, observa-se que ainda existem alguns deles que desconhecem os seus significados. Cabe ressaltar que segundo o Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde, “a terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) deve ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), já que existe a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem apresentar sinais e sintomas”.

Entretanto, apesar de não saberem o significado das siglas, através das respostas da “*Questão 8 - Qual (is) as doença(s)/infecção(ões) que podem ser transmitida(s) através da relação sexual?*”, verificou-se que 85,71% (48) conhecem alguma IST. Observou-se também que apenas 7,14% (4) dos estudantes afirmaram não conhecer nenhuma IST, e apenas 7,14% (4) deles não responderam.

Estudos semelhantes de Gerhardt, Nader e Pereira (2008), quanto ao conhecimento dos adolescentes sobre DST, apontam que 77,4% dos adolescentes pesquisados responderam que conhecem alguma DST, 20,8% não o tinham e 1,8% não responderam, corroboram com os dados obtidos nesta pesquisa.

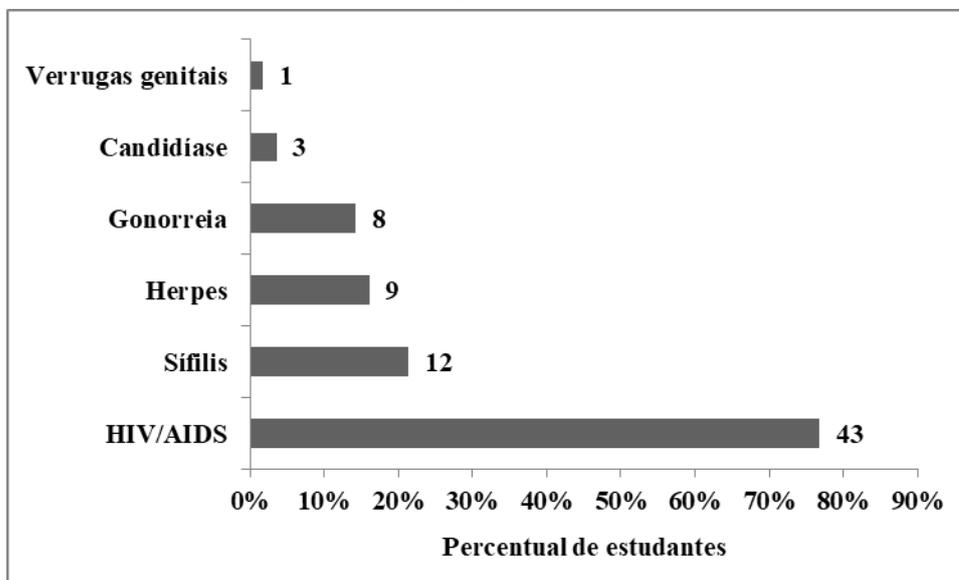
Dentre as mais DST/IST mais conhecidas os estudantes relataram 76,79% (43) HIV/AIDS, 21,43% (12) sífilis, 16,07% (9) herpes, e 14,29% (8) gonorreia (Gráfico 4).

Entre as DST/IST menos citadas encontram-se a candidíase e as verrugas genitais. Entretanto, cabe ressaltar que apesar de 3,57% (3) terem citado a candidíase, segundo o Ministério da Saúde a candidíase vulvovaginal não é considerada uma DST/IST. Quanto às verrugas genitais citadas por 1,79% (1) dos alunos, acredita-se que o estudante se refere às verrugas provenientes do Papilomavírus Humano (HPV).

No entanto, cabe ressaltar que apenas citar o que significa DST/IST ou alguns nomes de doenças, não quer dizer os alunos conhecem de fato sobre essas infecções. Como afirma Gerhardt, Nader e Pereira (2008, p. 264):

É importante lembrar que o fato dos alunos conhecerem uma doença pode apenas significar ter ouvido falar ou visto em campanhas; sendo que, muitas vezes, estes conceitos podem não ser bem esclarecidos ou confirmados. Portanto, é vital a existência de um programa de esclarecimento entre os adolescentes, quer seja na escola ou na comunidade.

**Gráfico 4** – DST/IST mais citadas pelos estudantes.



**Fonte:** dados da pesquisa, 2019.

Quanto à “*Questão 9 - Qual(is) o(s) perigo(s) de uma relação sexual sem preservativo?*”, observou-se que apenas 3,57% (2) dos discentes afirmam não saber e 3,57% (2) não responderam, enquanto que 92,86% (52) apontaram que por meio de uma relação sexual sem camisinha pode-se contrair ou transmitir doenças/infecções e 58,93% (33) destacaram o risco de uma gravidez, como observa-se nas respostas dos alunos:

*“A transmissão de doenças e uma gravidez indesejada”* (E3A).

*“Ter o risco de pegar doenças e também engravidar sem esperar”* (E3A).

*“Pode ocorrer a contaminação de uma DST”* (E3B).

*“Engravidar e pegar alguma doença”* (E3B).

Assim como, os estudantes desta pesquisa, “a resistência à utilização do preservativo pode trazer como consequência a contaminação por uma DST ou uma gravidez”, segundo Barreto e Santos (2009, 813).

Dias *et al.* (2010), além de ressaltar esses problemas com relação ao não uso da camisinha durante as relação sexuais, ressalta a importância de desenvolver estratégias que incentivem a sua utilização, pois de forma indireta, a prática do aborto também pode ser evitada.

## 5.2 DESENVOLVIMENTO DAS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Neste tópico, os resultados obtidos a partir do desenvolvimento das estratégias metodológicas foram apresentados e organizados de acordo com a sequência de conteúdos ministrados durante as aulas da disciplina de Biologia entre os meses de fevereiro a junho de 2019.

Como este trabalho não tem o objetivo de fazer comparação entre as turmas A e B, os resultados foram descritos e discutidos a partir da análise de conteúdo das atividades desenvolvidas em ambas as turmas.

Cabe ressaltar que de acordo com o roteiro de observação (Apêndice F) utilizado nas atividades, a análise de conteúdo segundo Bardin (2016) foi utilizada para a identificação dos principais eixos temáticos, de acordo com a frequência das falas, para o estabelecimento da categorização. Sendo assim, os conteúdos considerados mais relevantes foram ministrados, procurando evitar qualquer julgamento por parte da pesquisadora.

Para facilitar a compreensão da sequência de aplicação das estratégias metodológicas desenvolvidas, o Quadro 1 foi elaborado.

**Quadro 1** – Programação das atividades desenvolvidas.

<b>Atividade</b>	<b>Realização</b>	<b>Metodologia Adotada</b>
<b>1 Conhecendo a Morfofisiologia do Sistema Genital Humano</b>	Fevereiro 2019 (uma aula – 50 min).	<b>Momento 1</b> - Identificação das estruturas morfológicas do sistema genital humano no kit de imagens (Anexos C e D).
	Fevereiro 2019 (duas aulas geminadas –	<b>Momento 2</b> – Aula expositiva e dialogada sobre a Morfologia do sistema genital humano e Exibição de Vídeos sobre o conteúdo.

	100 min).	
	Março 2019 (duas aulas geminadas – 100 min).	<b>Momento 3</b> – Exposição teórica sobre a fisiologia do sistema genital humano utilizando vídeo-aulas e uma imagem sobre o ciclo menstrual.
	Março 2019 (duas aulas geminadas – 100 min).	<b>Momento 4</b> – Aplicação de metodologias ativas: Confecção de modelos didáticos e elaboração de um áudio para uma animação.
<b>2 Dinâmica com Post it: Sexo e Sexualidade</b>	Março 2019 (duas aulas geminadas – 100 min).	Realização de uma dinâmica utilizando Post it e de um debate aberto sobre os conceitos de sexo e sexualidade.
<b>3 Representações Sociais de Gênero</b>	Abril 2019 (duas aulas geminadas – 100 min).	Realização de uma dinâmica sobre Coisa de Homem/Menino x Coisa de Mulher/Menina, discussão sobre as representações dos gêneros na sociedade e análise da representação do masculino e do feminino nas letras de algumas músicas nacionais.
<b>4 Métodos Contraceptivos e IST</b>	Junho 2019 (duas aulas geminadas – 100 min).	Debate aberto, aula expositiva dialogada, dinâmica dos cartões e demonstração de como usar o preservativo masculino.

Fonte: AURINO, 2019.

### 5.2.1 Conhecendo a Morfofisiologia do Sistema Genital Humano

A abordagem sobre sistema genital humano foi dividida em quatro momentos descritos a seguir e distribuídas em sete aulas de 50 minutos para cada uma das turmas.

- I. *Abordagem dos conteúdos biológicos sobre a morfologia do sistema genital humano por meio da identificação de estruturas em imagens:*

Antes de qualquer abordagem sobre o conteúdo, este primeiro momento foi pensado para diagnosticar o nível de entendimento dos alunos sobre as estruturas do sistema genital humano. Para tanto, e utilizando o tempo de uma aula, foi solicitado que os discentes se organizassem em grupos de aproximadamente cinco integrantes. Posteriormente, foi entregue a cada equipe quatro imagens (duas referentes ao sistema genital masculino externo e interno – Anexo C, e as outras duas referentes ao sistema genital feminino externo e interno – Anexo D). Após a entrega das imagens, pediu-se que cada grupo as observasse e então indicasse e nomeasse as estruturas que eles conheciam sem consultar qualquer material.

Por meio desta atividade, verificou-se a formação de 11 grupos, sendo sete na 3ª série A e quatro na 3ª série B (Figura 1). Foi possível observar também, o quanto os alunos conhecem da anatomia do sistema reprodutor humano, estabelecer uma maior interação entre eles, e perceber o quanto a observação dessas imagens pode causar vergonha quando feita próximo de outras pessoas.

**Figura 1** – Estudantes analisando as imagens do sistema genitais humano (A) turma A e (B) turma B.



**Fonte:** AURINO, 2019.

Não é novidade que a atividade em grupo permite uma maior aproximação e integração entre os estudantes. No entanto, a timidez estampada nos rostos dos alunos ao perceberem que eles teriam que ficar observando, analisando e falando das estruturas do sistema reprodutor, causou um certo desconforto inicialmente para alguns deles, e em outros o uso de termos populares, de linguagem mais vulgarizada, como por exemplo, “rola”, “pau”, “pomba”, “priquito”, “buceta” (sic), provocou brincadeiras entre alguns alunos e vergonha em outros. Entretanto, ao decorrer da aula, a timidez e as brincadeiras, perderam espaços para a curiosidade e a vontade de aprender.

Durante a análise das imagens pelos grupos, foi possível perceber que a maioria dos alunos tinha facilidade na identificação das estruturas do sistema genital masculino **externo**, um pouco menos na imagem do feminino **externo**, e muita dificuldade com a identificação das estruturas do sistema genital masculino e feminino **interno**. Acredita-se que a facilidade maior identificação das estruturas do sistema genital externo ocorra por estar mais acessível fisicamente e visualmente.

Analisando o conjunto das imagens do sistema reprodutor masculino, observou-se que de modo geral, eles conseguiram indicar e nomear as duas principais estruturas externas masculinas (pênis e escroto) de forma correta, porém alguns grupos indicaram e nomearam erroneamente os testículos no lugar do escroto e nomearam a glândula como “*cabeça do pênis*”. Quanto aos órgãos internos, foi possível observar que a maioria dos grupos só conseguiu identificar corretamente os testículos, as demais estruturas ou não foram apontadas ou foram indicadas de forma incorreta. Em um dos grupos foi encontrado o uso do termo “*trompas*” como indicativo dos ductos deferentes, indicando assim a confusão entre estruturas internas femininas e masculinas. Em quatro grupos a próstata foi indicada e nomeada, porém apenas em um deles de forma correta.

Sobre a análise das imagens do sistema genital feminino, verificou-se que as estruturas externas identificadas corretamente, pela maioria dos grupos, foram os grandes e pequenos lábios, o clitóris, e a vagina, porém alguns deles apontaram a uretra, mas nomearam como “*por onde sai o xixi*”. Quanto às estruturas internas, observou-se que a maioria dos alunos conseguiu identificar e nomear o útero e o ovário, alguns além dessas duas estruturas indicaram a tuba uterina e a nomearam como “*trompas*” ou “*tubas*”.

Ao trabalhar com a temática do sistema genital humano, Brandão (2015) teve uma percepção parecida. Ela observou que inicialmente ao falar sobre o tema, os alunos mostraram-se inibidos, não querendo demonstrar o que conheciam do conteúdo, e quando demonstravam, de maneira tímida usavam termos populares vulgarizados.

Sendo assim, cabe ressaltar que ao abordar conteúdos carregados de tabus, o professor precisa agir com seriedade, segurança e naturalidade, para os alunos se sintam confortáveis e encorajados de discutir a temática com empenho e respeito.

Segundo Figueiró (2006), o professor deve conversar com tranquilidade tanto sobre os nomes científicos quanto sobre apelidos dados aos órgãos sexuais, porque isso ajuda os alunos a enfrentarem com naturalidade o uso destes termos contribuindo assim para a Educação Sexual dos mesmos.

De acordo com Oliveira, Lima e Menezes (2010) a vergonha, o interesse e dificuldade de compreensão sobre os conteúdos referente ao sistema genital humano também foram frequentes na sua pesquisa.

Logo, através dessa atividade foi possível perceber quais são as estruturas mais conhecidas de cada sistema reprodutor humano pelos estudantes, quais são as suas dificuldades quanto à indicação e à nomenclatura da anatomia destes sistemas, e a grande necessidade de uma abordagem de cunho científico, favorecendo desta forma a adequação da linguagem popular sem deixar de lado a contextualização do conteúdo com a realidade dos alunos.

Portanto, percebeu-se a necessidade de uma explanação teórica do conteúdo de maneira mais efetiva para que os alunos pudessem sanar estas dificuldades, assim como, tirar as dúvidas relacionadas a esse conteúdo.

## *II. Explanação teórica do conteúdo sobre a anatomia do sistema genital humano através de uma aula expositivo-dialogada:*

A partir da atividade anterior, foi possível identificar os pontos de maiores dificuldades e dúvidas dos alunos sobre a morfologia do sistema reprodutor humano e desta forma, através de duas aulas (geminadas) expositivas e dialogadas, o conteúdo foi ministrado.

Inicialmente, utilizando-se novamente das imagens da atividade anterior, os alunos foram questionados quanto às funções das estruturas por eles indicadas. Posteriormente, o conteúdo foi ministrado relacionando estrutura/função utilizando-se dessas imagens e do livro didático adotado na escola. Para finalizar a aula, dois vídeos retirados do Youtube foram exibidos como forma de revisar o conteúdo de forma mais dinâmica.

Foi verificado que os alunos, de modo geral, só conheciam a função do pênis, da vagina dos ovários e do útero, evidenciando ainda mais a necessidade de uma abordagem mais apurada sobre a morfofisiologia do sistema genital humano.

A exposição do conteúdo foi realizada de forma clara e objetiva, se reportando em alguns momentos, às imagens da atividade em grupo, como também, às imagens e ao conteúdo do livro. Cabe destacar que durante a abordagem expositiva é primordial que o professor estimule a participação dos alunos, fazendo com que eles apresentem suas

colocações quando questionados, como também se sintam à vontade para que possam fazer perguntas e intervenções quando acharem necessário, tornando o discente um sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem.

A partir dessa estratégia, observou-se que os alunos promoveram a discussão do conteúdo através de dois tipos de abordagem, uma de cunho biológico e outra de cunho sociocultural.

Quanto aos aspectos biológicos, verificou-se a curiosidade dos alunos à medida que o conteúdo ia sendo ministrado principalmente sobre os problemas ou anomalias nas estruturas do sistema reprodutor, através de perguntas como: “*Professora, uma mulher pode engravidar mesmo tendo o útero invertido?*” (E3A), “*O que é gravidez ectópica?*” (E3A), “*Existe ser humano hermafrodita?*” (E3B), “*É verdade que na primeira vez da menina dói?*” (E3B), “*É verdade que o pênis pode quebrar durante o sexo*” (E3A).

Quanto aos aspectos socioculturais envolvendo a temática do sistema genital humano, destacou-se a principalmente a discussão sobre a diferença entre a “perda” da virgindade pelo menino e pela menina, a idade para a iniciação sexual, e a influência da sociedade no comportamento masculino e feminino.

Sobre a perda da virgindade, observou-se que os alunos concordam que na sociedade ainda é dado uma maior importância à virgindade feminina, quando era motivo de comemoração para os meninos, e de julgamentos para as meninas Anjos, *et al.* (2012) em seus estudos também observou esse tipo de colocação por parte dos estudantes pesquisados.

No entanto, por meio de colocações como: “*tu não vai pegar não, é? Tu né homem não?*” (E3B), alguns meninos afirmaram que existe uma pressão, principalmente dos amigos, para que eles transem só para mostrarem que são homens. De acordo com Torres, Beserra e Barroso (2007, p. 300) “a forma social de perceber a iniciação sexual é guiada pela formulação da masculinidade, amparada em rituais de socialização, como a pressão exercida pelos amigos”.

Quanto à idade para iniciar a vida sexual, verificou-se que os estudantes discutiram a importância da conversa e do diálogo com a família e na escola para que se sintam preparados e seguros quando esse momento vier a acontecer, não estipulando, desta forma, uma idade exata para se ter a primeira relação sexual. Eles apontaram que o que acarretam a iniciação sexual precoce, principalmente, são a vontade e a curiosidade, a liberdade dada pelos pais, a falta de diálogo em casa e de instrução na escola, e a influência de amigos, corroborando com os estudos feitos por Bergamim e Borges (2009).

Outro ponto debatido diz respeito as influência dos valores e normas sociais no comportamento das pessoas. Verificou-se que as questões de gêneros se fazem presente entre as concepções dos alunos, quando afirmam que há muito mais regras para o corpo feminino do que o masculino, como se observa nas fala a seguir: “*se mulher usar roupa curta já é logo chamada de puta, enquanto os meninos saem sem camisa, mostra a cueca e povo não diz nada*” (E3A), “*os meninos podem sentar de qualquer jeito, já as meninas tem que fechar as pernas*” (E3A). A partir dessas colocações, fica evidente o quanto as relações de poder tão abordadas por Foucault em suas obras, estão entranhadas nas relações entre homens e mulheres na sociedade.

Sendo assim, a partir desses resultados foi possível notar que os alunos conseguem perceber o quanto a cultura e a sociedade influenciam na vida das pessoas. Como aponta Anjos *et al.* (2012, p. 830) é durante a adolescência que eles “consolidam valores e conceitos, influenciados pela cultura familiar, mídia, amigos e sociedade como um todo e que vão permear suas atitudes para a vida futura”.

Quanto à utilização dos vídeos como forma de revisão do conteúdo abordado (Sistema Reprodutor Masculino disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9pMdN5edi30>>, e Aparelho Reprodutor Feminino-disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=qdEe7cRF\\_C0](https://www.youtube.com/watch?v=qdEe7cRF_C0)>), os alunos puderam observar de forma mais lúdica e dinâmica a localização, a anatomia e o funcionamento das estruturas internas do corpo masculino e feminino, consolidando de maneira mais efetiva o assunto estudado. Neste momento, os alunos entenderam de forma mais fácil o papel e o nome de cada estrutura genital humana à medida que o vídeo era exposto. Pois como afirma Morán (1995, p. 27) a utilização de os vídeos na escola “aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana, e também introduz novas questões no processo educacional”.

Desta forma, pode-se assegurar que apesar do enfoque biológico dado ao conteúdo, através da participação, das colocações e dos questionamentos dos alunos, a abordagem do sistema genital humano ultrapassou a esfera morfofisiológica, chegando aos aspectos socioculturais que o influencia, garantindo assim uma abordagem dos diversos aspectos da sexualidade. Portanto, pode-se afirmar que a metodologia utilizada pelo professor e a forma como ele conduz a aula influencia diretamente no comportamento e na participação dos alunos durante a aula, como também, na sua aprendizagem.

III. *Exposição teórica do conteúdo sobre a fisiologia do sistema genital humano utilizando animações e vídeo-aulas para auxiliar o entendimento do assunto:*

Esta etapa foi realizada em duas aulas geminadas de 50 minutos cada, através de uma abordagem expositiva do conteúdo sobre a fisiologia do sistema genital humano. Na tentativa de facilitar o entendimento dos alunos acerca do assunto abordado, e dinamizar a aula, optou-se por utilizar duas vídeos-aulas retiradas do Youtube.

Ciente da dificuldade em ministrar esse conteúdo, devido a grande quantidade informações, as vídeo-aulas on-line são recursos didáticos que os docentes podem utilizar para mostrar de maneira mais objetiva o conteúdo, permitindo ao aluno através de um computador ou de um celular com acesso a internet, caso ache necessário, uma nova visualização e um estudo mais efetivo dos assuntos trabalhados. De acordo com Morán (1995, p. 30) esse tipo proposta de utilização se enquadra no que ele chama de “*Vídeo como conteúdo de ensino*” já que o vídeo apresenta o conteúdo de forma direta ou indireta. “De forma direta, quando informa sobre um tema específico orientando a sua interpretação. De forma indireta, quando mostra um tema, permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares”.

Inicialmente os alunos foram questionados sobre as diferenças do funcionamento do sistema genital masculino e feminino. De forma geral, foi possível perceber que os alunos entendem que esses sistemas são importantes, principalmente para fins reprodutivos, mas também para proporcionar prazer. No que se refere à finalidade reprodutiva, os estudantes apontaram que o sistema genital masculino serve para a produção de espermatozoides e o feminino além da produção de ovócitos, é encarregado da gestação de um novo ser.

A partir desse momento, perguntou-se aos alunos se eles sabiam como ocorre a produção dos espermatozoides no homem, e dos ovócitos nas mulheres, e como o corpo feminino se prepara para a gravidez. Sem obter resposta positivas, ficou claro, que a maioria dos alunos não conhece muito sobre a fisiologia da reprodução humana, mas apenas a sua finalidade.

Pensando nisso, para auxiliar no entendimento do conteúdo, antes da exibição das vídeos-aulas sobre a fisiologia masculina e feminina, os alunos foram orientados durante a exibição dos vídeos, a fazerem anotações quanto à sequência de eventos de cada sistema, focando principalmente, nas principais glândulas produtoras de hormônios, nos hormônios por elas produzidos, onde eles atuam e quais são suas funções.

O primeiro vídeo exibido foi denominado de “Fisiologia Sexual Feminina (Ciclo Menstrual)” pelo Canal do Youtube chamado Elite educacional. Ele tem duração de aproximadamente 11 minutos e pode ser acessado através do endereço eletrônico <<https://www.youtube.com/watch?v=fv8SrkWKzTk>>. Nele, os alunos puderam perceber, de forma geral, as modificações que o corpo da menina sofre ao chegar à puberdade, por que, como e quando o corpo feminino começa a produzir ovócitos, o que isso significa, como ocorre o ciclo menstrual, como o útero se prepara para uma possível gravidez e o quanto os hormônios são importantes para a regulação desses eventos. Utilizando de uma imagem gráfica sobre as fases do ciclo menstrual (ovariano e uterino) o conteúdo foi recapitulado a partir do que foi visto no vídeo.

Quanto à fisiologia sexual feminina, foi observado que os assuntos que provocaram mais interesse nos estudantes, principalmente nas meninas, envolviam o conteúdo sobre o ciclo menstrual e a gravidez. Algumas perguntas surgiram durante a explicação do conteúdo pela professora, por parte de algumas alunas: *“Professora, o que provoca a cólica quando a gente está menstruada”, “Porque tem mulher que menstrua mesmo estando grávida?”, “O que a pílula anticoncepcional faz no corpo da mulher pra ela não engravidar mais?”* (E3B).

O segundo vídeo exibido, também produzido pelo Canal Elite Educacional, foi denominado “Fisiologia Sexual Masculina (Parte 1)”, tem duração de aproximadamente 10 minutos, pode ser encontrado por meio do link <<https://www.youtube.com/watch?v=sfR45qeB4Bs>>. Através dele, os estudantes perceberam de maneira geral, as alterações que o corpo masculino sofre na passagem da infância para adolescência, por que, como e quando o corpo masculino começa a produzir espermatozoides, o que isso significa, o quanto os hormônios são importantes para a regulação desses eventos e o perigo do uso de anabolizante para a saúde.

Sobre a fisiologia masculina, o que mais provocou interesse foi o assunto apresentando no final do vídeo sobre o uso indiscriminado de anabolizante pelos meninos para aumentar massa muscular. No geral os meninos mostraram-se bem atentos as informações apresentadas no vídeo, e por ser uma prática comum entre eles tomar algum tipo de suplemento “nutricional” para auxiliar no ganho de massa muscular, foi pertinente conversar sobre a importância de procurar profissionais capacitados para verificar a necessidade da utilização desse tipo de produto.

Sendo assim, através da abordagem do conteúdo da fisiologia do sistema genital humano, pode-se perceber que os alunos apresentaram questionamentos voltados estritamente para os aspectos biológicos, diferentemente da atividade anterior.

Vale salientar que as duas vídeos-aulas foram exibidas de forma descontínua, pois a professora observou que devido à grande quantidade de nomes e informações apresentadas, muitas vezes os alunos não conseguiram em determinadas partes, entender o conteúdo, havendo a necessidade dos vídeos serem pausados e a docente explicar e discutir com os estudantes, as informações que os vídeos mostravam. Para Morán (1995, p. 29) esse tipo de comportamento docente é adequado, pois “não é satisfatório didaticamente exibir o vídeo sem discuti-lo, sem integrá-lo com o assunto de aula, sem voltar e mostrar alguns momentos mais importantes”.

Após a exibição dos vídeos, foi possível perceber que apesar de acharem o conteúdo das vídeo-aulas interessante e importante, uma boa parcela dos alunos demonstraram ter muita dificuldade, principalmente com a vasta nomenclatura que a temática apresentada possui, como pode ser observado nos comentários a seguir: “*professora, pra que tanto nome em?*” (E3A); “*por que a biologia tem tanto nome?*”. Desta forma, estudos de Dalmolim e Lewandowski (2013) corroboram com este resultado, pois aponta que uso de vocábulos difíceis e com significados complexos acabam por dificultar o ensino de conteúdos biológicos.

Deste modo, mesmo gerando discussões pertinentes à temática, percebe-se que esse tipo de conteúdo, ainda requer um tipo de abordagem que auxilie os alunos para uma melhor compreensão da regulação hormonal do sistema genital humano.

Sendo assim, pensando em proporcionar uma aprendizagem mais efetiva acerca da morfofisiologia do sistema genital humano, antes de acabar a aula, foi solicitado aos alunos que formassem cinco grupos, de aproximadamente seis integrantes cada. Posteriormente, os assuntos: 1-sistema genital feminino externo, 2-sistema genital feminino interno, 3-sistema genital masculino interno, 4-gametas masculino e feminino, e 5-ciclo menstrual, foi sorteado entre eles. Para os grupos que ficaram com os quatro primeiros assuntos, foi pedido que se organizassem e confeccionassem um modelo didático sobre a temática do seu grupo e após uma semana, apresentassem o conteúdo do grupo utilizando o modelo elaborado.

Para o quinto grupo, foi solicitado que ele escolhesse um dos vídeos a seguir “Ovulação Ciclo Menstrual Animação 3D” (disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4WGsBr64eDk&t=7>>) e “Ciclo menstrual - Homem

Virtual - Guyton & Hall”, (disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bkdtz-Ps4hg&t=40s>>), produziu um áudio explicativo sobre os acontecimentos que nele ocorrem, já que no primeiro deles o áudio está em inglês e no segundo não existe áudio e trouxe no pen-drive para que seja apresentado junto aos demais grupos.

Cabe ressaltar, que os alunos tiveram autonomia para a escolha dos materiais e como iriam confeccionar os modelos, assim como, quanto à elaboração do áudio do vídeo, estimulando assim, a criatividade e o protagonismo estudantil.

#### *IV. Aplicação de metodologias ativas de avaliação da aprendizagem dos alunos:*

As ações aqui descritas foram desenvolvidas com o objetivo de avaliar a aprendizagem dos alunos acerca dos conteúdos trabalhados na segunda etapa da pesquisa.

Através de duas geminadas em cada uma das turmas, cada grupo apresentou seu trabalho de acordo com a ordem dos temas estabelecidos anteriormente.

Quanto aos modelos confeccionados, de forma geral percebeu-se que os estudantes conseguiram apresentar o conteúdo de acordo como foi solicitado, apresentando estruturas e funções dos sistemas genitais masculino interno e feminino externo e interno.

Vale ressaltar que os estudantes apresentaram os conteúdos utilizando os modelos didáticos (Figuras 2), confeccionados a partir de materiais como: emborrachado, massa de modelar, massa de biscoito, placa e bola de isopor (Figuras 3). Entretanto, foi possível perceber, nas duas turmas, que alguns alunos de cada grupo não demonstraram comprometimento e capricho tanto para a confecção do modelo didático, quanto para a apresentação do conteúdo. Logo, através dessa percepção, foi observado que em alguns grupos determinados alunos estavam mais preparados e envolvidos com o trabalho do que outros.

Por meio da análise dos modelos didáticos e das apresentações pode-se verificar que o uso de uma metodologia lúdica durante as aulas tanto contribui para o ensino do conteúdo ministrado pelo professor, como facilita e promove a aprendizagem dos alunos. No estudo sobre o sistema reprodutor feminino, Sousa e Sanches (2015, p. 22), afirmam que:

Atividades lúdicas ou interativas podem facilitar a compreensão do estudante em relação à anatomia e função dos órgãos, aliado a questão da sexualidade,

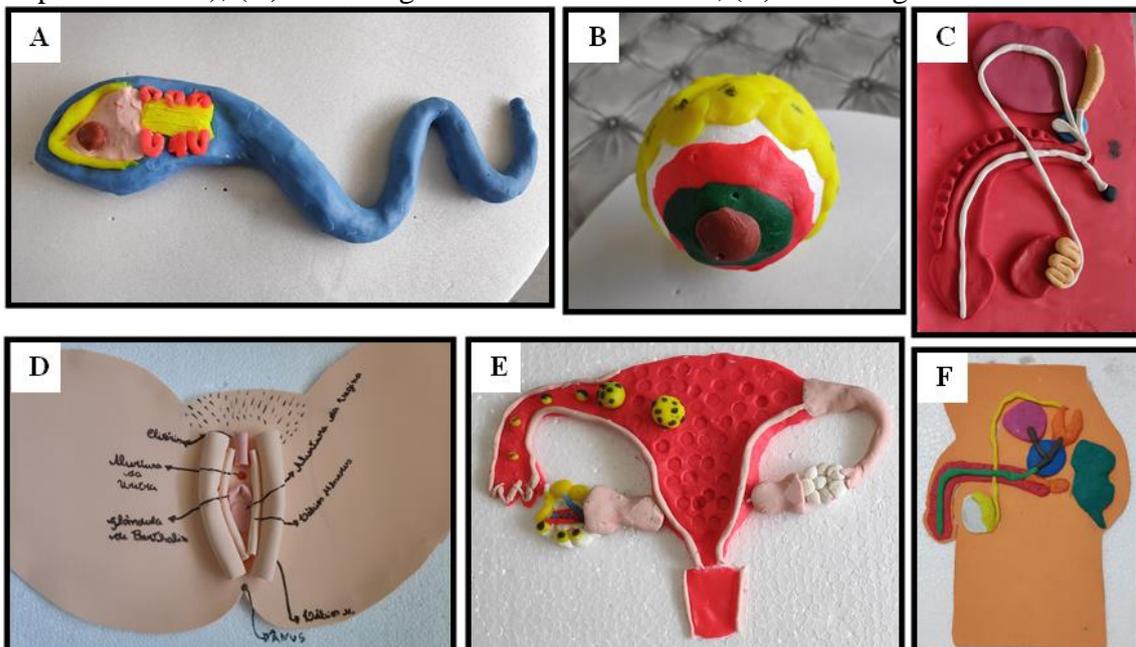
contraceção, DSTs, entre outros aspectos, presente em seu cotidiano e em situações vividas pelos jovens nessa etapa da vida, aumentando as chances de que a aprendizagem seja significativa para os mesmos.

**Figura 2** – Apresentações sobre o sistema genital feminino interno: (A) turma A e (B) - turma B, (C) sistema genital feminino externo (turma A), e (D) sistema genital masculino interno (turma A).



Fonte: AURINO, 2019.

**Figura 3** – Modelos didáticos confeccionados pelos estudantes: (A) espermatozoide, (B) ovócito II ou óvulo, (C) e (F) Sistema genital masculino externo (turmas A e B, respectivamente), (D) Sistema genital feminino externo, (E) Sistema genital feminino interno.



Fonte: AURINO, 2019.

Após a apresentação dos modelos didáticos, foi colocado na TV o vídeo sobre o ciclo menstrual com o áudio elaborado pelos próprios alunos. Verificou-se que devido à facilidade em manusear recursos de edição de vídeo, os alunos da 3ª série B editou o vídeo “Ciclo menstrual - Homem Virtual - Guyton & Hall”, tendo o cuidado de explicar, por meio da colocação de suas próprias vozes, todo o conteúdo ali contido. Foi observado o zelo que eles tiveram tanto em explicar de forma clara e objetiva o conteúdo do vídeo, como também, em identificar qual o aluno que estava explicando através do emprego de seus nomes à medida que iam falando.

Quanto ao áudio elaborado pelos alunos da 3ª série A, foi observado que eles não escolheram nenhum dos vídeos especificados. Verificou-se que eles criaram seu próprio vídeo a partir de trechos de vídeos já existentes. No que se refere à explicação do conteúdo, foi possível perceber que houve um pouco de dificuldade em explicar os principais eventos do ciclo menstrual relacionados a alguns hormônios que atuam no ovário e no útero.

Portanto, através desta atividade foi possível concluir que apesar da dificuldade com relação a abordagem do ciclo menstrual, ficou evidente que os alunos conseguiram atingir o objetivo de explicar esse conteúdo de forma objetiva, focando principalmente na regulação hormonal do ciclo.

### **5.2.2 Dinâmica com Post it: Sexo e Sexualidade**

Nesta etapa do trabalho foi possível identificar e analisar as concepções dos alunos sobre os conceitos de sexo e sexualidade por meio de uma dinâmica com ‘Post it’ e de um debate aberto com mediação docente, possibilitando aos discentes discutir sobre esses temas e nos principais elementos que compõe a sexualidade de acordo com os estudantes pesquisados.

Esta atividade foi realizada em cada uma das turmas, utilizando o tempo de duas aulas com 50 minutos cada. Inicialmente foi escrito de um lado do quadro a palavra *Sexo* na cor rosa e do outro lado a palavra *Sexualidade* na cor azul, de modo que de qualquer lugar da sala fosse possível a visualização. Depois, foi distribuído para cada aluno pelo menos uma folha de Post it nas cores rosa e azul. Após a entrega, foi solicitado que os alunos escrevessem no post it rosa a primeira coisa que vem a sua cabeça quando se fala de sexo e no post it azul a primeira coisa que pensam quando falam em sexualidade. Posteriormente, os alunos foram

convidados para pregarem seus post it no quadro obedecendo à cor de cada tema. Após este momento, os alunos foram convidados a se dirigirem ao quadro e observarem as colocações de seus colegas. Terminando esse primeiro momento, e sob a mediação docente, um debate aberto foi organizado para que os alunos dialogassem, a respeito das suas colocações a respeito dos temas sexo e sexualidade (Figura 4).

**Figura 4** – Estudante durante a Dinâmica com “Post it”: (A e B) Colocação dos post it no quadro nas turmas A e B respectivamente, (C e D) Observação dos post it nas turmas A e B respectivamente, e (E e F) Debate aberto na 3ª série B.



**Fonte:** AURINO. 2019.

A partir de uma análise geral e mais abrangente do conteúdo colocado pelos alunos nos post it, pode-se verificar uma grande diversidade concepções quanto aos conceitos de sexo e sexualidade.

Analisando o conteúdo dos post it e das falas dos alunos, nesta atividade foi possível verificar que esses conceitos ainda são tratados como tabu. Durante a discussão as falas dos estudantes retratam bem o quanto esses assuntos ainda são polêmicos: “*Sexo é um tabu. As pessoas normalmente não conversam, não comentam, não tem liberdade de falar. Normalmente as pessoas levam na brincadeira, não falam sério sobre o assunto*” (E3B). Por meio dessa fala, pode-se perceber que o sexo ainda é um assunto que apesar de gerar alvoroço quando é comentado as pessoas normalmente o evitam.

O sexo também chegou a ser discutido dentro de um aspecto estritamente biológico, quando se trata da relação sexual por si só, ou para fins reprodutivos e/ou apenas para proporcionar prazer, além da determinação macho/fêmea de uma espécie, como pode ser observado nas falas a seguir:

“*Sexo é o ato sexual, tanto para reprodução quanto para prazer*” (E3A).

“*Contato de dois corpos para prazer ou para a reprodução*” (E3B).

“*Sexo pra mim é transar, é ter relação sexual com outra pessoa*” (E3A).

“*É uma relação sexual entre duas pessoas*” (E3B).

“*É uma relação sexual que você tem alguém*” (E3A).

“*Relação de prazer entre duas pessoas*” (E3A).

“*Perder a virgindade*” (E3B).

“*É ter prazer, se satisfazer, satisfazer o parceiro*” (E3B).

“*Sexo pra mim é saber se é menino ou menina através das partes genitais*” (E3B).

No entanto, apesar da maioria dos alunos apontarem temas que estão diretamente relacionados ao sexo, apenas alguns apresentam uma abordagem conceitual correta. Ficou evidente através da análise dos “Post it” e das falas durante o debate que entre os alunos ainda existe uma confusão entre o conceito de sexo e gênero:

“*Sexo é masculino e feminino*” (E3A).

“*Gênero masculino e feminino*” (E3B).

Apesar do uso muito comum dos termos sexo masculino e sexo feminino é preciso deixar claro segundo Torres, Beserra e Barroso (2007, p. 297) que sexo “consiste no conjunto das características biológicas e naturais, essencialmente imutáveis”, enquanto “o gênero é influenciado pelo contexto sociocultural estabelecido às pessoas no passar dos tempos e que são possivelmente mutáveis no decorrer da história”. Sendo assim, o sexo é determinado biologicamente, enquanto o gênero é estabelecido através de valores e condutas sociais.

Além dessas percepções, foi observado que os alunos apresentaram o sexo dotado de expressões de sentimentos e cheio de sensações, como se pode verificar nas colocações abaixo:

*“Quando eu penso em sexo é com a pessoa que eu gosto. [...]”* (E3A).

*“Algo que você faz com uma pessoa que você gosta”* (E3A).

*“Amor entre dois”* (E3B).

*“Sexo é entre duas pessoas em uma forma de amor”* (E3B).

*“Pessoas [...] trocando amor”* (E3B).

*“Calor entre dois corpos”* (E3B).

Observa-se desta maneira que o sexo para os alunos vai além de uma relação sexual, ele envolve troca de amor de carinho, por ser um dos principais elementos que compõe a sexualidade das pessoas, dificultando assim, a separação entre os seus biológicos, social e emocional.

No que se refere às concepções de sexualidade foi possível estabelecer através da análise dos “post it” as seguintes categorias: *Sexo, Aspectos psicosocioculturais e Escolha pessoal.*

Ao se referir à sexualidade, observa-se que neste momento o sexo carrega o sentido especificamente biológico voltado à relação sexual e à reprodução, como se observa nas seguintes falas:

*“Estudo sobre o sexo”* (E3A).

*“A união de homem com mulher. Relações sexuais”* (E3A).

*“Sexo na atualidade”* (E3B).

*“Eu acho também que a sociedade não ensina. A senhora é professora de biologia, e há de concordar, que nós seguimos muito mais impulsos biológicos, do que fatores psicológicos. Porque o instinto de acasalamento é muito forte. É mais de instinto de autopreservação da sua prole. [...]. Eu acho que é mais uma imposição biológica. Pode ter fatores psicológicos, mas principalmente os biológicos” (E3B).*

No entanto, através da última fala, pode-se perceber a negação de um estudante a respeito da influência da sociedade na sexualidade das pessoas. Como afirma Quirino e Rocha (2012, p. 211) em seu estudo sobre a percepção docente acerca da sexualidade e da educação sexual, a sexualidade quando entendida como sexo:

*“[...] refere-se à diferenciação sexual em seus aspectos físicos (macho/fêmea) e psíquicos (masculino/feminino), à relação sexual e afetiva entre os seres, sendo inerente à natureza humana, tendo um caráter essencialista. Nela, há supremacia dos atributos biológicos em relação aos socioculturais, embora reconhecessem que não se poderia pensá-la exclusivamente através destes”.*

Logo, percebe-se que apesar dos autores concordarem que há uma predominância dos aspectos biológicos na sociedade, não há como pensar em sexualidade humana sem a influência dos aspectos socioculturais.

Sabendo disso, outro aspecto da sexualidade muito discutida pelos alunos nesta atividade diz respeito aos aspectos psicológicos, sociais e culturais da sexualidade. Neste contexto, os alunos comentaram alguns fatores que podem interferir diretamente na sexualidade das pessoas. Assim como Torres, Beserra e Barroso (2007) observaram em seu estudo, a religião e família são fatores que intervêm diretamente na sexualidade:

*“Muita gente acaba se privando daquilo que ela é por conta de religião, de parente, por medo. A sociedade julga muito as pessoas” (E3A).*

*“A sociedade impõe sim. O cara cresce com um homem. O homem só fala em que? Em mulher. O cara vai e aprender isso” (E3B).*

*“Você já cresce dentro de casa vendo um pai e a uma mãe, raramente você vê a mãe e a mãe do colega. Você quando é criança é muito influenciado. [...]” (E3B).*

Além desses fatores os alunos apontaram também que existem diversas formas de preconceitos e padrões estabelecidos na sociedade no que se refere às identidades sexuais e de

gênero dos indivíduos. Conversando sobre o padrão heteronormativo é possível identificar na fala de um dos estudantes abaixo a importância da educação sexual para sensibilização das pessoas quanto aos conceitos que a sexualidade envolve:

*“Mas hoje em dia ele está sendo quebrado, por ser conversado. Mas, a sociedade impõe porque você só vê seu pai sua mãe, um casal. Quando meus pais descobriram que eu sou bissexual, nossa senhora! Ela é a ovelha negra da família. Ela não presta, Ela é isso, é aquilo, tá entendendo? É preciso falar mais sobre o assunto. Eu usei o termo no papel “opção sexual” porque eu escutei assim. Se a gente comentasse mais sobre o assunto, se não fosse essa polêmica toda, seria bem mais fácil pra tudo mundo (E3B).*

*“Mas quando olha pra outro lado e tem um casal de lésbica ou de gay, as pessoas não acham isso normal, porque você naturalmente só tá acostumado a ver um casal de homem e mulher” (E3B).*

Sendo assim, como afirma Torres (2015, p. 108) “nos discursos sociais a heteronormatividade funciona como uma matriz, orientada pelas normas de gênero, que somente consegue fornecer inteligibilidade para corpos de homens e mulheres heterossexuais”. Sobre essa temática, Torres, Beserra e Barroso (2007) afirmam que os adolescentes ainda convivem com dificuldade em relação às diversas questões do universo da sexualidade, entre elas, eles destacam as identidades sexuais, além dos padrões de comportamento assim como foi debatido neste trabalho.

Quanto à categoria *Escolha pessoal*, foi possível perceber duas conotações: a primeira o termo opção sexual é utilizado carregando o sentido de liberdade de escolha de sua sexualidade, como pode ser observado por meio dos depoimentos abaixo:

*“Sexualidade é uma escolha pessoal e tem que ser respeitada” (E3A).*

*“A sexualidade é muito pessoal, por isso todos merecem respeito em relação a suas escolhas” (E3A).*

*“Opção de escolha de cada pessoa” (E3B).*

*“Livre arbítrio de escolher” (E3B).*

*“É você ter a sua própria opção sexual” (E3B).*

Observa-se através dessas falas anteriores que a sexualidade é entendida como um processo de escolha, como algo que você decide se tornar e logo em seguida consegue ser.

O segundo tipo de conotação diz respeito ao termo orientação sexual já que se refere ao direcionamento sexual que uma determinada pessoa tem.

*“Porque se fosse escolha, eu falava: Ah! Eu não vou gostar de menina, eu vou de menino. E assim seria fácil. Mas, você vai se descobrindo com o tempo, entendeu?” (E3B).*

Desta forma, de acordo com Quirino e Rocha (2012) é durante a infância que o comportamento sexual e as performances de gênero são estabelecidas por meio das suas experiências e da identidade de gêneros, de maneira que a criança não apresentada capacidade avaliativa de escolher. No entanto, esses autores apontam que quando ainda não se tem um posição definida, existe a possibilidade de ser influenciada por outra pessoa, como foi colocado por um dos estudantes:

*Professora, a palavra orientação quando é falada, dá a entender que é alguém que vai lhe orientar. Isso leva a questão muito de influencia, de que alguém está lhe influenciando a pensar dessa forma.*

Sendo assim, por meio da dinâmica com os “Post it” além de verificar as concepções dos alunos sobre O que é Sexo? e O que é Sexualidade?, foi possível verificar uma intensa participação discente, tornando-o protagonista e sujeito ativo na construção do conhecimento. Além disso, observou-se que esse tipo estratégia metodológica atrai a atenção do estudante, motivando e favorecendo as interações aluno/aluno e aluno/professor, como pode ser notada por meio das seguintes:

*“Professora, não vai embora não, vamos discutir mais, tá tão bom” (E3A).*

*“Professora, pede ao professor de história para ceder a aula dele. Ele deixa. A aula hoje foi massa” (E3B).*

Portanto, pode-se afirmar que esta dinâmica foge do que Freire (1987) denomina de “educação bancária”. Neste tipo de prática o professor é o sujeito ativo, detentor do conhecimento, que será transmitido, isto é, depositado nos alunos, que o receberá passivamente.

### 5.2.3 Representações Sociais de Gênero

Nesta etapa da pesquisa, as atividades foram desenvolvidas com objetivo de identificar e discutir as percepções dos alunos sobre as representações sociais de gênero com o auxílio músicas nacionais, partindo de uma discussão inicial sobre a temática.

Para desenvolver esta atividade foi preciso fazer uma seleção prévia de três músicas que contenham em suas letras o conteúdo a ser debatido na aula. As músicas escolhidas foram: “*Palma da mão no chão*” (Gil Bala – Anexo E), “*Uber*” (Aviões – Anexo F) e “*Sonhei que tava me casando*” (Wesley Safadão – Anexo G). Para facilitar suas análises fez-se a impressão de suas letras de acordo com número de alunos de cada turma.

A atividade foi desenvolvida em duas aulas (geminadas) de 50 minutos cada, na biblioteca da escola, exceto a segunda aula na turma B que foi realizada na própria sala de aula, já que o local seria usado por outro professor.

Na primeira aula uma discussão sobre “Coisas de menina/mulher e coisas de menino/homem” foi realizada. Para desenvolvê-la um slide intitulado “Coisas de”: foi organizado em duas colunas, de modo que em uma continha “Menina/Mulher” e na outra “Menino/Homem”, relacionando-as de acordo com as categorias (cor, comportamento, brinquedo e trabalho) presentes nas linhas. Posteriormente, foi solicitado aos alunos que eles elencassem palavras que remetem a cada gênero de acordo com as categorias apresentadas, ao passo que a pesquisadora as escrevia no slide. Cabe ressaltar que a priori, a tabela seria escrita no quadro de modo que os alunos se direcionassem até ele e escrevessem as palavras, porém como na biblioteca o quadro é pequeno e o espaço é reduzido não foi possível desenvolver desta forma. Após, este momento, os alunos discutiram acerca das respostas apresentadas. Na segunda aula, eles receberam a letra das músicas impressas para analisarem as partes relacionadas às representações do homem e da mulher enquanto a música era tocada. A atividade foi finalizada com a discussão das representações masculinas e femininas encontradas nas músicas (Figura 5).

Sabe-se que apesar dos aspectos biológicos influenciarem, a sexualidade é construída de acordo com a dimensão social, cultural e políticas. Pensando nisso Louro (2000, p. 9) afirma que “a inscrição dos gêneros - feminino ou masculino - nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura”. Segundo

Heilborn (2002, p. 76) “o conceito de gênero refere-se à construção social do sexo e foi produzido com a ideia de discriminar o nível anátomo-fisiológico da esfera social/cultural”.

**Figura 5** – Questões de gênero nas turmas A e B, respectivamente: Discussão da temática (A e B); Análise das músicas (C e D).



**Fonte:** AURINO, 2019.

Após a análise do conteúdo das percepções dos alunos acerca representações sociais de gênero foi possível estabelecer duas categorias: *Aspectos corporais e Aspectos comportamentais*.

### **Aspectos Corporais:**

A identidade das pessoas é constituída e marcada pelas expressões corporais. “Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados” (LOURO, 2000, p. 11). De acordo com Langamer e Timm (2013) a educação do corpo está relacionada com experiências de vida das pessoas. Assim como a família e a religião, a escola é um sistema de controle e padronização dos corpos de acordo com o gênero. Segundo Moraes, Camargo e Nardi (2015, p. 148) “nossas experiências no mundo são ordenadas a partir de relações de poder que demarcam posições muito desiguais para homens e mulheres”.

O corpo se expressa de formas diferentes entre meninos e meninas. Para eles, os movimentos são mais rápidos, as brincadeiras são mais agressivas, enquanto que elas estão voltadas para a sutileza e a delicadeza. Durante a discussão sobre as coisas de homem e coisas

de mulher, essas expressões corporais masculinas e femininas foram muito bem estabelecidas pelos estudantes através das seguintes falas: “*O menino é mais bruto, mais grosso e desorganizado que a menina*” (E3B), “*A mulher é delicada, meiga, calma, sensível, organizada*” (E3A).

Sabe-se que algumas expressões corporais são dotadas de julgamentos sociais, principalmente as desenvolvidas pelo corpo feminino. A menina tem que falar baixo, não pode usar palavras de baixo calão, deve ser comportada, obediente, está sempre bem arrumada. Caso não tenha esses atributos, ela é vista com maus olhos pelas pessoas. Logo, para a sociedade o corpo feminino está diretamente vinculado à ideia de pureza, santidade, de algo sagrado.

Entretanto, observou-se que o corpo masculino também é vítima de julgamentos quando os meninos não se encaixam nesse padrão masculino de ser. Isto pôde ser verificado por meio da fala de uma aluna sobre um colega seu ao discutir sobre a maneira de ser homem e ser mulher na sociedade: “*Samuel é assim, mas ele não se diz gay não*” (E3A), imediatamente, ele responde “*Não, se diz gay! Eu sou hetero, caramba!*” (E3A). Verifica-se neste caso, a necessidade de uma autoafirmação heterossexual, como se a homoafetividade fosse algo negativo. Apesar de atualmente ela ser considerada como natural, já que não é considerada mais como uma doença pelas ciências psicológicas e médicas, é possível observar ainda nas relações entre as pessoas uma rejeição social de homossexuais (MORAIS; CAMARGO; NARDI, 2015).

Por meio de uma fala irônica e através da reprodução dos gestos em sala, verificou-se que algumas alunas apresentaram uma percepção mais libertária em relação ao seu próprio corpo: “*A menina não pode sentar de perna aberta, tem que sentar com perninha cruzada*” (E3B) e “*A menina não pode falar gíria, palavrão*” (E3B). Enquanto outras, ao ouvir a música “Palma da mão no chão” mostraram-se envergonhadas. Pôde-se perceber de forma geral, que na sala de aula essa música causou inquietações tanto em alunas quanto em alunos, o que não ocorre quando escutam esse tipo de música no pátio da escola. Acredita-se que isso se deve a formalidade que a sala de aula normalmente apresenta.

Por meio da análise da letra dessa música e através do depoimento a seguir, os estudantes perceberam a retratação do corpo da mulher como um objeto sexual do homem, voltada apenas para satisfazê-lo: “*Eu não vou dizer que eu não escuto essas músicas, eu escuto. Mas eu acho que ela impõe a mulher como objeto sexual, digamos assim*” (E3B), “*Que a mulher é o objeto sexual dele*” (E3A), e “*Que ela fica de quatro, e senta, senta, pra*

*agradar o cara*” (E3A). Resultados semelhantes foram obtidos por Pontes e Ribeiro (2016) em seu trabalho, após fazer uma reflexão sobre representação da mulher como um objeto sexual presente nos estilos musicais Funk e do Sertanejo Universitário.

Ao discutir sobre a representação da imagem masculina e feminina ao dançar esse tipo de música foi possível perceber que em alguns depoimentos dos alunos, o homem sempre é retratado positivamente *“Ele é o pegador, o bonzão”* (E3A), enquanto a mulher acaba sendo subjugada: *“Mas ela normalmente é chamada de puta, que quer transar”* (E3A). *“Ela é desvalorizada (E3A)”*; *“Ela é vulgar”* (E3A); *“Pra sociedade é um tipo de mulher que você só pega na hora se diverte e pronto”* (E3A). Além disso, uma aluna apontou que *“A mulher usa a dança pra expressar sua sensualidade também”* (E3A), indicando assim, que o corpo feminino na dança é usado também como expressão da sua sensualidade, e não apenas para fins meramente sexuais.

Observou-se também que esses julgamentos também estão direcionados à mulher dependendo do tipo de roupa que ela usa, como pode ser observado nas colocações a seguir: *“Professora, na questão de roupa também. A mulher não pode usar short curto, saia curta, vestido curto, que é logo chamada de puta, vagabunda”* (E3A); *“Se fosse por eles a gente só andava de burca, só mostrando só o olho e olhe lá”* (E3A).

Levando em consideração a luta pelos direitos das mulheres ao longo do tempo pelo movimento feminista, percebe-se que essas discussões sobre as questões de gênero são de grande importância e devem ser debatidas na sala de aula, para que os estudantes percebam a necessidade de quebrar os padrões estabelecidos sobre os corpos femininos, enaltecendo a mulher para que ela possa decidir sobre seu próprio corpo, tornando-se uma mulher autônoma, independente, empoderada e dona das suas próprias vontades.

A partir disso, foi possível dialogar um pouco sobre como essas representações sociais impostas às mulheres e aos homens acabam sendo reforçadas pelo patriarcado, estabelecendo muitas vezes relações de dominação e violência entre eles. Isso foi verificado através da seguinte fala de uma aluna ao comentar do controle sobre a roupa *“Aí já não é proteção, é posse”* (E3A), outra estudante complementa *“E tipo, não é só da roupa. E isso acaba virando uma relação abusiva pelo fato de que, a roupa, o controle das amigas, de privar de amigas, de fazer o que gosta, de ficar só em casa”* (E3A), um aluno finaliza dizendo *“E pelo fato do homem ser mais forte alguns abusam disso e ameaçam, e a maioria das mulheres se sentem ameaçadas e sofrem com isso e não falam por medo”* (E3A).

Portanto, é de grande importância a escola promover a discussão a respeito dos padrões sociais de gênero, favorecendo uma reflexão acerca dos estereótipos de homens e mulheres, contribuindo assim, para uma sociedade menos machista, sexista, heterossexual e heteronormativa.

### **Aspectos Comportamentais**

Nesta categoria foi analisada a percepção dos alunos acerca do comportamento e das interações sociais entre os sujeitos masculino e feminino.

Através da atividade “Coisa de”, pôde-se discutir a respeito do comportamento masculino e feminino. Os estudantes apontaram que os homens não costumam chorar, são brutos, fortes e protetores, além de desorganizados, enquanto que as mulheres são mais meigas, sensíveis, delicadas e calmas, como foi apontado no item anterior, sobre os aspectos corporais. No que se refere à expressão “homem não chora”, os alunos justificaram da seguinte forma:

*“Eu colocaria: protetor. Tipo assim, aquele senso de proteger.”*  
(E3A).

*“O menino não pode chorar porque ele é forte”.* (E3B).

*“O homem na nossa sociedade é criado pra ser forte, pra liderar e cuidar da sua família, e realmente proteger. E esse negócio de o homem não chora é pra não demonstrar fraqueza, pra não abalar eles, então ele tem que se manter forte. Mas eu não fui criado desse jeito não”.* (E3B).

No entanto, um aluno afirmou que o homem não mostra fraqueza para a fêmea devido aos impulsos biológicos, e não pelos culturais, conforme a fala abaixo.

*“O homem é movido por impulsos biológicos de sobrevivência. Porque biologicamente o homem que possui o gênero masculino não deve demonstrar fraqueza pra fêmea. Porque os impulsos biológicos de maneira inconscientes induz o homem a agir da maneira que ele age. Os aspectos sociais são apenas uma adaptação cultural dos impulsos biológicos.”* (E3B).

Neste momento, uma aluna contestou o colega com a seguinte afirmação:

*“Eu não concordo não. Porque eu tenho um namorado que é machista sabe? Ai quando ele tá comigo ele chora igual uma criança. Ai depois ele faz, não diz pra ninguém não, pra não manchar minha imagem de homem” (E3B).*

Observou-se neste caso, que a maioria dos estudantes concorda que na sociedade existe na uma série de normas e regras que regulam os comportamentos das pessoas de maneira diferente entre os gêneros.

Segundo Heilborn (2002, p. 79):

Para o senso comum, parece óbvio que as condutas femininas e masculinas resultem de uma inscrição natural em seus corpos. Resultado disso seria a posição que a mulher ocupa no processo reprodutivo, a qual será retomada mais adiante. Em contraposição, espera-se de um modo geral que ao sexo masculino sejam associados os papéis da esfera pública, e as atitudes de virilidade e força, em oposição à fragilidade, associada ao feminino.

Desta forma, ao falar sobre os espaços ocupados por homens e mulheres na sociedade, pode-se perceber que o espaço privado está reservado a elas, enquanto que a eles reserva-se o espaço público. Isso fica evidente analisando os tipos de trabalhos e de brincadeiras exercidos por cada gênero.

Em relação ao tipo de trabalho, para as mulheres o trabalho doméstico foi citado predominante: *“Porque eles separam as coisas de mulher e as coisas de homem, tipo, a mulher deve ficar em casa e fazer a comida, fazer o jantar, cuidar dos filhos” (E3A); “Trabalho de mulher é limpar a casa” (E3B).* Além do trabalho doméstico, foram citados o de professora, maquiadora e bailarina demonstrando mais uma vez trabalhos que remetem ao cuidado, a sutileza e a delicadeza. Entretanto, para os meninos foram citados principalmente pedreiro, jogador de futebol, mecânico, policial, segurança e motorista, remetendo assim as características tipicamente classificadas como masculinas.

Quanto ao tipo de brinquedo, para os meninos, os mais citados foram bola e carrinho, seguidos de bicicleta, videogame e moto, enquanto que para as meninas foram boneca, principalmente, panelinha e casinha. Observou-se que os brinquedos dos meninos remetem a diversão, e o das meninas ao um treinamento para a vida doméstica e materna futura.

Observa-se mais uma vez, o estabelecimento dos papéis sociais de homens e mulheres, onde ele normalmente é o sujeito protetor, forte, provedor de recursos, enquanto a mulher é entendida como submissa, e submetida ao plano familiar para os cuidados domésticos e dos filhos. Essa naturalização de que toda mulher tem habilidade para cuidar de criança e dos

afazes domésticos, assim como, são amáveis, carinhosas e frágeis, está um tanto equivocada. Isso, nada mais é do que uma visão machista e preconceituosa no que diz respeito ao comportamento feminino. No entanto, foi observado que o preconceito também pode ser encontrado em determinados comportamentos masculinos caso estes não se enquadrem dentro do padrão forte, másculo e viril.

Sobre isso, Langamer e Timm (2013, p. 24731) apontam que “esperar que o gênero feminino seja mais doce, disciplinado ou delicado, ou esperar que o gênero masculino seja bagunceiro, desatento e desinteressado, produz um comportamento de estranheza ou discriminação quando as expectativas de gênero são rompidas”. Quando questionados se menino pode brincar de boneca ou ser delicado, os estudantes disseram que normalmente isso não é permitido pelos pais porque podem eles vão ser julgados e caçados, como pode observar nas falas a seguir:

*“Porque ele vai ser chamado de veado” (E3B).*

*“Por causado do preconceito do homem poder virar gay só porque tá brincando de boneca” (E3B).*

Após esses comentários, eles foram questionados se realmente os meninos iriam se tornar gay, obrigatoriamente, só porque brincam de boneca ou são mais delicados, eles responderam da seguinte forma:

*“Não é obrigado, mas é o que a sociedade impõe” (E3A).*

*“É porque normalmente, a sociedade diz uma coisa, e se você não se adequar na sociedade a gente acaba passado por estranho e outras coisas” (E3A).*

*“Eu acredito porque muitas vezes, eu não vou generalizar, [...] quando você vai ter um filho, uma menina ou um menino, você quer que ele case com uma mulher, ele tenha filhos, tenha uma relação heteroafetiva. Mas nem sempre isso acontece. Eu acho que por causa dessas expectativas, eles formam essas atitudes machistas por conta de criação deles” (E3B).*

Desta forma, fica evidente o quanto as normas e os valores sociais influenciam diretamente no comportamento masculino e feminino dentro da sociedade, provocando preconceitos relacionados não apenas à identidade de gênero, mas à identidade sexual também. Resultados semelhantes forma encontrados no trabalho de Menezes (2013).

A partir da discussão do papel de homens e mulheres na sociedade, foi possível dialogar sobre os conceitos de machismo e feminismo, assim como eles são compreendidos pelas pessoas. Observou-se de maneira geral, que os alunos conseguem diferenciá-los de forma correta, como pode ser notar nas falas que se seguem respectivamente: “*É a superioridade do homem em relação à mulher*” (E3A) “*É uma luta pelos direitos da mulher*” (E3A), “*Que a mulher tem os direitos igual aos dos homens*” (E3B).

Foi observado também que, principalmente as alunas, entendem que a liberdade feminina é oriunda de lutas contra os julgamentos e a opressão social, como se pode identificar nas colocações abaixo:

*“Revoluções e manifestos. Porque se ninguém tomar a frente iria continuar assim até hoje”* (E3A).

*“Existe essa imagem mau da mulher, né? Mas com o tempo, ela mulher começou a lutar. Ou seja, tudo o que agente tem hoje como mulher, é porque a gente lutou por esse direito. Debateu com os homens. Debateu não, lutou de frente com os homens pra essa liberdade.”* (E3B).

Apesar de normalmente haver uma generalização do homem machista e da mulher feminista, foi percebido que os alunos apontam que existem mulheres machistas também como se verifica nas falas a seguir: “*E as vezes não necessariamente tem que ser o homem, né? Até as mulheres hoje em dia tem mulher machista, quem defende o homem por aquilo que é, por esse padrão dele*” (E3A); “*Eu também acho que tem muita mulher que pensa desse jeito*” (E3B). Essas colocações foram confirmadas através da fala de uma aluna “*Eu sou o homem da relação*” (E3B). Sendo assim, pôde-se notar apesar dos alunos perceberem que machismo e feminismo não movimentos opostos, como a maioria das pessoas consideram, e que não necessário é preciso ser homem para ser machista. No entanto, não houve em nenhum momento a expressão de que não é preciso ser mulher para ser feminista, demonstrando assim que existe ainda muito preconceito em relação a esse movimento, como pode ser observado nos depoimentos abaixo:

*“Tem gente que é radical, que distorcem o que é o feminismo, fica mostrando os peitos, não se depilam”* (E3A).

*“Não gosta de homem, tem tatuagem, cabelo curto”* (E3A).

*“A mulher não gosta de ...”* [se referindo ao pênis] (E3A).

*“Eu acredito que feminismo é um movimento que tem uma base correta mas é empregado por pessoas hipócritas. Porque por exemplo, como na aula de história que nós vimos que milhares de mulheres são propriedades dos homens, em relação a isso, nos vemos muito pouco aqui na sociedade ocidental falar sobre isso, fala muito pouco. Enquanto aqui as mulheres estão reclamando porque não tem a devida participação na área de trabalho, e lá no oriente médio onde elas são tratadas como propriedade?[...] “Eu acho que as pessoas que aplicam o feminismo não fazem de maneira correta. O que eu vejo nos Estados Unidos que as mulheres não se depilam, não tomam banho [...] e dizem que isso é quebrar os tabus da sociedade” (E3B).*

Sobre a representação das mulheres feministas, Dias *et al.* (2015) aponta que 85,19% dos homens e 14,19% das mulheres pesquisadas concordaram com a seguinte afirmação “As feministas são geralmente mulheres mal amadas, radicais e recalcadas”, enquanto que 66,29% de mulheres e 30,86% de homens não concordaram.

Durante o desenvolvimento desta atividade, notou-se uma diferença de comportamento quanto se refere à participação, enquanto as meninas a todo instante buscavam discutir e conversar sobre a temática, apresentando seu ponto de vista, os meninos estavam mais acuados, falando mais ativamente apenas quando a docente os interrogavam diretamente. Essa mesma percepção foi obtida por Dias *et al.* (2015, p. 6) ao afirmar que o “diálogo sobre gênero e orientação sexual na escola mobiliza as mulheres, até mais do que os homens”.

No que se refere à cor com que meninos e meninas se expressam foi possível verificar que o lilás e o rosa indicam cores femininas e o verde, o azul e o preto, cores masculinas. Esse padrão de cores também foi encontrado na pesquisa com crianças do ensino fundamental realizada por Langamer e Timm (2013). Desta forma, percebe-se de forma clara como as representações sociais influenciam na determinação da cor para cada gênero. No entanto, apesar de atribuírem essas cores para cada um dos gêneros, os alunos não demonstraram nenhuma rejeição ao uso de qualquer uma dessas cores, indo de encontro à padronização do rosa para menina e do azul para menino.

Foi possível observar que os alunos entendem que a forma como as pessoas se comportam tem grande influência com maneira que elas foram educadas por seus pais. Para eles os comportamentos relativos a meninos e meninas estão pautados nas atitudes do pai e da mãe, respectivamente, como se observa a seguir:

*“O menino é ensinado a acompanhar o pai” (E3B).*

*Meu irmão teve que aprender a cortar cabelos com 12 anos pra seguir a profissão do meu pai. Porque se ele morrer ele tinha que seguir uma coisa certa, porque ele tinha que aprender porque ele era homem. (E3B).*

Ao falar sobre os comportamentos machistas praticados por homens ou mulheres verificou-se também que eles normalmente estão relacionados à educação familiar. Foi observado que quanto a essa criação, os estudantes afirmaram que existe diferença entre a forma de educar meninos e meninas na sociedade. Observa-se neste caso, o quanto as questões de gênero ainda exercem uma forte relação de poder regulando o comportamento das pessoas quanto a sua sexualidade.

Com relação à criação das meninas os estudantes apontaram que os pais são mais carinhosos, cuidadosos e acabam privando mais as meninas, enquanto que com os meninos isso geralmente não ocorre, como pode ser observado nas falas a seguir:

*“Normalmente o pai é mais carinhoso com a menina” (E3B).*

*“Meu sobrinho é totalmente excluído. Com a minha sobrinha é um cuidado é um zelo, com o menino é: Faça isso! Faça aquilo!” (E3B).*

*“Mas também tem a questão da liberdade, não é professora? O menino tem mais liberdade que a menina” (E3B).*

*“Pra ir pras festas, o homem pode e a mulher não pode” (E3B).*

Entre as justificativas para essa diferença de criação, observou-se que normalmente ela está relacionada à iniciação sexual:

*“Pra menina não ser pervertida e sair fazendo coisa errada por aí.” (E3B).*

*“Eu acho que isso é ciúme. Porque ele deve imaginar o que outro cara vai fazer com a filha dele, ele fez com a mãe dela” (E3B).*

*“O homem pode pegar quantas mulher ele quiser” “garanhão” “bam bam bam” “pegador” “Meu pai adora isso” (E3B).*

*“Quando a mulher pega muitos homens é vagabunda, é quenga” (E3B).*

Segundo Torres, Beserra e Barroso (2007) existe diferença de tratamento dos pais de acordo com o gênero do filho: se menina observa-se um receio em falar sobre o assunto

devido ao medo de estimulá-la a ter relações sexuais, enquanto o menino é estimulado a ser viril, corroborando com o resultado deste trabalho.

Observou-se que, na tentativa de justificar os insultos dados às mulheres anteriormente, através do seguinte depoimento “*Mas o homem que pega muitas mulheres também é bastante discriminado. É chamado de galinha e sem futuro.*” (E3B), um aluno confirma a existência de julgamentos e insultos com os homens também. Entretanto, as colegas de sala afirmaram veementemente que não tem comparação com o preconceito que as mulheres sofrem todos os dias.

Quanto aos instrumentos da sociedade que influenciam na determinação desses padrões, os alunos citaram a mídia, e redes sociais como por exemplo: Whatsapp, Facebook, Instagram, além de novelas e propagandas. Questionados sobre o conteúdo direcionado ao público masculino os estudantes apontaram “*A mulher servindo cerveja*” (E3A) “*Normalmente uma mulher gostosa*” (E3A), e ao público feminino “*Essas propagandas de beleza, é da Natureza é?*” (E3A), “*Revista de moda*” (E3A). Sendo assim, é possível notar que a mídia exerce uma forte influência na vida das pessoas, ajudando na confirmação dessas representações muitas vezes machista, sexista e homofóbica.

Segundo Pontes e Ribeiro (2016) a música exerce grande a influência na vida dos jovens, logo a sua utilização como recurso didático favorece a discussão de assuntos atuais e polêmicos presentes na sociedade. Além disso, sabendo que a música é uma forma de expressão cultural humana, foi de grande relevância trazer a reflexão sobre qual é a imagem do homem e da mulher que ela apresenta.

Com relação à música “*Sonhei que tava me casado*”, os alunos perceberam que o matrimônio possuem representações completamente diferentes para homens e mulheres. O casamento para foi entendido como um evento que tira a liberdade e requer responsabilidades, enquanto, que para as elas o casamento é um dos momentos mais aguardados e esperados da sua vida. Essas representações podem ser percebidas por meio dos depoimentos abaixo:

“*O casamento vai prender ele*” (E3A).

“*Quando fala casamento normalmente o homem pensa em prisão*” (E3B).

“*Que ela quer casar*” (E3A).

“*O casamento pra mulher é um sonho*” (E3A).

*“É porque a mulher ela vai planejar o casamento” (E3A).*

*“Ela fica pensando como seria. É o sonho da vida dela. É o sentimento que ela vai ter uma pessoa pra dividir a vida dela” (E3B).*

Sabe-se que o casamento nem sempre foi concebido da forma que se conhece hoje. Ele se origina de acordos entre famílias para a manutenção de suas riquezas e não das escolhas das pessoas que querem se casar (CUNHA; SILVA, 2013). Assim, como a percepção dos alunos, essas autoras apontam que o casamento era uma meta para a maioria das mulheres, já para outras, era sinônimo de liberdade do controle dos pais. Essa segunda percepção foi elencada por uma funcionária da escola que estava presente na biblioteca durante a atividade:

*“Um das coisas que eu nunca entendi assim, porque quando a gente é jovem, a gente sempre acha que o pai e a mãe são os nossos inimigos, porque assim tipo, proíbe alguma coisa, aí já fica mal humorado, porque meu pai é o pior pai do mundo, porque minha mãe não deixa eu fazer nada, porque minha mãe não me permite nada. Eu sempre cresci ouvindo minha mãe dizer: quando você for mãe você vai entender. E olhe que eu nunca dei trabalho pra minha mãe. Eu sempre respeitei o não dela e também sempre respeitei o sim dela. Até porque eu sou de uma geração diferente da de vocês. Mas o que é que acontece e assim, que eu vejo com as minha sobrinhas, que eu vejo na minha outra geração. É que os jovens hoje em dia, eles estão se casando, tão indo morar com o junto com o namorado para se livrar de papai e de mamãe. Só que, o que é que acontece, o problema triplica, porque relacionamento já uma coisa difícil, você percebe pelas relações que você tem na família, por exemplo se relação de irmão já é difícil, com pai e mãe já é difícil, que são pessoas que você nasceu e se criou com eles. Você imagina com uma pessoa que você não conhece?. Que você tá com ela ali no beijinho no amorzinho. Exatamente são relações diferentes. Mas o que eu quero que vocês entendam, que relação é uma coisa que tem que ser construída pensando lá na frente. Relacionamento é muito difícil. [...]” (Funcionária da escola).*

Através deste depoimento, percebeu-se a preocupação por parte da funcionária em fazer os alunos refletirem sobre o impacto do casamento na vida das pessoas, alertando que ele não é um “mar de rosas” que as pessoas acham que é. Cabe refletir também que atualmente a mulher não ocupa apenas o espaço privado do lar, ela já está inserida no mercado de trabalho ocupando também a esfera privada, fazendo com que ela tenha que conciliar uma jornada dupla e muitas vezes tripla de trabalho. Entretanto, apesar desta

reflexão, percebeu-se que a maioria dos alunos continuam confirmando os padrões por eles mencionados.

Através da análise da música “Uber”, os alunos identificaram a representação “*De uma mulher interesseira*” (E3A); “*Uma mulher interesseira*” (E3B) encontrada na seguinte parte da música: “Se tu quer dinheiro vai trabalhar, eu não sou teu pai, não vou te bancar”. Quanto à percepção do masculino eles consideram a atitude dele correta: “*Ele sabe que ela é interesseira, e quer só ter uma noite com ela, não quer compromisso*” (E3A) e “*Homem sensato*” (E3A). Quando questionados, de forma geral, sobre a imagem da mulher e do homem nas músicas, observou-se que os alunos encontram na maioria das vezes características positivas e superiores atreladas ao homem, e estereótipos negativos e inferiores ligados à mulher. É interessante ressaltar os alunos também discutira que muitas vezes os bens materiais masculinos são utilizados pelos próprios meninos para atraírem as mulheres, adjetivando a mulher como interesseira e confirmando assim o que a letra da música expressa, como se observa na fala de uma aluna:

*“Teve um menino que chegou em mim e disse posso pegar seu número? Aí eu disse, não! Então ele falou, bem que me disseram que você é muito grossa. [...]. Aí eu respondi: E por que veio falar comigo?[...], no final ele vem dizer: Ah, eu tenho carro, eu tenho dinheiro, como uma forma de me convencer a ficar com ele[...]”*(E3B).

Vale ressaltar também, que esse tipo de comentário surgiu também de meninas ao falar sobre feminismo “*Tem mulher hoje em dia que não corre atrás das suas coisas e fica embaixo das custas dos homens*” (E3A); “*Acomodada, interesseira, Maria gasolina*” (E3A). Observa-se neste caso, que a imagem estigmatizada da mulher não parte apenas do masculino, muitas mulheres acabam contribuindo com essa visão machista ao se expressar com esse tipo de comentário por exemplo.

Pode-se verificar também através à medida que a aluna se expressava que em alguns pontos ela se sentia incomodada com essa insistência do menino. Outras alunas apontaram que ao levarem um “Não”, alguns meninos costumam partir pra agressão verbal como mostra a fala de uma aluna “*Ele fica puto. Ele esculhamba a menina*”. (E3B).

A partir disso, foi possível discutir um pouco com os alunos sobre assédio e estupro, já que em alguns casos, essa insistência acaba resultando no uso da força para fazer a menina ficar com o menino e até mesmo ter relação sexual sem a permissão feminina, caracterizando

na visão delas esses comportamentos insistentes como assédio, e a violência sexual como estupro, respectivamente. Uma aluna apresentou uma definição para cada um deles: “*O estupro é sexo sem consentimento, já o assédio é a insistência pra você ficar com aquela pessoa*” (E3B). Observou-se de forma geral que os alunos entendem a importância de discutir esses temas tendo em vista que eles são bem atuais.

A partir de todos esses resultados acerca das representações sociais de gênero pode-se observar que muitos temas foram discutidos, uns com um enfoque maior que outros, porém no tocante da importância e da abrangência da temática, a atividade foi bastante pertinente tendo em vista que em apenas duas aulas foi possível proporcionar aos alunos diversas reflexões sobre os papéis atribuídos aos homens e às mulheres na sociedade.

Verificou-se também que apesar das meninas estarem mais participativas e contribuírem mais para as discussões, os meninos mesmo envergonhados, receosos e acudados, também colaboraram, enriquecendo ainda mais o debate sobre o tema na sala de aula. Isto pode ser confirmado através da fala de um aluno sobre o que essas atividades quando desenvolvidas na escola promovem aos alunos “*Conscientização, porque se a pessoa não percebeu isso ainda, possa perceber que tipo a mulher não é um objeto sexual e não é inferior ao homem e não deixar que o homem faça o que quiser com ela*” (E3A), demonstrando assim que o objetivo proposto para esta atividade foi alcançado.

#### **5.2.4 Métodos Contraceptivos e IST**

Esta atividade foi desenvolvida em parceria com uma Médica Residente em Medicina de Família e Comunidade pela Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa-PB, durante duas aulas geminadas de 50 minutos cada. Para que ela acontecesse, alguns professores cederam suas aulas, pois a profissional convidada só tinha disponibilidade em um dia específico da semana, dia esse que de acordo com o horário da escola as turmas da 3ª série não tinham nenhuma aula de biologia, sendo necessária a colaboração de outros docentes para que as turmas fossem reunidas e então a atividade pudesse ser realizada.

Inicialmente, através de um diálogo, a médica trouxe exemplos reais a partir de sua vivência e dados estatísticos para sensibilizar os alunos quanto à frequência de IST entre os jovens. Posteriormente uma atividade chamada “Dinâmica dos cartões” foi desenvolvida, de

modo que após receberem dois cartões, um vermelho e outro verde, os alunos teriam que expressar sua opinião a respeito de algumas afirmações feitas, levantando o cartão vermelho caso discordassem ou o verde se concordassem. Em seguida, houve uma apresentação expositiva sobre algumas IST e seus sintomas. Posteriormente, foi aberto espaço para que os alunos fizessem perguntas sobre as IST ou sobre os métodos contraceptivos. Para finalizar a atividade, foi conversado sobre a importância do uso do preservativo masculino ou feminino, além da explicação a respeito de como usar a camisinha masculina, além dos cuidados com preservativo antes e após ser usado (Figura 6).

**Figura 6** – Debate aberto com os estudantes sobre métodos contraceptivos e IST: (A) Conversa inicial, (B e C) Dinâmica dos cartões e (D) Apresentação sobre IST e métodos contraceptivos.



**Fonte:** AURINO, 2019.

De acordo com as Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde, “adolescentes e jovens, por serem consideradas pessoas saudáveis, não têm a necessária atenção à saúde, a não ser nas questões de saúde reprodutiva” (BRASIL, 2010, p. 22). Sabendo disso, é de extrema importância que a escola busque desenvolver ações que promovam a saúde em crianças e adolescentes, permitindo a realização de atividades preventivas das IST,

contribuindo para o conhecimento e a valorização dos direitos sexuais e reprodutivos, sendo capazes de tomar decisões sobre sua fertilidade, saúde reprodutiva e criação de filhos, (BRASIL, 1997).

A partir da análise do QDD, observou-se uma grande necessidade de promover uma abordagem sobre as IST e métodos contraceptivos, mas principalmente, sobre a importância do preservativo nas relações sexuais, tendo em vista que entre os alunos que possuem vida sexual ativa, 55,19% deles não costumam usar camisinha, sendo assim, incluídos dentro do grupo de pessoas com comportamento de risco.

Para tanto esta atividade teve por objetivo verificar o conhecimento dos alunos sobre as IST e os métodos contraceptivos, apresentar e discutir acerca das principais IST e dos métodos anticoncepcionais mais utilizados pelos estudantes, e sensibilizá-los quanto à importância da camisinha na prevenção a essas infecções e a gravidez.

A atividade iniciou-se com uma breve apresentação da médica convidada para que os alunos se sentissem seguros das informações ali apresentadas. Em seguida ressaltou a importância de atividades que integrem as áreas de educação e saúde para que haja uma maior efetividade na orientação para uma melhor manutenção da saúde dos estudantes.

De acordo com Dias *et al.* (2010) a vulnerabilidade à gravidez indesejada e às IST derivam normalmente da iniciação sexual precoce sem o uso de preservativo. Entretanto os autores apontam que a falta de diálogo com os pais sobre educação sexual, a ausência de atividade na escola que aborde essa temática e o despreparo de alguns profissionais da saúde em dialogar com os adolescentes sobre práticas sexuais seguras acabam tornando-os mais vulneráveis.

Na tentativa de sensibilização dos estudantes sobre a importância de práticas sexuais responsáveis e seguras, a médica desenvolveu uma conversa por meio da qual apresentou dados estatísticos sobre a incidência de IST nos jovens, evidenciando um aumento no número de casos neste público por meio de relatos vivenciados em seu consultório diariamente. Com isso, verificou-se uma maior atenção por parte dos alunos, já que muitas vezes, devido à falta de vivência na área da saúde do professor a aula torna-se meramente informativa, fazendo-os muitas das vezes, acreditar que eles estão livres de contrair essas infecções. Sendo assim, é preciso que a escola promova ações envolvendo profissionais da saúde e da educação para que os estudantes percebam que as IST realmente existem e estão mais perto do que eles imaginam.

Após essa conversa, com o intuito de sondar os conhecimentos dos alunos a respeito das IST, hábitos de higiene, tipo de sintomas, formas de transmissão e prevenção, a Dinâmica dos cartões foi realizada a partir de algumas afirmativas. Cabe ressaltar que esta atividade foi adaptada a partir de uma atividade já existente chamada “Concordo x Discordo” encontrada no Capítulo 6 sobre Dinâmicas de Prevenção à DST/AIDS da Revista *Adolescer*, disponibilizada por meio do link: <<http://www.abennacional.org.br/revista/cap6.4.html>>.

A utilização da dinâmica promoveu um maior envolvimento dos alunos nas discussões, assim como, permitiu verificar que as informações que eles tinham sobre o conteúdo estavam corretas ou não. Constatou-se que a maioria dos estudantes apresenta um conhecimento muito superficial sobre a temática estudada, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais aprofundada. Resultados semelhantes foram obtidos por Marques *et al.* (2006) em seu trabalho cujo objetivo foi constatar o conhecimento dos alunos sobre as IST/AIDS.

Partindo desta análise, foi feita uma abordagem expositiva sobre as IST mais comuns (gonorreia, sífilis, herpes genital, HPV e HIV), apresentando as principais informações sobre os sintomas, as formas de transmissão e prevenção de cada uma delas. No entanto, ao falar de sintomas e tratamento foi discutido que é preciso procurar um serviço de saúde especializado para que seja feito o diagnóstico correto e assim haja a prescrição do tratamento mais adequado, tendo em vista que o atendimento e o tratamento são oferecidos de forma gratuita pelo SUS. Entretanto, segundo o Manual de Bolso das Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST do Ministério da Saúde:

Tradicionalmente, os esforços para o controle das DST tem se voltado para o diagnóstico e tratamento no âmbito clínico. No entanto, para obter um maior impacto sobre a população, é necessário implementar atividades preventivas, identificar e tratar os casos o mais precocemente possível (BRASIL, 2005b).

Pensando nisso, foi discutido com os alunos quais são as principais situações de risco para adquirir uma IST, entre elas destacaram-se: relações sexuais sem preservativo, múltiplos parceiros, abuso de álcool e drogas, histórico de outras IST e a ausência ou o abandono do tratamento. Como forma de sintetizar e reforçar as informações ministradas anteriormente, as principais formas de transmissão e prevenção das IST foram apresentadas, destacando a importância do uso do preservativo em todas as relações sexuais, tendo em vista que ele é o único método que previne simultaneamente gravidez e IST.

Posteriormente foi aberta uma discussão para que os alunos tirassem suas dúvidas sobre os métodos contraceptivos, entre elas, destacaram-se: a quantidade de vezes que se pode usar a pílula do dia seguinte em um ano, qual o tipo de método mais recomendado, a partir de que idade pode fazer uso desses métodos, quais os efeitos colaterais que eles causam no corpo da mulher, entre outras.

Conhecendo a importância do preservativo, foi preciso discutir com os alunos a respeito dos cuidados que se deve ter com o preservativo para que não haja comprometimento da sua função preventiva. Entre esses cuidados, cabe destaque para: a validade do produto, o selo do Inmetro (Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial), a presença de ar dentro da embalagem indicando que ela não foi violada, os cuidados com o armazenamento e com a abertura da embalagem. Após essas instruções, os alunos foram convidados a demonstrar como se coloca a camisinha numa “pênis”, representado por uma cola em bastão, entretanto nenhum deles se prontificou a demonstrar. Desta forma, eles foram instigados a dizerem o passo-a-passo da colocação da camisinha masculina, enquanto a professora demonstrava, desde o momento da abertura da embalagem até o momento da retirada e descarte do produto. Por meio desta demonstração foi possível identificar os principais erros dos alunos para a colocação do preservativo masculino, permitindo reforçar as instruções corretas e corrigir o que fosse necessário. Além disso, pode-se verificar que a maior parte das instruções fornecidas foi ditada por meninos, indicado assim, que as meninas não sabem colocar a camisinha no pênis.

De acordo com o Ministério da Saúde, os serviços de saúde devem se organizar para assegurar o acesso dos adolescentes aos métodos contraceptivos oferecidos pelo SUS (Sistema Único de Saúde), atendendo as especificidades de suas condições individuais. Entretanto, é importante destacar que não é qualquer método que se adequa aos adolescentes, o que não impede os profissionais de saúde atendê-los e informá-los mesmo se estiverem desacompanhados dos pais ou responsáveis (BRASIL, 2017a).

Desta forma, estratégias de ensino que permitem a interação entre educador e educando através de debates e discussões e da realização de dinâmicas, favorecem a construção do conhecimento de forma coletiva, além de promover a sensibilização dos alunos para que sejam sujeitos autônomos e responsáveis no cuidado com sua saúde sexual e reprodutiva.

Portanto por meio desta atividade foi possível verificar o nível do conhecimento dos alunos acerca das IST e dos métodos contraceptivos, discutindo sobre os principais sintomas,

as formas de tratamento e prevenção das IST, além dos métodos contraceptivos mais utilizados pelo público jovem (pílula do dia seguinte, anticoncepcional em comprimido ou injetável e preservativo), ensinando-os como colocar a camisinha masculina, e sensibilizando-os quanto à importância do uso deste método em todas as relações sexuais tendo em vista que IST não são identificadas através da aparência.

### 5.3 AVALIAÇÃO METODOLÓGICA

Com o objetivo de avaliar a aceitação dos alunos a respeito das estratégias metodológicas sobre Educação Sexual utilizadas neste trabalho, o QAM foi aplicado a 42 alunos, sendo 23 da turma A e 19 da turma B. Vale salientar que as informações obtidas foram analisadas por meio da criação de categorias a partir do conteúdo de suas respostas.

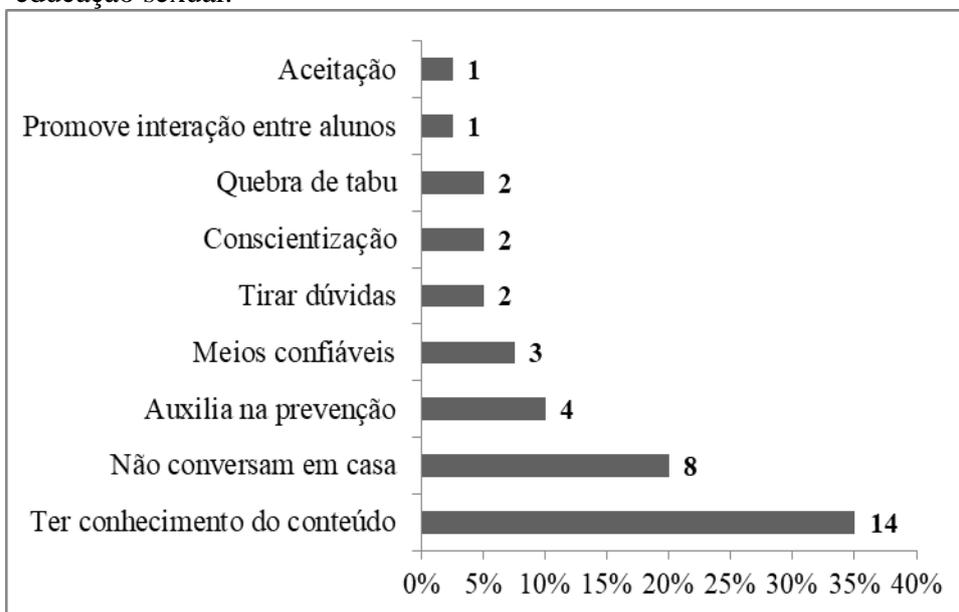
Quanto à “*Questão 1 – Você considera importante a escola promover ações de educação sexual? ( ) Sim ( ) Não. Por quê?*”, foi verificado que 4,76% (2) responderam que **Não** e 95,24% (40) responderam que **Sim**, sendo que 7,5% não justificaram o porquê. Observou-se que entre os alunos que não consideraram importante a promoção de educação sexual na escola, apenas um deles justificou afirmando “*Porque isso é de casa*” (E3B). Neste caso verifica-se que o aluno compreende que o papel da educação sexual deve ser cumprido apenas pela família, sem a intervenção da escola.

Através do Gráfico 5 pode-se verificar que a maioria dos alunos pesquisados considera importante promoção de ações de educação sexual apresentando diferentes justificativas para a implantação dessa temática na escola.

Ao analisar as justificativas dos alunos observa-se que a maioria delas se baseia na busca pelo conhecimento do conteúdo porque as pessoas normalmente não conhecem e não conversam sobre a temática, atrelado a isso também está o tipo de informação disponibilizada nos meios de comunicação como televisão e internet, fazendo o aluno refletir se realmente ela é confiável ou não. Entre outros motivos citados, destacam-se, a ausência de diálogo sobre educação sexual entre pais e filhos, a necessidade de informações sobre a prevenção de doenças, a conscientização das pessoas, a quebra de diversos tabus que a temática abrange, e por promover uma maior interação entre alunos, além de contribuir com a aceitação da

sexualidade de outras pessoas, como pode ser observado no gráfico 5 e nos depoimentos abaixo:

**Gráfico 5** – Justificativas dos estudantes sobre a importância da escola promover ações de educação sexual.



**Fontes:** dados da pesquisa, 2019.

*“Porque ajuda o aluno a conhecer sobre esse assunto sexual e biologicamente falando, e ensina o aluno a ser propagador de sabedoria, ensinado também a família” (E3A).*

*“Por conta da falta de conhecimento de muitas pessoas. E com essas ações as pessoas passam a ter mais informações” (E3A).*

*“Porque por mais que existe vários assuntos na internet, não se é confiável e é preciso dialogar para tirar as dúvidas e aprender corretamente” (E3B).*

*“Pois na TV geralmente não tem programas educativos sexuais e geralmente nos jovens não são policiados em relação as pesquisas” (E3B).*

*“Porque tem muitos jovens/adolescentes que não sabem do assunto e seria importante que a escola falasse sobre o assunto pois muitos pais não falam em casa” (E3B).*

*“Porque incentiva os alunos a se prevenirem contra as DST” (E3A).*

*“Para que as pessoas se conscientizem sobre o assunto” (E3A).*

*“Porque estudando a educação sexual na escola podemos quebrar tabu de diversos assuntos que estão incluso no tem” (E3B).*

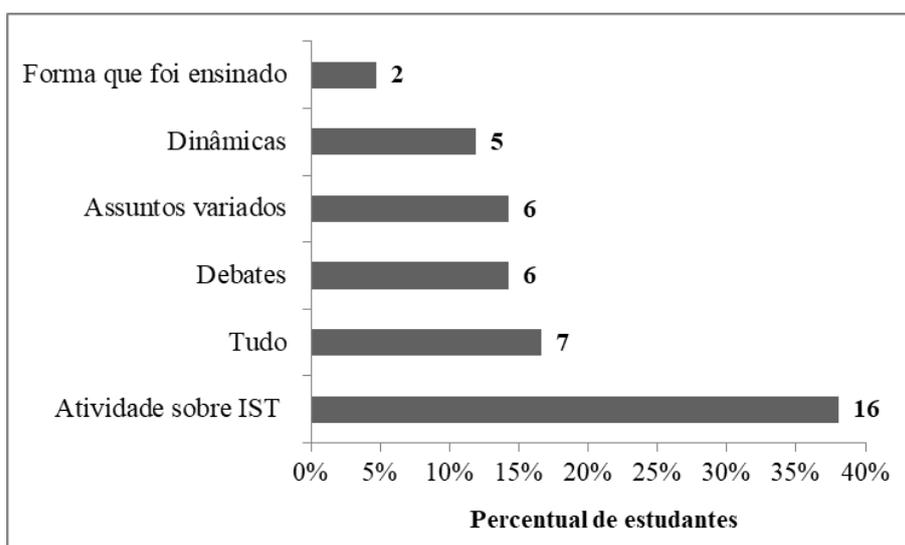
*“Porque assim fica mais fácil a integração com os demais alunos na tema” (E3B).*

*“Por que as pessoas não aceita a sexualidade dos outros” (E3B).*

Sendo assim, por meio desta pergunta percebe-se o quanto as atividades desenvolvidas afetaram a maioria dos alunos, fazendo-os refletiram acerca da importância da educação sexual na sua vida.

Quanto à “*Questão 2 - Do que você mais gostou durante as atividades desenvolvidas nesta pesquisa? Justifique.*”, a partir da análise do conteúdo das respostas dos alunos foi possível criar seis categorias como mostra o Gráfico 6. Verificou-se de forma geral, que 19,05% (8) dos alunos não responderam esta pergunta e que o uso de estratégias metodológicas diferenciadas foi destacado pelos alunos como um ponto positivo da pesquisa, tendo em vista que as suas justificativas remetem na maioria das vezes a alguma metodologia usada durante o desenvolvimento deste trabalho, como pode ser observado especificamente nas categorias: Atividades sobre IST se referindo a atividade sobre IST e métodos contraceptivos desenvolvida em parceria com a profissional de saúde, as dinâmicas, os debates e a forma de ser ensinado se referindo as dinâmicas desenvolvidas e as metodologias alternativas usadas para favorecer a aprendizagem e o protagonismo do aluno, como demonstram os depoimentos estudantes logo abaixo do gráfico 6.

**Gráfico 6** – Categorias formuladas sobre o que os estudantes mais gostaram na pesquisa.



**Fontes:** dados da pesquisa, 2019.

*“A visita da médica da família porque ela tirou muitas dúvidas sobre anticoncepcionais e DST” (E3A).*

*“As perguntas feitas e respondidas na hora e o diálogo entre a médica e os alunos” (E3B).*

*“Os debates, pois a professora desenvolveu temas e uma série de dúvidas que eu não sabia” (E3B).*

*“A questão dos alunos uns com os outros, conseguimos se abrir falar sobre o tema” (E3A).*

*“Das atividades dinâmicas porque são nelas que repassamos nossos conhecimentos e adquirimos também com nossos erros” (E3A).*

*“As dinâmicas para que se tornasse mais fácil absorver o assunto” (E3B).*

*“A forma pela qual foi ensinada, pois de uma maneira simples e dinâmica todos compreenderam o assunto” (E3B).*

Vale ressaltar que a categoria *Tudo* se refere às justificativas de alguns alunos que gostaram de tudo o que foi desenvolvido, e a categoria *Assuntos variados* se refere aquelas respostas que não se quadram em nenhuma outra categoria, observe as colocações a seguir:

*“Praticamente tudo, nós alunos adquirimos conhecimentos de coisas do nosso cotidiano que são pouco tratadas em casa ou na escola” (E3B).*

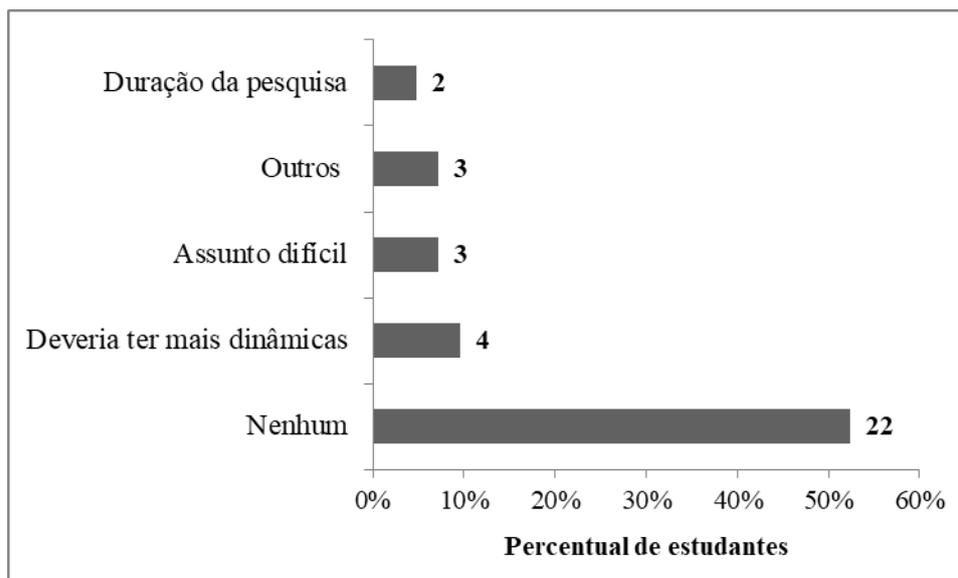
*“Gostei de tudo, pois tivemos aulas diferenciadas e momentos de bons aprendizados, como a conversa/palestra sobre IST que tirou muitas dúvidas dos alunos” (E3A).*

*“Forma de passar o tempo” (E3B).*

Por meio deste último depoimento, pode-se perceber que as atividades não surtiram o efeito desejado em todos os participantes, já que o aluno considera apenas como forma de distração.

A partir da *“Questão 3 - Do que você menos gostou durante as atividades desenvolvidas nesta pesquisa? Justifique”*, foi possível que 19,05% (8) dos estudantes não responderam, e que um pouco mais da metade dos alunos 52,38% (22) afirmaram que não teve nenhum assunto que eles não gostaram, como mostra o gráfico 7 e os depoimento a seguir:

**Gráfico 7** – Categorias formuladas sobre o que os estudantes menos gostaram na pesquisa.



**Fontes:** dados da pesquisa, 2019.

*“Acho que não teve nada que eu não gostei, acho que todas as etapas foram bem importantes” (E3A);*

*“Não tem nenhum porque eu adorei todos os assuntos discutidos” (E3A);*

*“Não tenho como responder, até porque não tenha nada que não gostei nessa pesquisa” (E3B),*

*“Nada, todos assuntos abordados foram essencial para mais informações e aprendizados” (E3B).*

Foi possível observar que alguns alunos apontaram a necessidade de ter mais dinâmicas na pesquisa: *“Deveria ter mais dinâmicas” (E3A); “Ter mais dinâmicas, se tornaria mais fácil de entender e interessante” (E3A)*, outros estudantes indicaram a dificuldade com alguns assuntos relacionados à temática: *“Ovulogênese. Achei o assunto grande e complicado” (E3A); “Alguns tópicos tinham nomes bem difíceis de entender o que era” (E3A)*. Quanto à categoria *Duração da pesquisa* foi possível verificar dois alunos com pontos de vistas diferentes, pois enquanto um considerou que a pesquisa poderia ser realizada em menos tempo sem comprometer o conteúdo da disciplina de biologia, outro estudante aponta que, o tempo da aula foi curto para a quantidade de assunto abordado, como mostra as respostas abaixo:

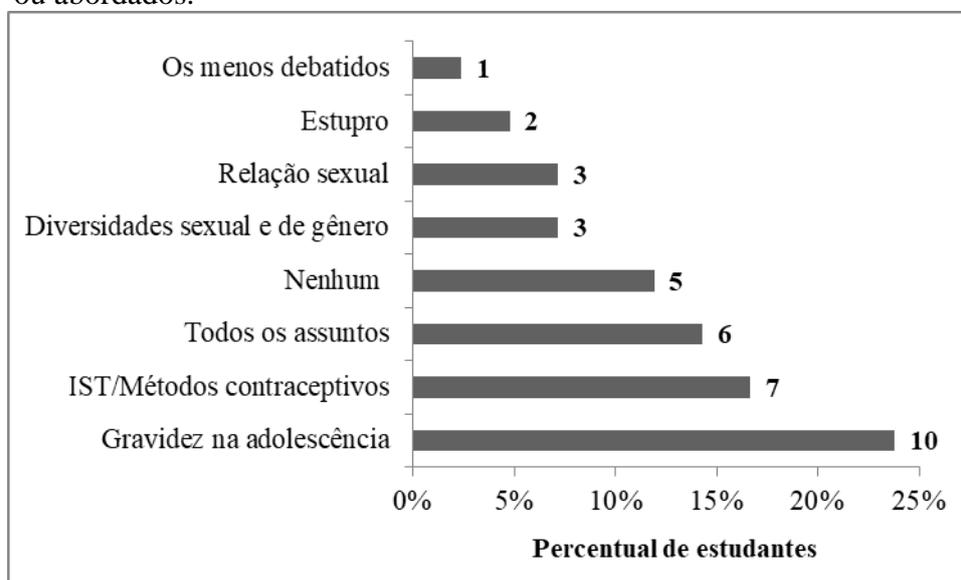
*“De ocupar muitas aulas. A professora Débora passou todo o conteúdo da grade curricular, mesmo perante este fato, as aulas deveriam ser apenas uma ou outra. São importantes porém a escola em biologia merece uma atenção maior, mas não menos importante” (E3B).*

*“Tempo de aula. Educação sexual é um assunto muito extenso, então ocupa muito tempo de aula e como tivemos vários contratempos achei que ficou um pouco a desejar alguns assuntos” (E3B).*

Na categoria *Outros* foram incluídos a falta de interesse de alguns alunos foi um ponto negativo segundo um estudante e o momento de ensinar a usar o preservativo porque ele já sabia com colocar apontou outro estudante: *“A falta de interesse de alguns alunos, sabendo a importância do assunto” (E3A); “Da parte de como usar um preservativo (camisinha) apenas porque eu já sabia” (E3A).*

Através da análise de conteúdo das respostas para a *“Questão 4 - Que assuntos sobre sexualidade você gostaria que fossem discutidos e abordados?”* foi possível verificar que 21,43% (9) não responderam, e que alguns alunos apontaram mais de um conteúdo em uma mesma resposta, fazendo com que o somatório dos percentuais ultrapassasse 100%. Sendo assim, a partir do Gráfico 8, pode-se observar que os estudantes acham necessário discutir sobre gravidez na adolescência, IST e métodos contraceptivos, diversidade sexual e de gênero, relação sexual e estupro.

**Gráfico 8** – Assuntos sobre sexualidade que os estudantes gostariam que fossem discutidos ou abordados.



**Fontes:** dados da pesquisa, 2019.

Pode-se observar que 14,29% (6) dos alunos indicam que todos os assuntos devem ser abordados, 11,90% (5) apontam que nenhum, pois consideram que todos já foram discutidos e 2,38% (1) sugere que os assuntos que foram menos discutidos fossem ministrados.

Portanto, através desses resultados pode-se concluir que este trabalho teve uma avaliação muito positiva da grande maioria dos alunos. A partir dele, os laços entre professor e aluno ficaram mais estreitos permitindo mais interação e mais facilidade no processo de ensino e aprendizagem na disciplina de biologia.

Entretanto, reconhece-se a necessidade de uma abordagem transdisciplinar como sugere os PCN com outras disciplinas, além de promover ações voltadas para a família com o intuito de promover a aproximação maior entre pais e filhos e entre a família e escola para que haja uma educação sexual mais efetiva.

#### **5.4 MANUAL DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS**

A partir desse trabalho foi possível elaborar, como produto final, um Manual de Sequência Didática intitulado *“Educação Sexual: possibilidades para o ensino médio”* (Apêndice G), cujo objetivo é propor estratégias metodológicas de ensino que visam auxiliar o/a professor/a na abordagem sobre Educação Sexual na escola com sugestões de atividades.

De acordo com Zabala (1998, p.18) sequência didática é *“um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecido tanto pelos professores como pelos alunos”*.

Sabendo que a ES há muito tempo vem sendo trabalhada na escola apenas pelos professores das disciplinas de Biologia e de Ciências ou pelos profissionais da área da saúde, sendo abordada com um enfoque, principalmente biológico e higienista, o manual proposto apresenta estratégias que vai além da visão biológica da sexualidade, trabalhando também alguns conteúdos de seus aspectos sociais e culturais.

Sendo assim, ele foi organizado em quatro unidades temáticas, de forma que para cada uma delas há uma breve apresentação da unidade, além de recomendações quanto ao nível de ensino, tempo de duração, conteúdos a serem trabalhados, objetivos pretendidos, metodologias utilizadas, materiais necessários, formas de avaliação, e os procedimentos didáticos para a aplicação das sequências didáticas propostas. Além disso, cada uma delas

conta com sugestões de leituras para auxiliar a preparação básica do/a docente antes de abordar a temática. Vale ressaltar que de acordo com a sequência há também sugestão de vídeos, músicas e adaptações que facilitem o trabalho do professor.

A primeira unidade se refere à abordagem morfofisiológica do sistema genital humano. Nela o conteúdo foi organizado em quatro momentos: no Momento 1, o conhecimento prévio dos alunos acerca da anatomia do sistema genital masculino e feminino é verificado; no Momento 2, a abordagem do conteúdo sobre a morfologia desse sistema é proposta por meio de aula expositiva dialogada e da utilização de vídeos; no Momento 3, a fisiologia do sistema genital humano é trabalhada por meio de vídeo-aulas, e no Momento 4, os conteúdos são abordados através do protagonismo dos estudantes por meio da elaboração de modelos didáticos do sistema reprodutor masculino e feminino e de um áudio a partir de um vídeo sobre o ciclo menstrual.

A segunda unidade trabalha sobre os conceitos de sexo e sexualidade na visão dos discentes por meio de uma dinâmica utilizando post it e de um debate aberto. A terceira reflete sobre as representações sociais de gênero e dos papéis exercidos por homens e mulheres na sociedade na percepção dos alunos através de uma dinâmica denominada “Coisa de Homem/Menino x Coisa de Mulher/Menina”, de discussões mediadas e da análise de letras de músicas. E a quarta, e última unidade, através da integração entre as áreas de educação e saúde, a abordagem sobre IST e métodos contraceptivos se dá de forma mais efetiva por meio de discussão, debate aberto, dinâmica e demonstração de como usar o preservativo masculino.

Entretanto, cabe destacar que o Manual de Sequências Didáticas “*Educação Sexual: possibilidades para o ensino médio*” foi criado como forma de auxiliar os professores na abordagem sobre alguns conteúdos de educação sexual por meio de sugestão de atividades, logo para que ele seja utilizado na sala de aula, o docente precisa estar preparado para a abordagem da temática, de modo que faça a adequação necessária ao seu público de alunos.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A necessidade de trabalhar com educação sexual surgiu a partir de diversos momentos compartilhados junto aos alunos onde alguns temas foram discutidos, sempre de forma muito superficial, normalmente devido à cobrança pelo cumprimento do conteúdo curricular para a

disciplina de biologia, mas também devido a insegurança da pesquisadora em abordar conteúdos mais polêmicos sem o devido preparo. Desta forma, ao iniciar o PROFBIO, a mestrandia vislumbrou uma oportunidade de ampliar seus horizontes, mesmo que com medo, aprofundar seus conhecimentos na área e assim desenvolver estratégias de ensino que possam ajudar outros professores na abordagem sobre educação sexual na escola.

O trabalho “Educação Sexual: Estratégias Metodológica para o Ensino Médio” proporcionou muitos conhecimentos para a pesquisadora, tendo em vista que a mesma nunca desenvolveu estratégias voltadas para a abordagem de educação sexual em sala de aula de uma forma tão ampla, incluindo além dos aspectos biológicos, os sociais, os psicológicos, os culturais e os históricos. Desta forma, sabendo da relevância da temática atualmente e dos casos de iniciação sexual precoce na escola, principalmente no ensino fundamental, percebe-se a necessidade de desenvolver um projeto em educação sexual de forma mais abrangente que atenda a todos os estudantes, envolva outros professores, e inclua principalmente suas famílias, ajudando assim numa maior efetivação da educação sexual na escola.

Foi possível verificar através do QDD que os alunos estão iniciando sua vida sexual cada dia mais cedo, sem os devidos cuidados, de forma a tomar atitudes irresponsáveis em suas relações sexuais.

Através do QDD foi possível avaliar o perfil sexual dos alunos, verificando que os sujeitos da pesquisa foram na sua maioria meninas (67,86%), cerca de 51,79% deles já iniciaram sua vida sexual, sendo 41,38% aos 15 anos de idade. Observou-se que apesar de 62,07% afirmar que usaram camisinha na primeira relação sexual, 55,17% dos estudantes não costumam usar o preservativo em suas relações, principalmente porque não gostam ou fazem uso de outro método contraceptivo, justificando assim a necessidade do desenvolvimento da atividade com a médica residente, já que eles apesar de 64,94% saberem o significado de DST/IST, de 85,71% citarem algumas doenças e de 73,21% citarem alguns métodos anticoncepcionais, eles estão incluindo dentro do grupo de pessoas que tem comportamento de risco, necessitando assim de uma ação mais direcionada a esse público sobre esses conteúdos.

A partir do desenvolvimento das estratégias, de forma geral, foi observado um maior envolvimento dos alunos nas atividades da pesquisa e, nas aulas de biologia, refletindo na melhora do rendimento quantitativo dos estudantes, como também no comportamento, na participação e no respeito entre as diferenças de pensamento.

Durante a abordagem morfofisiológica do sistema reprodutor, pôde-se perceber que os estudantes apesar de conhecerem algumas estruturas anatômicas do sistema genital, apresentaram poucas informações acerca da importância desse sistema tanto para a saúde reprodutiva e sexual quanto para o seu próprio bem-estar. O que justificou o uso de metodologias ativas para sanar essas dificuldades.

No entanto, foi possível constatar que o uso de aulas expositivas e dialogadas associada à elaboração de modelos didáticos como estratégia metodológica de ensino facilitou substancialmente a assimilação do conteúdo referente à anatomia do sistema genital humano, comparado à utilização de vídeo-aulas sobre a fisiologia da reprodução masculina e feminina e a elaboração de áudio sobre o ciclo menstrual. Acredita-se que isto se deve principalmente, à grande quantidade de informações necessárias para entender o funcionamento desses sistemas, de forma que as vídeos-aulas, as explicações da pesquisadora e a elaboração de áudio se mostraram insuficientes. Além disso, o maior nível de abstração do conteúdo de fisiologia em relação ao de morfologia pode justificar, pois como se trata de assuntos que os alunos não conseguem visualizar, e requer um entendimento integrado dos processos, a dificuldade de aprendizagem se torna maior na fisiologia já que não é fácil de representar os eventos, comparado com a morfologia que é facilmente reproduzido através de algo concreto, como um modelo didático, por exemplo.

Através deste trabalho, pode-se perceber a verdadeira importância dos conhecimentos prévios dos alunos acerca dos conteúdos abordados, pois através deles, este trabalho não apenas soube de onde ele tinha que partir, mas principalmente onde ele tinha que chegar.

Cabe destacar que a aula expositiva pode ser uma excelente estratégia de ensino deste que o professor permita e estimule a participação do aluno no processo de construção conhecimento sobre o conteúdo abordado. Nesta pesquisa, ela fez toda a diferença na abordagem sobre do sistema genital, tendo em vista que muitos assuntos discutidos, estavam diretamente associados aos aspectos sociais e culturais ligados a sexualidade do corpo, como por exemplo virgindade, iniciação sexual, e questões de gênero.

Sobre a “Dinâmica com Post it: Sexo e Sexualidade” este trabalho constatou que é possível sim, falar de sexo e sexualidade de forma prazerosa e divertida, porém com seriedade. Por meio desta atividade pode-se perceber que os alunos apresentam diferentes concepções sobre esses dois conceitos, alertando assim, para a necessidade de ações que promovam a sua diferenciação, destacando a importância e a influência de cada um deles na vida das pessoas, em especial dos adolescentes.

Quanto à atividade sobre as representações sociais de gênero pode-se perceber a diversidade de assuntos que podem ser discutidos sobre esse tema, principalmente àqueles voltados aos aspectos corporais e comportamentais do masculino e do feminino, que auxiliam e influenciam na construção da identidade de gênero dos sujeitos. Por meio desta atividade, é possível afirmar que o professor deve estar muito bem preparado para mediar às discussões que surgem durante a abordagem desse conteúdo, devido à quantidade de conceitos que ele envolve. Desta forma, os assuntos relacionados às representações de gênero dentro da sociedade precisam ser contextualizados com a vivência dos alunos, por meio de debates, música, filme, vídeo, dinâmica, enfim, por meio de uma abordagem que além de aproximar o conteúdo da sua realidade, os alunos possam perceber, discutir, pensar e refletir sobre os papéis sociais estabelecidos a homens/ mulheres ou meninos/meninas.

Sendo assim, é preciso desenvolver atividades em salas de aulas que favoreça a desnaturalização das representações sociais de gênero, auxiliando na discussão de conceitos relevantes como identidade de gênero, sexismo, machismo e feminismo, entre outros, pois é função da escola desconstruir preconceitos relacionados à naturalização da dominação masculina na sociedade, de forma a contribuir para a diminuição do preconceito contra a mulher, tanto no ambiente escolar como fora dele.

O sucesso da atividade sobre IST e métodos contraceptivos, como pôde ser observado na análise da questão 2 do QAM no item anterior, deve-se ao uso de diferentes estratégias de apresentação do conteúdo, de modo que, além de uma “palestra” os alunos fossem sensibilizados a partir da experiência profissional da médica convidada, fazendo-os refletir sobre suas práticas sexuais, e assim, quem sabe tomar consciência da importância do uso do preservativo durante as relações sexuais como a principal forma de evitar além da gravidez, uma IST.

Através do QAM foi possível perceber as razões pelas quais os alunos consideram importante a promoção de atividades de educação sexual na escola, o que eles mais gostaram ou não dentro do trabalho, permitindo assim, fazer uma avaliação sobre o que pode ser melhorado, mas principalmente sobre o que precisa ser mudado, além de apontarem quais os assuntos sobre sexualidade que eles gostariam que fossem discutidos, subsidiando novas possibilidades de projetos futuros sobre educação sexual.

Portanto, pode-se afirmar que este trabalho por meio do desenvolvimento das atividades sobre educação sexual no ensino médio atingiu os objetivos pretendidos, e conseguiu organizar as estratégias metodológicas nele utilizadas na forma de um manual de

sequência didáticas, que sirva de subsídio, já que fornece sugestões de abordagem dos conteúdos da temática aos professores que queiram trabalhar a temática, mas principalmente aqueles que ainda tenham dificuldade e insegurança em desenvolver ações de educação sexual na escola na escola que trabalha.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- ALVAREZ, M. C. Sexualidade, poder político e técnicas disciplinares. **IHU On-Line (UNISINOS. Online)**, São Leopoldo, RS, p. 14 - 17, 2010.
- ANDRADE, N. L. F. LIMA, P. C. C. MONTENEGRO, S. S. B. **Sexualidade e Educação: mapeando os parâmetros curriculares nacionais do ensino fundamental I**. 2016, 72 F. Monografia (Graduação em Pedagogia) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- ANJOS, R. H. D. *et. al.* Diferenças entre adolescentes do sexo feminino e masculino na vulnerabilidade individual ao HIV. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 46, n. 4, p. 829-37, 2012.
- BARDIN, L. **Análises de conteúdo**. São Paulo: edições 70, 2016.
- BARRETO, A. C. M.; SANTOS, R. S. A vulnerabilidade da adolescente às doenças sexualmente transmissíveis: contribuições para a prática da enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enferm**. v. 13, n. 4, p. 809-816, 2009.
- BERGAMIM, M. D.; BORGES, A. L. V. Fatores associados à iniciação sexual entre adolescentes da zona oeste do município de São Paulo. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS), v. 30, n. 3, p. 420-428. 2009.
- BORGES, A. L. V.; SCHOR, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo. **Cad. Saúde Pública**, v. 21, n. 2, p. 499-507, 2005.
- BRANDÃO, J; M. P. Uso da Metodologia Construtivista para o Ensino do Sistema Reprodutor em Turmas de 8º ano em Escolas de Natal/RN e Lagoa Seca/PB. **Scire: Revista Acadêmico-Científica**. v. 8, n. 2, p. 1-11, 2015. Disponível em: [http://www.revistascire.com.br/artigo/2015/AGOSTO/MetodologiaConstrutivistaSistemaReprodutor\\_Jessica\\_Magnany.pdf](http://www.revistascire.com.br/artigo/2015/AGOSTO/MetodologiaConstrutivistaSistemaReprodutor_Jessica_Magnany.pdf). Acesso em: 03 jul. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. **Diretrizes para uma política Educacional em Sexualidade**. Série Educação Preventiva Integral. Brasília (DF): Ministério da Educação e Desporto, 1994.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Saúde e Ministério da Educação. **Diretrizes para a Implantação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas**. Brasília, DF: Ministério da Saúde/MEC, 2005a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. **Manual de Bolso das Doenças Sexualmente Transmissíveis**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório do 1º Ciclo de Monitoramento das Metas do PNE: biênio 2014-2016**. Brasília, DF: Inep, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Orientações sobre os Métodos Contraceptivos**. Brasília, 2017a.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017b. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 08 ago. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site\\_110518.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf). Acesso em: 08 ago. 2019.

BRÊTAS, J. R. S. Conhecimento e utilização de contraceptivos por adolescentes. **REME - Rev Min Enferm.**; v. 9, n. 3, p. 223-229, 2005.

CARVALHO, G.P.; OLIVEIRA, A. S. Q. Discurso, Poder e Sexualidade em Foucault. **Revista Dialectus**, v. 11, p. 100-115, 2017.

CUNHA, T. R. A.; SILVA, I. P. A. **Casamento: representações, mudanças e permanências a partir do olhar feminino**. Santa Catarina: 10º Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2013.

DAL-FARRA, R. A.; LOPES, P. T. C. Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 24, n. 3, p. 67-80, set./dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v24i3.2698>. Acesso em: 23 fev 2018.

DALMOLIM, V. D. B.; LEWANDOWSKI, H. O aprendizado dos seres vivos a partir dos termos técnicos - científicos da biologia. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2013. v.1. (Cadernos PDE). Disponível em:

[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2013\\_unicentro\\_bio\\_artigo\\_valmy\\_divanir\\_blum\\_dalmolim.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_bio_artigo_valmy_divanir_blum_dalmolim.pdf). Acesso em: 04 jul. 2019.

DIAS, F. L. A.; SILVA, K. L. VIEIRA, N. F. C.; PINHEIRO, P. N. C.; MAIA, C. C. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p.456-61, 2010. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v18n3/v18n3a21.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2019.

DIAS, V. G.; SOUTO MAIOR, M. M.; MEDEIROS, T. A.; MACHADO, A. C. M.; REIS, L. B.; Representações de Gênero na Escola: ensino e pesquisa sobre imagens do feminino no IFRJ. In: **I Seminário de Ciências Sociais e Educação Básica**, 2015, Rio de Janeiro. O Sentido das Ciências Sociais na Educação Básica. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2015. v. 1.

FAIAL, L. C. M. *et. al.* Vulnerabilidades na adolescência: um campo oportuno para a prática da saúde: revisão integrativa. **Rev Enferm UFPE on line**, Recife, v. 10, n. 9, p. 3473-82, set., 2016.

FARIAS, R.; MORÉ, C. O. O. Repercussões da gravidez em adolescentes de 10 a 14 anos em contexto de vulnerabilidade social. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 596-604, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722012000300020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722012000300020). Acesso em: 02 jul. 2019.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas**. v. 7, n. 1. 2006. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323>. Acesso em: 28 nov. 2017.

FLORES, A. M. P. **Sexualidade: representações de professores do ensino médio**. 2004. 127 F. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2004.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Edições Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERHARDT, T. E. (Org) SILVEIRA, D. T.(Org.). **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. v. 1. 120p.

GERHARDT, C. R.; NADER, S. S.; PEREIRA, D. N. Doenças Sexualmente Transmissíveis: conhecimento, atitudes e comportamento entre os adolescentes de uma escola pública. **Rev Bras Med Fam e Com**, Rio de Janeiro, v.3, n. 12, p. 257-270, 2008. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/362>. Acesso em: 02 jul. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HEILBORN, M. L. Sexualidade no plural: o direito à diferença. In: Articulação de Mulheres Brasileiras. O que diz a Plataforma Política Feminista. Bocas no Mundo: **Revista da Articulação de Mulheres Brasileiras**, n. 1-2, 2003.

HEILBORN, Maria Luiza. “Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade”. **Cadernos Cepia** nº 5, Gráfica JB, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, p. 73-92

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**: 2015. Brasília: Ministério da Saúde; 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**: 2015. Brasília: Ministério da Saúde; 2016.

JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J. R. S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. **REBEn**, Brasília (DF), v. 59, n.2, p. 157-162, 2006.

LANGAMER, S. F.; TIMM, F. B. Representações sociais de gênero em crianças: uma experiência no ensino fundamental. In: **Anais do XI Congresso Nacional de Educação- EDUCERE**. v. XI, p. 24719-24734, 2013.

LARA, L. A. da S.; ABDO, C. H. N. Aspectos da atividade sexual precoce. **RBGO**, v. 37, p. 199-202, 2015.

LOPES, S.; ROSSO, S. **Bio**, volume 3. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogia da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2000, 176 p.

MACHADO, J. C. F. **Sexo com liberdade**. Belo Horizonte: Fênix, 2010.

MARQUES, E. S.; MENDES, D. A.; TORNIS, N. H. M.; LOPES, C. L. R.; BARBOSA, M. A. O conhecimento dos escolares adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 8, n. 1, p. 58-62, 2006. Disponível em: [http://www.fen.ufg.br/revista/revista8\\_1/original\\_07.htm](http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_1/original_07.htm). Acesso em: 12 jul. 2019.

MENDONÇA, R. C. M.; ARAÚJO, T. M. E. Métodos contraceptivos: a prática dos adolescentes das Escolas Agrícolas da Universidade Federal do Piauí. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 863-871, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452009000400024](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000400024). Acesso em: 02 jul. 2019.

MENEZES, M. P. A discriminação de gênero na escola. **Revista Fórum Identidades**, v. 13, p. 143-155, 2013.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. **Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 44(1): 205 – 12. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a29v44n1.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

MONTARDO, J. A escola e a educação sexual. **La Salle (Canoas)**, v. 13, p. 161-174, 2008.

- MORAES, C. G.; CAMARGO, E. S.; NARDI, H. C. Formações em Gênero e Diversidade Sexual: conceitos, princípios e práticas. In: NARDI, H. C.; MACHADO, P. S.; SILVEIRA, R. S. (orgs.). **Diversidade sexual e relações de gênero nas políticas públicas: o que a laicidade tem a ver com isso?** Porto Alegre: Deriva/Abrapso, 2015.
- MORÁN, J. M. "O vídeo na sala de aula". **Comunicação e Educação**, São Paulo, (2): 27-35, janeiro/abril, 1995.
- MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, L; MORAN, J. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. 1. ed. Porto Alegre: Penso Editora, 2018.
- NASCIMENTO, E. G. C.; CAVALCANTI, M. A. F.; ALCHIERI, J. C. Adesão ao uso da camisinha: a realidade comportamental no interior do nordeste do Brasil. **Rev. Salud Pública**, v. 19, n. 1, p. 39-44, 2017.
- NAVARRO-SWAIN, T. Os comportamentos ligados à sexualidade são históricos - entrevista. **Revista do Instituto de Humanas Unisinos**, São Leopoldo, RS, 28 jun 2010.
- OLIVEIRA, S. N.; LIMA, A. C.; MENEZES, A. P. S. A Utilização dos Jogos de Trilha como Instrumento Facilitador no Ensino sobre o Sistema Genital Humano, com Alunos do 8º Ano. **REVISTA ARETÉ**. v. 3, n. 5, p. 66 - 79, 2010.
- PONTES, T. F.; RIBEIRO, E. A. **A representação da mulher na música de estilo funk carioca e sertanejo universitário**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, 2016. Curitiba: SEED/PR., 2016. v.1. (Cadernos PDE).
- QUIRINO, G. S.; ROCHA, J. B. T. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, Curitiba: UFP, n. 43, p. 204-225, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n43/n43a14.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.
- RABIN, E. G. *et al.* Falando sobre sexualidade na adolescência: relato de experiência. **RBEU**. v. 5, n. 1, p. 7-11, 2014.
- RAGO, L. M. "O natural não é ser homem ou mulher." A dissolução da identidade - entrevista. **Revista do Instituto de Humanas Unisinos**, São Leopoldo, RS, 28 jun 2010.
- REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade e educação escolar: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. In.: BORTOLOZZI, Ana Cláudia; MAIA, Ari Fernando (Org). **Sexualidade e infância**. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, 2005, p.35-42.
- RESSEL, L. B.; GUALDA, D. M. R. A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rural. **Rev Esc Enferm.**; 37(3): 82-7, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n3/10.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.
- RICHARDSON, R. J. *et al.* **Pesquisa social: Métodos e Técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

SANTANA, C. C. P. de. **Orientação sexual no ensino médio: uma questão de cidadania.** 2006. 55 F. Monografia (Especialização) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.nebad.uerj.br/publicacoes/monografias/orientacao\\_sexual.pdf](http://www.nebad.uerj.br/publicacoes/monografias/orientacao_sexual.pdf). Acesso em: 28 nov. 2017.

SAYÃO, R. Saber o sexo: os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, J. G. (org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1997, p. 97-105.

SILVA, L. M. M.; SANTOS, S. P. **Sexualidade e formação docente: representações de futuros professores/as de Ciências e Biologia.** In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. 2011.

SOUZA, I. L. S.; SANCHES, T. **Estudo dos recursos, estratégias e metodologias para o ensino do sistema reprodutor feminino na educação básica e a produção de um hipertexto didático.** 2015, 101 F. Monografia (Graduação em Licenciatura em Ciências biológicas). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SPITZNER, R. H. L. **Sexualidade e Adolescência: Reflexões acerca da Educação Sexual na Escola.** 2005. 158 F. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

SUPLICY, M.; EGYPTO, A. C.; VONK, F. V. V.; BARBIRATO, M. P.; SILVA, M. C. P.; SOMONETTI, C.; SCHWARZSTEIN, J. **Guia de orientação sexual diretrizes e metodologia.** 8. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1994.

TAQUETTE, S. R. Sexualidade na Adolescência. In: Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. (Org.). **A Saúde dos Adolescentes e Jovens: Competências e Habilidades.** Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008, cap. 5, p. 205-212.

TAQUETTE, S. R. Sobre a gravidez na adolescência. **Adolescência & Saúde**, v. 5, n. 2, p. 23-26, 2008.

TORRES, C. A.; BESERRA, E.P.; BARROSO, M. G. T. Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. **Esc Anna Nery Rev Enferm.** v. 11, n. 2, p. 296-302, 2007.

TORRES, M. A. A importância da Laicidade para Liberdade Sexual e sexualidades im/possíveis em contextos heteronormativo. In: NARDI, H. C.; MACHADO, P. S.; SILVEIRA, R. S. (orgs.). **Diversidade sexual e relações de gênero nas políticas públicas: o que a laicidade tem a ver com isso?** Porto Alegre: Deriva/Abrapso, 2015.

VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **RBE.** v. 22, n. 69, abr.-jun. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n69/1413-2478-rbedu-22-69-0453.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

VITIELLO, Nelson. **Sexualidade quem educa o educador**. São Paulo: Iglu. 1997.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

**APÊNDICES**

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

APÊNDICE B – Termo de Assentimento

APÊNDICE C – Termo de Compromisso do Pesquisador

APÊNDICE D – Questionário de Diagnose Discente – QDD

APÊNDICE E – Questionário Avaliativo da Metodologia – QAM

APÊNDICE F – Roteiro de Observação Participante

APÊNDICE G – Manual de Sequências Didáticas

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a) (pai ou mãe) ou Responsável,

Esta pesquisa é sobre as **Estratégias de Ensino sobre Educação Sexual no Ensino Médio** e está sendo desenvolvida por **Ana Débora Batista Aurino**, aluna do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Temilce Simões de Assis Cantalice.

O objetivo principal do estudo é propor estratégias metodológicas, construídas a partir de vivências pedagógicas no espaço escolar, para auxiliar docentes da educação básica a trabalharem educação sexual no ensino médio.

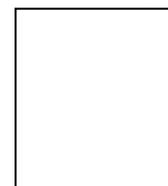
A finalidade desse trabalho é analisar a importância das estratégias de ensino a respeito dos conteúdos na área da Fisiologia da reprodução, principalmente os que se referem à Sexualidade e quais as suas contribuições no processo de ensino e aprendizagem, facilitando assim, a construção de conhecimento dos alunos.

Solicitamos a sua permissão para que seu filho(a) participe das atividades da pesquisa que serão realizadas na Escola durante as aulas da disciplina Biologia. Solicitamos também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, sua identidade será mantida em sigilo. Informamos que essa pesquisa oferece risco mínimo, já que trata de um tema que pode causar constrangimento, sendo assim, os pesquisadores tomarão todos os cuidados para que isso seja evitado.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a), dando o meu consentimento para que meu filho (a) participe da pesquisa e para a publicação dos resultados.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal  
OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar)



Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, entre em contato: Polegar direito

Atenciosamente,

Ana Débora Batista Aurino  
Universidade Federal da Paraíba  
Centro de Ciências Exatas e da Natureza  
Mestrado Profissional em Ensino de  
Biologia  
Email: [anadebiologa@hotmail.com](mailto:anadebiologa@hotmail.com)

Temilce Simões de Assis Cantalice  
Universidade Federal da Paraíba  
Centro de Ciências da Saúde  
Departamento de Fisiologia e  
Patologia  
Email: [temilce@gmail.com](mailto:temilce@gmail.com)

Comitê de Ética em Pesquisa  
Universidade Federal da Paraíba  
Centro de Ciências da Saúde  
Cidade Universitária - 1º Andar  
CEP 58051-900 em João Pessoa/PB  
Telefone: (83) 3216-7791  
E-mail: [eticaccsufpb@hotmail.com](mailto:eticaccsufpb@hotmail.com)

\_\_\_\_\_  
Ana Débora Batista Aurino  
Mestranda

\_\_\_\_\_  
Temilce Simões de Assis Cantalice  
Orientadora

## APÊNDICE B – Termo de Assentimento

### TERMO DE ASSENTIMENTO

(No caso do menor entre 12 a 18 anos)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“EDUCAÇÃO SEXUAL: Estratégias Metodológicas para o Ensino Médio”**. Nesta pesquisa pretendemos promover um melhor conhecimento sobre Sexualidade através de estratégias metodológicas.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é a superficialidade com que os temas Sexualidade e educação sexual são tratados nos ensinamentos fundamental e médio. Sendo assim, esse estudo busca propor estratégias metodológicas sobre Educação sexual na escola, pois, além de ensinar os conteúdos da biologia e da fisiologia da sexualidade, é preciso fornecer oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos, assim como, seja um sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): aplicação de questionários, aulas dinâmicas, expositivas e dialogadas, aplicação de exercícios, atividades lúdicas como: dinâmicas e elaboração de modelos didáticos e áudios. Durante o desenvolvimento da pesquisa registros fotográficos serão obtidos pela pesquisadora, no entanto, o rosto dos alunos serão desfocados nas imagens, preservando assim, a sua identidade.

A sua participação nesta pesquisa dependerá da autorização do seu responsável através da assinatura do termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Esta pesquisa oferece risco mínimo, já que trata de um tema que pode causar constrangimento, sendo assim, os pesquisadores tomarão todos os cuidados para que isso seja evitado.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias: uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_ (se já tiver documento), fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

João Pessoa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

---

Assinatura do (a) menor

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

Ana Débora Batista Aurino  
Universidade Federal da Paraíba  
Centro de Ciências Exatas e da Natureza  
Mestrado Profissional em Ensino de  
Biologia  
Email: [anadebiologa@hotmail.com](mailto:anadebiologa@hotmail.com)

Comitê de Ética em Pesquisa  
Universidade Federal da Paraíba Campus I  
Centro de Ciências da Saúde  
Cidade Universitária - 1º Andar  
CEP 58051-900 em João Pessoa/PB  
Telefone: (83) 3216-7791  
E-mail: [eticaccsufpb@hotmail.com](mailto:eticaccsufpb@hotmail.com)

**APÊNDICE C – Termo de Compromisso do Pesquisador****TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR**

Pesquisa: **EDUCAÇÃO SEXUAL: Estratégias Metodológicas para o Ensino Médio.**

Por este Termo de Responsabilidade, eu Ana Débora Batista Aurino, mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia da Universidade Federal da Paraíba, portadora do RG: 3474027 e CPF: 084150694-99 comprometo-me em cumprir integralmente as diretrizes regulamentadoras emanadas na Resolução Nº 466/2012 do Ministério da Saúde, que dispõe sobre a Ética em Pesquisa Envolve Seres Humanos.

Reafirmo, igualmente, minha responsabilidade indelegável e intransferível, mantendo em arquivo todas as informações inerentes à pesquisa respeitando a confidencialidade e o sigilo da identidade dos estudantes voluntários e das informações obtidas através dos questionários aplicados na pesquisa, assim como, ser cuidadosa com a forma de abordar o tema Sexualidade para não constranger o alunado durante as atividades propostas e, deixar bem claro os objetivos de modo que os discentes estejam cientes do projeto que estão participando.

Informarei e apresentarei, sempre que solicitado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, pela Instituição onde está sendo realizado o estudo, relatório sobre o andamento da pesquisa, comunicando qualquer eventual modificação na proposta do supracitado projeto.

Por ser verdade, assino o presente termo de compromisso.

---

Assinatura do (a) pesquisador (a)

João Pessoa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019

**Ana Débora Batista Aurino**  
**Universidade Federal da Paraíba**  
**Centro de Ciências Exatas e da Natureza**  
**Mestrado Profissional em Ensino de**  
**Biologia**  
Email: [anadebiologa@hotmail.com](mailto:anadebiologa@hotmail.com)

## APÊNDICE D – Questionário de Diagnose Discente – QDD

Prezado (a) aluno (a),

Sou aluna regularmente matriculada no Mestrado Profissional em Ensino de Biologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

Estou elaborando o meu projeto de dissertação intitulado como “EDUCAÇÃO SEXUAL: Estratégias Metodológicas para o Ensino Médio”, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Dra. Temilce Simões de Assis Cantalice.

Assim, solicito que responda às questões abaixo, importantes nesta última fase da pesquisa.

Os estudantes que participarem da pesquisa não serão identificados.

Agradecendo sua colaboração, coloco-me à disposição para maiores esclarecimentos.

Ana Débora Batista Aurino  
[anadebiologa@hotmail.com](mailto:anadebiologa@hotmail.com)

**Gênero:** ( ) Masculino ( ) Feminino **Idade:** \_\_\_\_\_ **Série** \_\_\_\_ **Turma:** \_\_\_\_\_

1. Você já teve relação sexual? Sim ( ) Não ( )

**Se você já teve ou tem relação sexual responda as questões abaixo, se não teve pule para a questão 6:**

2. Com que idade você teve a primeira relação sexual? \_\_\_\_\_

3. Você usou camisinha? Sim ( ) Não ( ). Por quê? \_\_\_\_\_

4. Você costuma usar camisinha? Sim ( ) Não ( ). Por quê? \_\_\_\_\_

5. Você já é pai ou mãe? Sim ( ) Não ( ). Em caso positivo, você tem quantos filhos (as)? \_\_\_\_\_

6. Você conhece algum método contraceptivo/anticoncepcional? Sim ( ) Não ( ). Em caso positivo, cite-o(s)? \_\_\_\_\_

7. Você sabe o que é IST/DST? Sim ( ) Não ( )

8. Qual (is) as doença(s)/infecção(ões) que podem ser transmitida(s) através da relação sexual? \_\_\_\_\_

9. Qual(is) o(s) perigo(s) de uma relação sexual sem preservativo? \_\_\_\_\_

**APÊNDICE E – Questionário Avaliativo da Metodologia – QAM**

Prezado (a) aluno (a),

Sou aluna regularmente matriculada no Mestrado Profissional em Ensino de Biologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

Estou elaborando o meu projeto de dissertação intitulado como “EDUCAÇÃO SEXUAL: Estratégias Metodológicas para o Ensino Médio”, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Dra. Temilce Simões de Assis Cantalice.

Assim, solicito que responda às questões abaixo, importantes nesta última fase da pesquisa.

Os estudantes que participarem da pesquisa não serão identificados.

Agradecendo sua colaboração, coloco-me à disposição para maiores esclarecimentos.

Ana Débora Batista Aurino  
[anadebiologa@hotmail.com](mailto:anadebiologa@hotmail.com)

1. Você considera importante a escola promover ações de educação sexual?

( ) Sim ( ) Não Por que? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2. Do que você mais gostou durante as atividades desenvolvidas nesta pesquisa? Justifique.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3. Do que você menos gostou durante as atividades desenvolvidas nesta pesquisa? Justifique

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4. Que assuntos sobre sexualidade você gostaria que fossem mais discutidos e abordados?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**APÊNDICE F – Roteiro de Observação Participante**

**Local:** Escola E. E. F. M. Professor José Baptista de Mello

**Série:** 3<sup>a</sup>      **Turma:** A ( )    B ( )

**Data:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_      **Hora:** \_\_\_\_\_      **Período de duração:** \_\_\_\_\_

**Conteúdo da Atividade:** \_\_\_\_\_

**I. Parte Descritiva:**

a) Descrição dos sujeitos da pesquisa: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

b) Descrição do local da atividade: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

c) Descrição da atividade: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

d) Descrição do comportamento dos sujeitos da pesquisa: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**II. Parte Reflexiva:**

a) Reflexão metodológica: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

b) Análise do conteúdo trabalhado:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

c) Avaliação geral da atividade: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

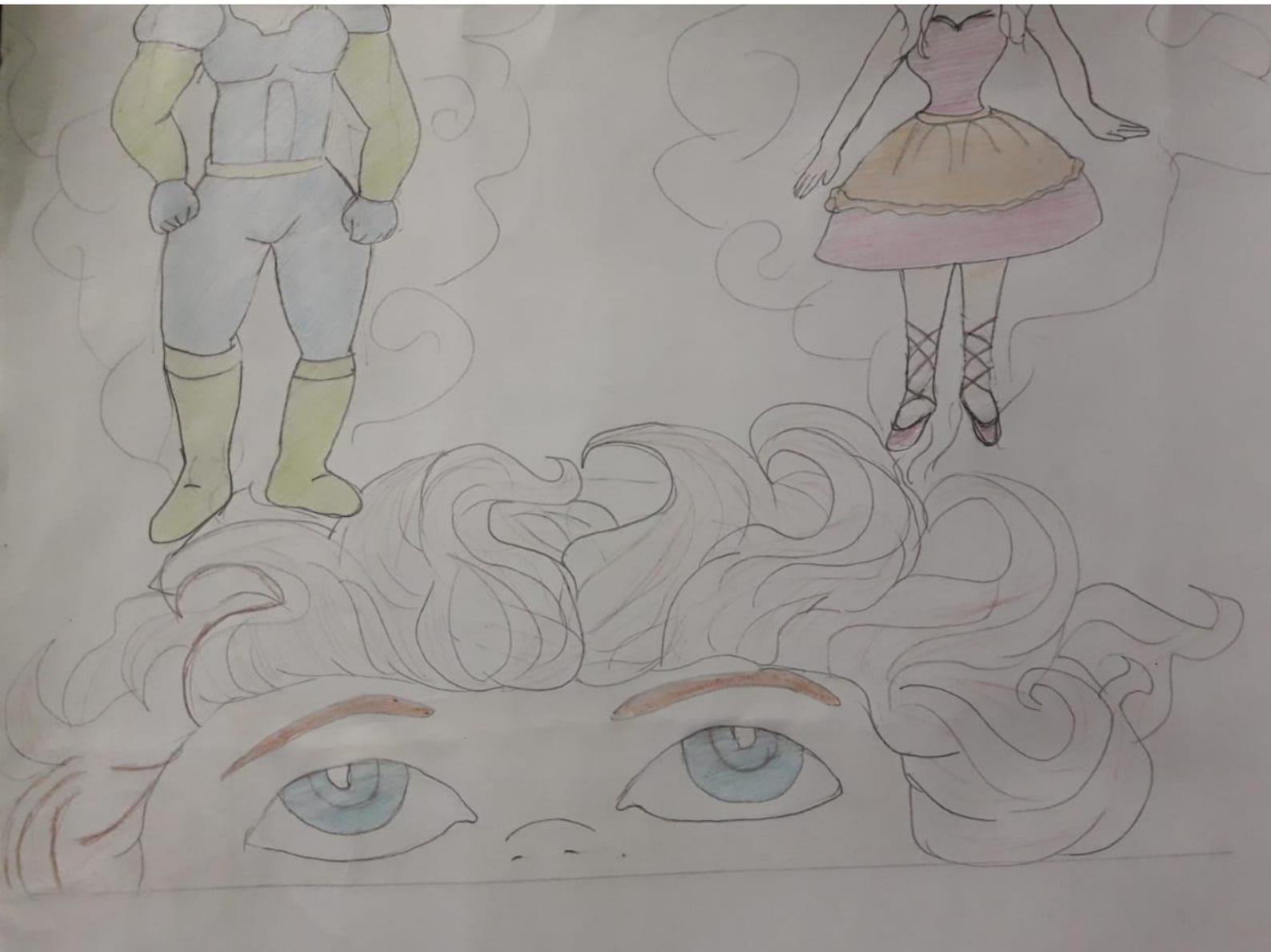
**APÊNDICE G - Manual de Sequência Didáticas**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA

# EDUCAÇÃO SEXUAL:

## Possibilidades para o Ensino Médio



*Ana Débora Batista Aurino*



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

**MESTRANDA**

Ana Débora Batista Aurino

**ORIENTADORA**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Temilce Simões de Assis Cantalice

**DESENHO DA CAPA**

Jhoseff Victor Alves Felix

Aluno da 3<sup>a</sup> série do ensino médio

**JOÃO PESSOA-PB**

**2019**

## APRESENTAÇÃO

Este manual de sequência didática é um produto oriundo do Trabalho de Conclusão de Mestrado “Educação sexual: estratégias metodológicas para o ensino médio” do Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional - PROFBIO da Universidade Federal da Paraíba, desenvolvido a partir de atividades didático-pedagógicas realizadas na Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Professor José Batista de Mello localizada no município de João Pessoa-PB.

Ele surgiu a partir da minha inquietação pessoal em abordar essa temática na educação básica. Diante da insegurança e dificuldade em trabalhar alguns conteúdos sobre sexualidade, este manual foi produzido com o objetivo de propor estratégias de ensino que visam auxiliar o/a professor/a com sugestões de atividades que possam facilitar a promoção de atividades de Educação Sexual na escola.

Sabendo que a sexualidade é algo intrínseco a todo ser humano, porém específico a cada um deles, já que é construída desde o nascimento do indivíduo sob influência de fatores individuais, sociais, psicológicos, culturais e históricos, é indispensável que a escola forneça a oportunidade de discutir e refletir sobre questões relativas à sexualidade, como por exemplo, sexo, gênero, identidades sexual e de gênero, prazer, corpo, carinho, amor, reprodução, entre outras.

Para que isso aconteça, é imperativo, fugir do modelo tradicional de ensino, onde o aluno é um ser receptivo e passivo, para um modelo construtivista no qual os saberes dos estudantes são levados em consideração para uma aprendizagem mais efetiva.

Associado a esse modelo, está o uso de metodologias ativas pelo professor. Essas metodologias além de facilitar o processo de ensinar, torna o

processo de aprender mais dinâmico, motivador e efetivo, já que tem por base o protagonismo do aluno na construção do seu próprio conhecimento.

Como a educação sexual há muito tempo vem sendo tratada apenas com um viés essencialmente biológico e higienista pela disciplina de biologia, este trabalho busca desenvolver estratégias que permitam o estabelecimento de novas práticas na escola em relação aos gêneros e à sexualidade, indo além dessa perspectiva fixista, determinista, essencialista e naturalizante do conteúdo de sistema genital humano e Infecções sexualmente transmissíveis.

Sendo assim, este trabalho está organizado em 4 unidades: a primeira se refere a abordagem morfofisiológica do sistema genital humano, a segunda discute sobre os conceitos de sexo e sexualidade, a terceira reflete sobre as representações sociais de gênero e a quarta propõe uma integração entre as áreas de educação e saúde para um trabalho mais efetivo sobre IST e métodos contraceptivos.

Vale ressaltar que este manual não é uma receita pronta, ele serve apenas como sugestão de atividades que possam subsidiar a prática docente sobre alguns conteúdos de Educação sexual. Antes de desenvolver qualquer atividade, é preciso que o docente esteja preparado a partir de leituras próprias e pertinentes para cada unidade em questão.

Ana Débora Batista Aurino

## *SUMÁRIO*

<b>UNIDADE 1: SISTEMA GENITAL HUMANO</b> .....	121
<b>MOMENTO I: Sistema Genital por meio de Imagens</b> .....	123
Figura A – Imagem do sistema genital masculino externo.....	125
Figura B – Imagem do sistema genital masculino interno.....	126
Figura C – Imagem do sistema genital feminino externo .....	127
Figura D – Imagem do sistema genital feminino interno .....	128
<b>MOMENTO 2: Aula expositiva-dialogada sobre a morfologia do sistema genital humano</b> .....	129
<b>MOMENTO 3: Aula expositiva sobre a fisiologia do sistema genital humano</b> .....	131
Figura E – Representação gráfica das fases do ciclo menstrual (ovariano e uterino).....	133
<b>MOMENTO 4: Sistema genital humano através de modelos didáticos e recursos audiovisuais</b> .....	134
<b>UNIDADE 2: SEXO x SEXUALIDADE</b> .....	135
<b>UNIDADE 3: RELAÇÕES DE GÊNERO</b> .....	139
<b>UNIDADE 4: MÉTODOS CONTRACEPTIVOS E IST</b> .....	142

## **UNIDADE 1: SISTEMA GENITAL HUMANO**

O ato sexual na espécie humana acontece tanto para procriação quando para proporcionar prazer. Para que ela ocorra, o corpo masculino e feminino passa por diversas mudanças a partir da adolescência até a fase adulta, tendo em vista que na espécie humana há dimorfismo sexual. Nesta unidade, além de uma abordagem morfofisiológica (anatomia e fisiologia) do sistema genital, é necessário que o professor permita a participação do aluno para que haja a contextualização do conteúdo a partir da realidade discente, permitindo a abordagem do conteúdo de forma mais significativa.

Sendo assim, esta unidade foi pensada para ser desenvolvida numa sequência de quatro momentos, a partir de uma abordagem dinâmica e interativa do sistema genital humano.

**Nível escolar:** 3ª série do Ensino Médio

**Duração:** Sete aulas (50 minutos cada)

**Conteúdos a serem trabalhados:** Morfologia e fisiologia do sistema genital humano.

### **Objetivos:**

- Estabelecer estratégias didáticas, interativas e lúdicas que facilitem a abordagem morfofisiológica do sistema genital humano.
- Identificar e nomear as estruturas internas e externas do sistema genital masculino e feminino humano;
- Conhecer a localização das estruturas que compõe os sistemas genitais humano morfológicamente.
- Conhecer a função das estruturas do sistema reprodutor humano.
- Entender a funcionamento do sistema genital humano.

- Sensibilizar os alunos sobre a importância de conhecer o próprio corpo para a promoção da sua saúde;
- Discutir como o contexto social e cultural pode influenciar no corpo das pessoas.
- Elaborar modelos didáticos do sistema genital humano;
- Elaborar um áudio explicativo sobre o ciclo menstrual de um vídeo do Youtube.

**Metodologias:**

- Análise de imagens;
- Aula expositiva e dialogada;
- Aula audiovisual;
- Produção de material didático sobre o conteúdo.

**Avaliação:**

As seguintes formas de avaliação deverão ser levadas em consideração, no entanto, se o professor julgar necessário, a avaliação somativa também poderá ser utilizada como forma de incentivo ao aluno:

- Diagnóstica – levantar os conhecimentos prévios do aluno sobre o conteúdo ministrado, a partir dos quais, novos possam adquiridos.
- Formativa – acompanhar o desenvolvimento dos estudantes em todas as atividades, verificando a apropriação de conceitos, o interesse através da sua participação, frequência e assiduidade nas aulas, além da capacidade de formular e discutir questões relacionadas à temática.

**Observações:**

- Recomenda-se estudar o conteúdo a partir de algum livro de fisiologia humana antes da abordagem desse conteúdo.

- A forma de avaliação é a mesma para todas as unidades por isso, ela não será repetida nas unidades seguintes.

**Sugestão de leitura:**

COSTANZO, **Linda S. Fisiologia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

GUYTON & HALL. Tratado de Fisiologia Médica. 13ª ed. Elsevier, 2017.

SILVERTON, Dee Unglaub. **Fisiologia humana: uma abordagem integrada**. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

**MOMENTO I: Sistema Genital por meio de Imagens**

Caro(a) Professor(a) este momento foi pensado como uma forma de avaliação prévia dos conhecimentos dos estudantes sobre as estruturas que compõe o sistema reprodutor masculino e feminino. Sendo assim, ela servirá como base para as aulas seguintes desta unidade.

**Duração:** Uma aula de 50 minutos.

**Conteúdo:** Morfologia do sistema reprodutor humano

**Materiais necessários:**

- Kits de Imagens do sistema genital humano formado por:
  - Imagem impressa do sistema genital masculino externo (Figura A);
  - Imagem impressa do sistema genital masculino interno (Figura B);
  - Imagem impressa do sistema genital feminino externo (Figura C);
  - Imagem impressa do sistema genital feminino interno (Figura D).

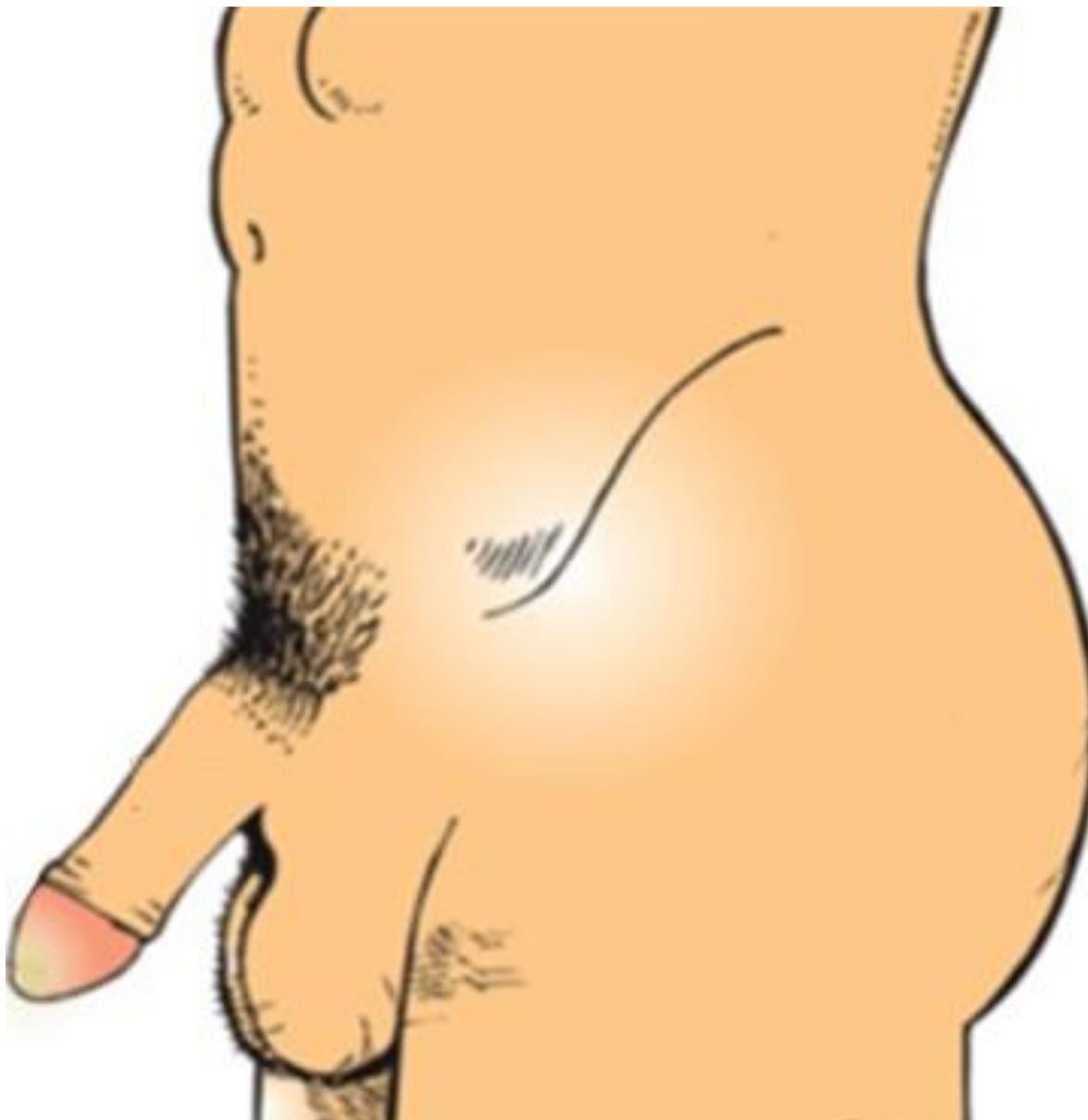
**Procedimentos:**

1. Organizar a turma em grupos de no máximo cinco alunos; caso a turma tenha aproximadamente 30 alunos. Caso da turma apresente um número menor de alunos, o professor poderá formar grupos com menos integrantes, e no caso de turmas maiores de 35 estudantes aconselha-se não aumentar o número de integrantes por grupo para que cada aluno possa participar efetivamente da atividade;
2. Entregar a cada grupo um kit de 4 imagens.
3. Pedir para que os alunos observem as imagens, conversem entre si, e indiquem, por meio de setas, as estruturas de cada sistema genital conhecida.
4. Solicitar aos alunos que nomeiem cada estrutura indicada de acordo com seus conhecimentos.
5. Recolher o kit de imagens devidamente identificado por cada grupo para uma análise diagnóstica.

**Observação:**

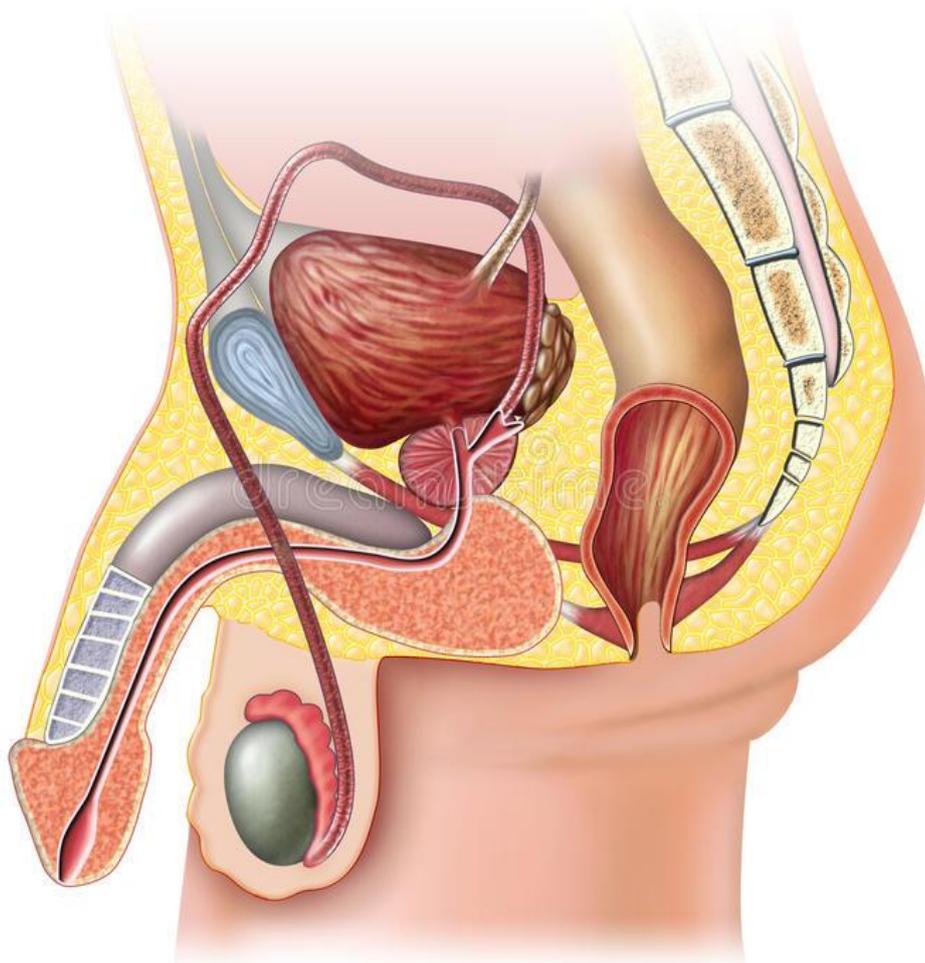
- Os alunos não poderão consultar nenhum material. Eles deverão apenas discutir com os integrantes do seu grupo.
- Com esta atividade os alunos serão instigados a observar e falar sobre os órgãos genitais que normalmente não falam, estimulando-os assim, a naturalizar o vocabulário próprio desta parte do conteúdo.

**Figura A – Imagem do sistema genital masculino externo**



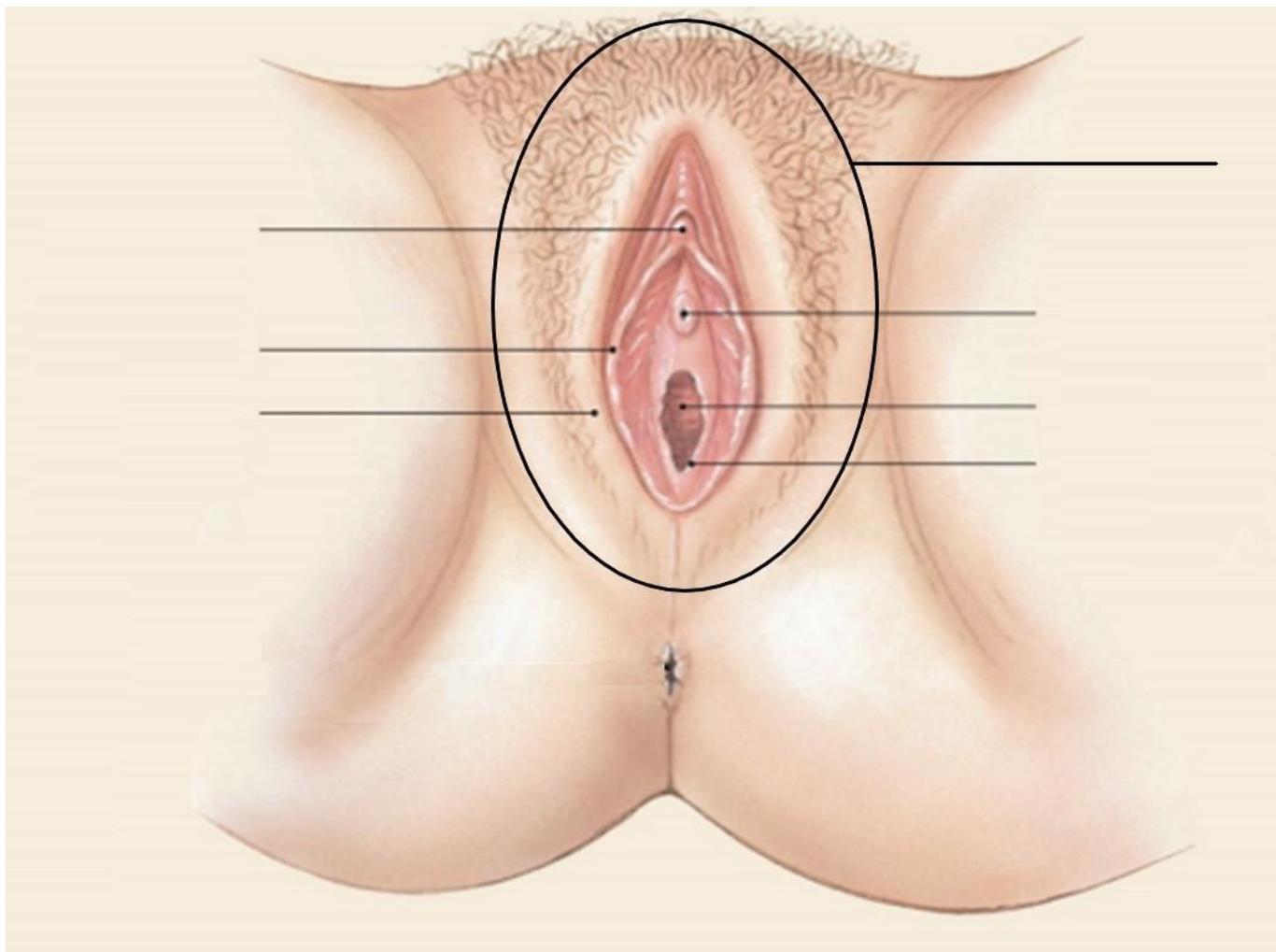
Fonte: Adaptado de SlideShare: Sistema Genital Masculino e Feminino - 1º ano do Ensino Médio. Disponível em:<<https://www.slideshare.net/ronaldolibras/sistema-genital-masculino-e-feminino-1-ano-do-ensino-mdio-64695272>>.

**Figura B – Imagem do sistema genital masculino interno**



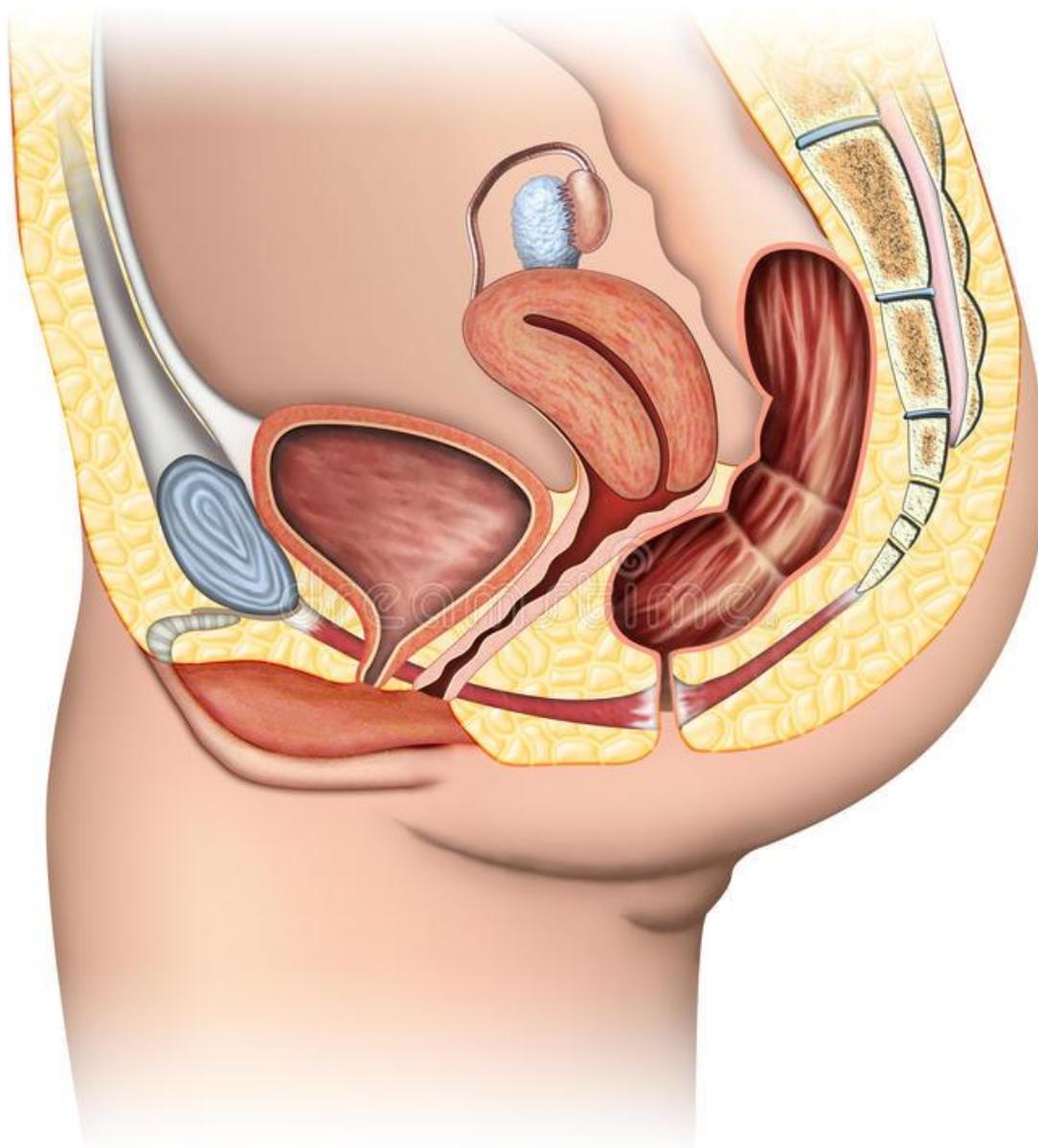
Fonte: Dremstimes. Disponível em: <<https://pt.dreamstime.com/imagens-de-stock-sistema-reprodutivo-masculino-image13918304>>.

**Figura C – Imagem do sistema genital feminino externo**



Fonte: Adaptada de SILVERTON, D. U. Reprodução e desenvolvimento. In.: \_\_\_\_\_. **Fisiologia humana: uma abordagem integrada.** 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 828-867.

**Figura D – Imagem do sistema genital feminino interno**



Fonte: Dremstimes. Disponível em: <<https://pt.dreamstime.com/imagem-de-stock-sistema-reprodutivo-f%C3%A0mea-image16023371>>.

## **MOMENTO 2: Aula expositiva-dialogada sobre a morfologia do sistema genital humano**

Caro(a) Professor(a), antes de iniciar este segundo momento será preciso analisar os kits de imagens, verificando quais foram as estruturas mais indicadas e nomeadas de forma correta, os principais erros cometidos e quais foram as estruturas não indicadas e/ou nomeadas. Desta forma, você poderá adequar e preparar sua aula levando em consideração o nível de conhecimento dos estudantes sobre o conteúdo.

Após esta análise, neste segundo momento, o conteúdo sobre a morfologia do sistema genital humano deverá ser ministrado de forma expositiva e dialogado incentivando sempre a participação dos alunos.

**Duração:** Duas aulas (geminadas) de 50 minutos cada.

**Conteúdos:** Morfologia do Sistema reprodutor humano:

- Morfologia interna e externa do sistema genital feminino;
- Morfologia interna e externa do sistema genital masculino.

**Materiais necessários:**

- Kits de Imagens do sistema genital humano utilizado na aula anterior;
- TV ou Retroprojektor, caixa de som e notebook;
- Apresentação em Power point previamente montada sobre o conteúdo;
- Vídeos sobre o sistema genital masculino e feminino:

S. G. Feminino: [https://www.youtube.com/watch?v=qdEe7cRF\\_C0](https://www.youtube.com/watch?v=qdEe7cRF_C0)

S. G. masculino: <https://www.youtube.com/watch?v=9pMdN5edi30>

**Procedimentos:**

1. Iniciar, questionando os alunos sobre as funções das estruturas indicadas nas imagens e finalidade do sistema reprodutor. Ouvir suas respostas e

ressaltar que além da questão biológica da reprodução, ela também está diretamente relacionada com a expressão da sexualidade das pessoas ao proporcionar diversas sensações, emoções e sentimentos.

2. Ministrando o conteúdo sobre a morfologia do sistema reprodutor humano através da apresentação de power point, indicando nome e função das estruturas neles presentes, levando em consideração as colocações apontadas por cada grupo e fazendo as ressalvas necessárias. Cabe ressaltar a importância em incentivar a participação dos alunos durante a aula, por meio de questionamentos em relação a temas como: cobrança para iniciação sexual precoce e as consequências disso, diferença na “perda” da virgindade masculina e feminina, rompimento do hímen sem relação sexual, gravidez ectópica, tipos de roupas masculinas e femininas que prejudicam a saúde da região genital, dor e sangramento durante a primeira relação, como o corpo é importante para a expressão da identidade, entre outros que o docente julgar necessário.
3. Exibir os vídeos para revisão do conteúdo. Cabe ressaltar que em alguns momentos durante a exibição, o professor deve intervir quanto à nomenclatura utilizada, já que eles utilizam termos antigos como trompas de falópio, por exemplo. Por serem curtos e autoexplicativos, os vídeos sugeridos resumem todo o conteúdo trabalhado até o presente momento. Vale salientar que o vídeo sobre o sistema genital feminino também pode ser usado como iniciação para a próxima atividade já que explica resumidamente o funcionamento dos hormônios femininos.

### **MOMENTO 3: Aula expositiva sobre a fisiologia do sistema genital humano**

Caro(a) Professor(a), devido a dificuldade do conteúdo é importante pedir aos alunos que façam anotações sobre as partes do conteúdo que forem mais relevantes, facilitando assim, o entendimento do assunto estudado. Ressalta-se também a importância de estar atento(a) durante a exibição das vídeo-aulas, para pausar nos momentos mais complexos para a compreensão do conteúdo por parte dos estudantes.

**Duração:** Duas aulas (geminadas) de 50 minutos cada.

**Conteúdos:** Fisiologia do Sistema reprodutor humano:

- Fisiologia do sistema genital feminino – características sexuais secundárias femininas, hormônios, ovulogênese e ciclo menstrual;
- Fisiologia do sistema genital masculino – características sexuais secundárias masculinas, hormônios, espermatogênese.

**Materiais necessários:**

- Caderno e canetas;
- Livro didático de biologia;
- TV ou Retroprojeter, caixa de som e notebook;
- Imagem da representação gráfica das fases do ciclo menstrual (ovariano e uterino) (Figura E);
- Vídeo-aulas disponíveis no site YouTube:
  - Fisiologia do sistema reprodutor feminino, disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=fv8SrkWKzTk>
  - Fisiologia do sistema reprodutor masculino, disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=sfR45qeB4Bs>
- Animações disponíveis no site YouTube sobre ciclo menstrual:

<https://www.youtube.com/watch?v=4WGsBr64eDk&t=7s>

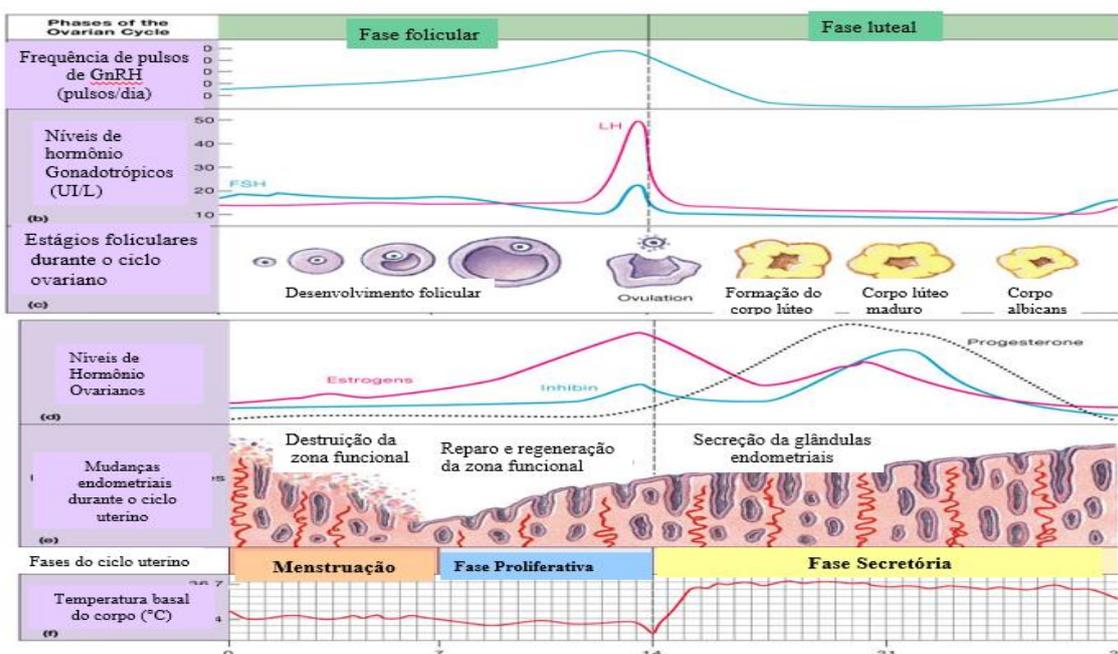
<https://www.youtube.com/watch?v=oCyiOESyXds>

### **Procedimentos:**

1. Iniciar a aula fazendo questionando sobre as diferenças no funcionamento do sistema genital humano masculino e feminino.
2. Exibir a vídeo-aula sobre a fisiologia sexual feminina, alertando para as glândulas produtoras de hormônios e quais são as ações destas no corpo feminino durante a puberdade (características sexuais secundárias) e o ciclo menstrual (uterino e ovariano). Ressaltar que o período menstrual varia entre as mulheres, e a importância de conhecer seu ciclo e seu corpo. O(A) professor(a) deve permitir a participação dos alunos, livremente.
3. Expor a imagem da representação gráfica das fases do ciclo menstrual (ovariano e uterino), e explicar o conteúdo de forma mais prática e objetiva, ressaltando o que ocorre em cada fase.
4. Posteriormente, deve-se exibir a vídeo-aula sobre a fisiologia do sistema genital masculino, destacando sobre a puberdade masculina (características sexuais secundárias) e sobre a ação hormonal no corpo.
5. Organizar a turma em 5 grupos e sortear os seguintes temas entre eles (sistema genital feminino externo, sistema genital feminino interno, sistema genital masculino interno, gametas masculino e feminino, e ciclo menstrual).
6. Solicitar que os grupos que ficaram com os 4 primeiros temas confeccionem um modelo didático sobre o assunto em questão e apresente o conteúdo após uma semana, de forma que todos do grupo participem da explicação.
7. Solicitar que o quinto grupo utilize uma das duas animações sobre ciclo sugeridas nos materiais, e elabore um áudio explicativo para o vídeo em questão. O vídeo editado deverá ser apresentado uma semana após a

entrega da tarefa. O professor deverá deixar a critério dos alunos como eles irão elaborar os modelos e o áudio da animação, estimulando assim, a criatividade e o protagonismo estudantil.

**Figura E – Representação gráfica das fases do ciclo menstrual (ovariano e uterino)**



Fonte: Adaptada de SILVERTON, D. U. Reprodução e desenvolvimento. In.: \_\_\_\_\_. **Fisiologia humana: uma abordagem integrada.** 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 828-867.

#### **MOMENTO 4: Sistema genital humano através de modelos didáticos e recursos audiovisuais**

Caro(a) Professor(a), neste quarto momento os alunos deverão trazer os modelos didáticos e o vídeo com o áudio por eles elaborados, para que de acordo com a sequência pré-estabelecida cada grupo apresente seu trabalho.

**Duração:** Uma aula (50 minutos)

**Conteúdos:** Morfologia e Fisiologia do Sistema reprodutor humano

**Materiais necessários:**

- Modelos didáticos confeccionados pelos grupos de alunos;
- Animações disponíveis no site YouTube com a narração feita pelos próprios alunos;
- TV ou Retroprojektor, caixa de som e notebook;

**Procedimentos:**

1. Pedir que cada grupo apresente seu trabalho abordando o conteúdo presente no modelo didático;
2. Exibir a animação sobre ciclo menstrual com a narração feita pelo último grupo.

## **UNIDADE 2: SEXO x SEXUALIDADE**

Caro(a) Professor(a) nesta unidade os conceitos de sexo e sexualidade devem ser discutidos pelos estudantes, de modo que eles possam expressar suas concepções a respeito desses conceitos.

Sabendo que é muito comum as pessoas acharem que sexo e sexualidade se referem ao ato sexual, diante do papel formador e produtor de conhecimento que a escola exerce, é necessário a promoção de atividades de educação sexual que faça essa distinção, para que a sexualidade seja entendida por meios de seus elementos biológicos, socioculturais e psicológicos.

**Nível escolar:** 3ª série do Ensino Médio

**Duração:** Duas aulas geminadas (50 minutos cada)

**Conteúdos:** Sexualidade e Sexo

### **Objetivos:**

- Verificar as concepções dos alunos sobre a diferença entre Sexo e Sexualidade;
- Diferenciar sexo de sexualidade;
- Discutir os elementos da sexualidade a partir das concepções dos alunos;

### **Metodologias:**

- Dinâmica;
- Debate aberto.

### **Materiais necessários:**

- Quadro branco e pinceis anatômicos nas cores dos post it, ou quadro verde e giz colorido de cores diversas.

- Post it em duas cores distintas, por exemplo, rosa e azul;

**Procedimentos:**

1. Definir a cor do post que representará “Sexualidade” e a cor que representará “Sexo”;
2. Escrever com os pinceis anatômicos em um dos lados do quadro “SEXO” e do outro lado “SEXUALIDADE”, obedecendo as cores previamente definidas;
3. Entregar uma ou duas folhas de post it de cada cor aos alunos;
4. Escolher a cor Rosa para representar a palavra Sexo e a cor Azul para representar a palavra Sexualidade, ou vice-versa. O importante é estabelecer uma cor para cada palavra;
5. Pedir que os alunos escrevam no post it cor de rosa, a resposta para a pergunta O que é sexo?, ou até mesmo, o que vem a sua cabeça quando se fala de sexo;
6. Pedir o que eles escrevam no post ir cor de rosa a resposta para a pergunta O que é sexualidade?, ou até mesmo , o que vem a sua cabeça quando se fala de sexualidade;
7. Após escreverem, cada aluno deverá grudar no quadro as folhas de post it de acordo com palavra e a cor previamente estabelecidas;
8. Solicitar que os estudantes observem as colocações dos outros colegas;
9. Formar uma roda de discussão para dialogar sobre os conceitos, diferenciando-os entre si, quais os elementos da sexualidade, utilizando como base as concepções dos estudantes encontradas nos post it.

**Observação:** O professor deve atuar apenas como um mediador e direcionador da discussão. A prioridade é permitir que os alunos apresentem seu ponto de vista e discutam sobre o conteúdo em questão.

**Sugestões:**

- **Complementação da atividade:**

Como espera-se que os alunos apresentem algumas definições ou concepções que não condizem com a explicação correta desses conceitos, o professor poderá após a realização da Dinâmica com Post it: Sexo e Sexualidade:

- 1 Solicitar aos alunos que pesquisem e anotem o significado de cada uma das palavras e tragam para a próxima aula;

Neste segundo momento (uma ou duas aulas):

- 2 Por meio de uma conversa, pedir aos alunos que falem se o resultado da pesquisa condiz com o que eles colocaram no post it e discutiram anteriormente, auxiliando na construção ou desconstrução dos conceitos aprendidos;
- 3 Finalizar a aula, explicando o que significa sexo e sexualidade, para que os alunos possam entender as diferenças e as relações entre essas duas palavras.

- **Leitura:**

CASTRO, R. P.; SOUZA, M. L.; SILVA, E. P. Q. Dossiê Educação em Ciências, Relações de Gênero e Sexualidades: Velhos Conflitos e Novos Diálogos. **ENSINO EM RE-VISTA**. Uberlândia, V. 26, N. 01, jan./abr. 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/48837/26038>>.

COSTA, E. S. A.; TORRES, D. F.; CIRNE, A. D. P.; COSTA, I. A. S. Percepção de alunos da educação básica sobre sexualidade. In: In: **Anais do VIII Encontro Nacional em Pesquisa em Educação em Ciências**. 2011. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0329-2.pdf>>.

FREITAS, K. R.; DIAS, S. M. Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, n. 19, v. 2, p. 351-7, Abr-Jun, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072010000200017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072010000200017&lng=en&nrm=iso)>.

MAIA, A. C. B. Sexualidade e educação sexual. Disponível em: <[https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155340/3/unesp-nead\\_reei1\\_ee\\_d06\\_s03\\_texto02.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155340/3/unesp-nead_reei1_ee_d06_s03_texto02.pdf)>.

QUIRINO, G. S.; ROCHA, J. B. T. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, Curitiba: UFP, n. 43, p. 204-225, jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n43/n43a14.pdf>>.

### **UNIDADE 3: RELAÇÕES DE GÊNERO**

Caro(a) professor(a) nesta unidade deve-se discutir diversos assuntos sobre as relações de gênero na sociedade, no tocante das representações sociais de homens/meninos e mulheres/meninas, de seus estereótipos e dos papéis por eles ocupados. Além disso, é necessário refletir historicamente sobre os padrões de gêneros alicerçados por um discurso biológico e naturalista, além de conversar sobre feminismo, machismo e sexismo visando desconstruir práticas preconceituosas, discriminatórias e muitas vezes violentas contra as mulheres/meninas disseminadas em diversos locais da sociedade, inclusive nas músicas.

**Nível escolar:** 3ª série do Ensino Médio

**Duração:** Duas aulas geminadas (50 minutos cada)

#### **Objetivos:**

- Verificar as percepções dos estudantes sobre as questões de gênero;
- Discutir sobre as percepções apresentadas;
- Refletir acerca dos padrões e estereótipos estabelecidos socialmente para homens/meninos e mulheres/meninas;
- Refletir sobre a importância de combater preconceitos, discriminação e a violência contra a mulher.

#### **Conteúdos: Relações de gênero:**

- Gênero;
- Estereótipos masculinos e femininos.
- Identidade de gênero e Identidade sexual;
- Feminismo, machismo e sexismo.

**Materiais necessários:**

- TV ou retroprojektor, notebook e caixa de som;
- Quadro e pincel anatômico.

**Procedimentos:**

1. Antes do desenvolvimento da atividade é necessário fazer uma seleção prévia de duas ou três músicas nacionais que abordem a temática. Vale ressaltar a importância das músicas escolhidas estarem incluídas no contexto social dos alunos;
2. Imprimir as letras das músicas selecionadas de acordo com o número de alunos da turma;
3. Escrever no quadro um esquema semelhante ao indicado pela figura abaixo:

<b>COISAS DE:</b>		
	<b>MENINO/HOMEM</b>	<b>MENINA/MULHER</b>
<b>COR</b>		
<b>COMPORTAMENTO</b>		
<b>BRINQUEDO</b>		
<b>TRABALHO</b>		

4. Pedir que os alunos e alunas preencham os espaços vazios com palavras de acordo com categoria de cada gênero;
5. Promover uma discussão acerca do que foi colocado através da problematização do conteúdo apontado na figura, debatendo acerca dos papéis masculinos e femininos impostos a sociedade;
6. Solicitar que os alunos escutem as músicas, destacando em suas letras os trechos que permitem discutir sobre as questões de gênero;

7. Mediar um debate sobre as letras das músicas discutindo os trechos destacados anteriormente.

### **Sugestões de Músicas:**

Para uma maior efetivação na abordagem da temática é importante que o professor selecione músicas que estejam inseridas no cotidiano dos alunos. Caso o/a professor/a ache necessário, ele pode solicitar que os próprios alunos escolham algumas músicas que eles costumam ouvir e a partir delas fazer a análise da imagem de homens e mulheres em suas letras.

### **Sugestões de Leitura:**

CASTRO, R. P.; SOUZA, M. L.; SILVA, E. P. Q. Dossiê Educação em Ciências, Relações de Gênero e Sexualidades: Velhos Conflitos e Novos Diálogos. **ENSINO EM RE-VISTA**. Uberlândia, V. 26, N. 01, jan./abr. 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/48837/26038>>.

MORAES, C. G.; CAMARGO, E. S.; NARDI, H. C. Formações em Gênero e Diversidade Sexual: conceitos, princípios e práticas. In: NARDI, H. C.; MACHADO, P. S.; SILVEIRA, R. S. (orgs.). **Diversidade sexual e relações de gênero nas políticas públicas**: o que a laicidade tem a ver com isso? Porto Alegre: Deriva/Abrapso, 2015. Disponível em:

NARDI, H. C.; MACHADO, P. S.; SILVEIRA, R. S. (orgs.). **Diversidade sexual e relações de gênero nas políticas públicas**: o que a laicidade tem a ver com isso? Porto Alegre: Deriva/Abrapso, 2015.

TORRES, C. A.; BESERRA, E.P.; BARROSO, M. G. T. Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. **Esc Anna Nery Rev Enferm**. v. 11, n. 2, p. 296-302, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n2/v11n2a17.pdf>>.

## **UNIDADE 4: MÉTODOS CONTRACEPTIVOS E IST**

Caro(a) Professor(a), nesta unidade deve-se discutir sobre os problemas decorrentes de relações sexuais sem camisinha: IST e gravidez. No entanto, é preciso muito mais do que apenas apresentar doenças! É preciso sensibilizar os alunos sobre a importância da prevenção tendo em vista que o número de casos de IST em adolescentes, vem aumentando.

Sendo assim, sabendo que a iniciação sexual dos adolescentes acontece a cada ano, mais precocemente, e normalmente sem o uso de camisinha, o que aumenta a chance de uma gravidez não planejada, assim como de IST, é preciso que a escola propicie aos alunos momentos que, além de informá-los, sobre os métodos contraceptivos, possam ser sensibilizados para a importância desses métodos, principalmente do preservativo, no que se refere à forma correta de utilização, onde buscar orientação e atendimento.

Para que haja uma maior efetividade no desenvolvimento desta atividade, é aconselhável que a escola procure parceria com profissionais da saúde.

**Nível escolar:** 3ª série do Ensino Médio

**Duração:** Duas aulas geminadas (50 minutos cada)

### **Objetivos:**

- Discutir sobre a importância de conhecer os métodos contraceptivos e as infecções sexualmente transmissíveis-IST;
- Conhecer os principais métodos contraceptivos;
- Conhecer as IST mais comuns (gonorreia, sífilis, HIV, Herpes, HPV) nos adolescentes;
- Aprender a colocar o preservativo masculino.

**Conteúdos:**

- Infecções sexualmente transmissíveis;
- Métodos contraceptivos.

**Materiais necessários:**

- Cartões de duas cores (verde e vermelho);
- TV ou retroprojektor e notebook.
- Apresentação em slides sobre o conteúdo.
- Preservativos masculinos

**Procedimentos:**

1. Distribuir os cartões verdes e vermelhos para os alunos, de modo que cada aluno receba um de cada cor;
  2. Ler as afirmações escritas abaixo e pedir para que os alunos levantem o cartão verde se concordar com a afirmação, ou levante o cartão vermelho, caso discorde. É importante questionar os alunos porque eles concordam ou discordam, explicando a resposta correta para cada afirmativa. Cabe ressaltar que outras afirmativas podem ser elencadas, variando de acordo com a necessidade de cada turma.
- Pode-se adquirir gonorreia em banheiros públicos, usando toalhas e de outras pessoas.
  - Uma vez que eu tive uma IST/DST, fui tratado, não pego novamente.
  - Urinar após o ato sexual previne IST/DST.
  - Uma pessoa pode estar com vírus da AIDS e não manifestar doenças, estar sadia.
  - Quando os sinais e sintomas da sífilis desaparecem (por exemplo, as úlceras), posso me considerar curado, não transmitindo a doença.

- Secreção purulenta (corrimento), prurido (coceira) e disúria (ardência miccional) são características comuns da gonorreia.
  - As chances de contrair uma IST/DST através do sexo oral são menores que no sexo com penetração.
  - Uma pessoa pode ser afetada por mais de uma doença sexualmente transmissível.
  - Todas as doenças sexualmente transmissíveis são caracterizadas pelo aparecimento de lesões.
3. Após as discussões de cada afirmativa, deve-se abordar o conteúdo referente a IST, previamente preparado, colocando dados estatísticos do número de casos em jovens, além de apresentar cada infecção, informando os principais sintomas e comportamento de risco, as principais formas de tratamento e prevenção;
  4. Fazer uma roda de conversar sobre métodos contraceptivos, permitindo que o aluno faça perguntas e tire dúvidas sobre cada método apresentado,
  5. Demonstrar qual a maneira correta de usar o preservativo masculino. É importante nesta etapa, o professor ressaltar os cuidados com o preservativo, falar sobre validade, embalagem, descarte, forma correta de abrir, etc. Seria interessante que o professor pedisse a um aluno e a uma aluna para demonstrarem ao mesmo tempo como se coloca a camisinha, utilizando uma cenoura para representar o pênis, desta maneira seria mais dinâmica e interativa, e o professor teria a oportunidade de corrigir os erros por eles cometidos desde o momento da abertura da embalagem até a forma correta de tirar e descartar camisinha. Caso nenhum aluno se prontifique, o professor pode demonstrar, porém deve pedir que os alunos falem etapas essenciais, ou seja, ele vai executar os passos citados pelos alunos, este momento também é de grande aprendizagem, pois permite

que alunos e alunas aprendam a colocar o preservativo masculino mesmo que de forma indireta.

6. O professor deve ressaltar a importância do uso do preservativo para a promoção da saúde sexual e reprodutiva dos alunos.

### Sugestões:

- **Parceria:** Para que a atividade possa transcorrer com sucesso, aconselha-se que o professor procure uma parceria com profissionais da área de saúde que possam colaborar palestrando ou exibindo as atividades propostas.

- **Leitura:**

DIAS, F. L. A.; SILVA, K. L. VIEIRA, N. F. C.; PINHEIRO, P. N. C.; MAIA, C. C. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. **Rev. Enferm.** UERJ, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p.456-61, 2010. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v18n3/v18n3a21.pdf>>.

BOUZAS, I.; PACHECO, A.; EISENSTEIN, E. Orientação dos principais contraceptivos durante a adolescência. **Adolescência & Saúde**, v. 1, n. 2, 2004. Disponível em: <[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=218](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=218)>.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <[http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos\\_ab/abcd26.pdf](http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd26.pdf)>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2015/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-atencao-integral-pessoas-com-infecoes>>.

MOREIRA, LMA. **Métodos contraceptivos e suas características**. In: **Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual [online]**.

3rd ed. Salvador: EDUFBA, p. 125-137, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/7z56d/pdf/moreira-9788523211578-12.pdf>>.

VIEIRA, L. M.; SAES, S. O.; DÓRIA, A. A. B.; GOLDEBERG, T. B. 1. Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.**, Recife, v. 6, n. 1, p. 135-140, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/13133/S1519-38292006000100016.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

## ANEXOS

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética do CCS/UFPB.

ANEXO B – Carta de Anuência da Direção Escolar.

ANEXO C – Imagem do Sistema Genital Masculino Externo e Interno.

ANEXO D – Imagem do Sistema Genital Feminino Externo e Interno.

ANEXO E – Letra da Música “Palma da mão no chão” (Gil Bala)

ANEXO F – Letra da Música “Uber” (Aviões do Forró).

ANEXO G – Letra da Música “Sonhei que tava me casando” (Wesley Safadão).

## ANEXO A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética do CCS/UFPB

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS  
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** ESTRATÉGIAS DE ENSINO SOBRE SEXUALIDADE NO ENSINO MÉDIO

**Pesquisador:** ANA DEBORA BATISTA AURINO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 88812218.1.0000.5188

**Instituição Proponente:** Universidade Federal da Paraíba

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.784.331

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa aplicada, descritiva, quali-quantitativa analítica e intervencional. O tema central do projeto é o ensino sobre a sexualidade e o texto de trabalho no primeiro capítulo da primeira unidade do livro didático de autoria de Lopes e Rosso (2016) adotado na escola para a disciplina de biologia. A pesquisa será direcionada a duas turmas da terceira série do ensino médio de uma Escola Estadual de João Pessoa-PB. A pesquisa utilizará um Questionário Diagnóstico Discente (QDD) para fornecer informações sobre o perfil da turma, como por exemplo: idade, gênero, virgindade, idade da primeira relação sexual, uso de preservativos, se já se tornaram pais, entre outras informações. As duas turmas do projeto receberão aulas diferenciadas: Os alunos da 3ª série A farão parte do Grupo Controle (GC) e participarão de atividades apenas tradicionais, enquanto que os alunos da 3ª série B farão parte do Grupo experimental (GE) e terão atividades tanto tradicionais quanto atividades práticas e dinâmicas.

#### Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário da pesquisa é: Promover um melhor conhecimento sobre o tema Sexualidade através de estratégias metodológicas que permitam a mudança de atitudes dos alunos de maneira que possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade.

Objetivo Secundário: Incentivar os estudantes a reconhecer a importância de respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade; Sensibilizar os discentes quanto a importância de perceber e conhecer o próprio corpo, para então valorizar e

**Endereço:** UNIVERSITARIO S/N

**Bairro:** CASTELO BRANCO

**CEP:** 58.051-900

**UF:** PB

**Município:** JOAO PESSOA

**Telefone:** (83)3216-7791

**Fax:** (83)3216-7791

**E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS  
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 2.784.331

cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir de sua sexualidade de modo seguro; Motivar e sensibilizar os alunos quanto à importância de conhecer os métodos contraceptivos e as infecções sexualmente transmissíveis -IST; Facilitar o ensino e a aprendizagem dos conteúdos relacionados à Sexualidade através de estratégias pedagógicas.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os autores relatam riscos mínimos. Os benefícios são indiretos pois novos conhecimentos serão benéficos para o ambiente escolar.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de uma proposta que busca propor estratégias de ensino sobre sexualidade que facilitem a abordagem deste tema tanto no contexto biológico, quanto no contexto social e cultural. O projeto tem uma boa fundamentação teórica. Os objetivos são compatíveis com a metodologia. O percurso metodológico inclui a aplicação de questionários e momentos de avaliação e também intervencionais (aulas/atividades) detalhadamente apresentadas no projeto em anexo.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Termos de apresentação obrigatória apresentados.

**Recomendações:**

nada a declarar

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

nada a declarar

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	22/06/2018		Aceite

**Endereço:** UNIVERSITARIO S/N  
**Bairro:** CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS  
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 2.784.331

Básicas do Projeto	ETO_1107713.pdf	23:03:09		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	22/06/2018 23:00:14	ANA DEBORA BATISTA AURINO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	22/06/2018 22:59:36	ANA DEBORA BATISTA AURINO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_COMPROMISSO_DO_PE SQUISADOR.pdf	22/06/2018 22:59:24	ANA DEBORA BATISTA AURINO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO.pdf	22/06/2018 22:59:11	ANA DEBORA BATISTA AURINO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	22/06/2018 22:59:01	ANA DEBORA BATISTA AURINO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	30/04/2018 15:47:57	ANA DEBORA BATISTA AURINO	Aceito
Outros	DECLARACAO_DE_APROVACAO.pdf	30/04/2018 15:47:29	ANA DEBORA BATISTA AURINO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	06/04/2018 08:41:47	ANA DEBORA BATISTA AURINO	Aceito
Outros	Anuencia_escolar.pdf	05/04/2018 18:04:18	ANA DEBORA BATISTA AURINO	Aceito
Outros	Declaracao_Escolar.pdf	05/04/2018 18:00:27	ANA DEBORA BATISTA AURINO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JOAO PESSOA, 25 de Julho de 2018

Assinado por:

**Eliane Marques Duarte de Sousa  
(Coordenador)**

**Endereço:** UNIVERSITARIO S/N

**Bairro:** CASTELO BRANCO

**CEP:** 58.051-900

**UF:** PB

**Município:** JOAO PESSOA

**Telefone:** (83)3216-7791

**Fax:** (83)3216-7791

**E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**ANEXO B – Declaração de Anuência da Direção Escolar**



**GOVERNO  
DA PARAÍBA**

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO  
PROFESSOR JOSÉ BAPTISTA DE MELLO  
Rua MANOEL ANGELO DE OLIVEIRA, SN MANGABEIRA VII

Escola Estadual de Ensino Fundamental  
e Médio Prof. José Batista de Mello  
Rua Adm. Manoel Ângelo de Oliveira s/n  
Mangabeira VII - CEP: 58.058.200  
Decreto N° 21.034  
Publicado no Diário Oficial 16/05/2000  
CNPJ: 04.009.269/0001-90  
João Pessoa - PB

João Pessoa, 03 de abril de 2018.

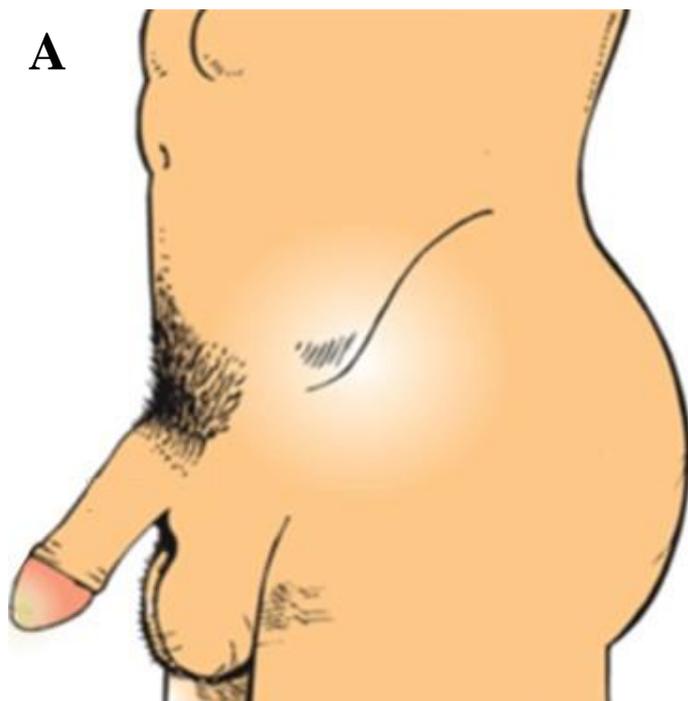
**DECLARAÇÃO**

Declaro para os devidos fins de direito que **ANA DÉBORA BATISTA AURINO**, matrícula 179.966-5, professora de **BIOLOGIA** está autorizada a realizar o desenvolvimento do Projeto: "**ESTRATÉGIAS DE ENSINO SOBRE SEXUALIDADE NO ENSINO MÉDIO**", nas turmas da 3ª série do ensino médio.

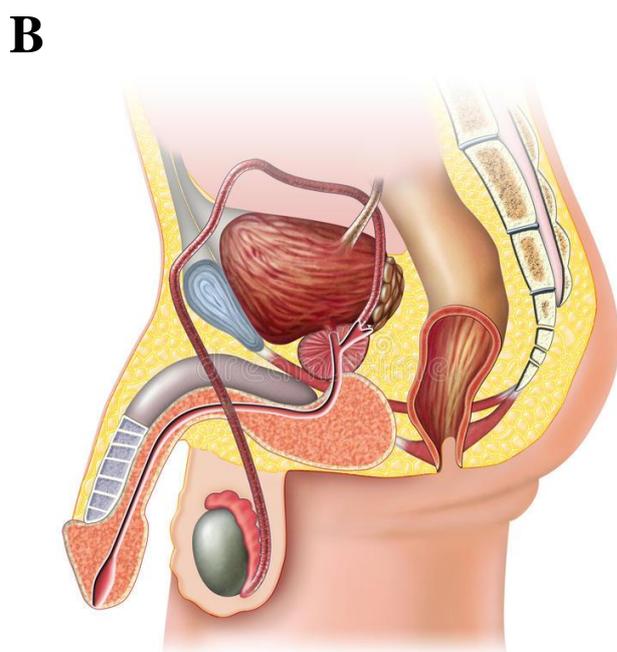
Atenciosamente,

  
Edvaldo Alves Correia  
Diretor  
Mat. 180.331-0

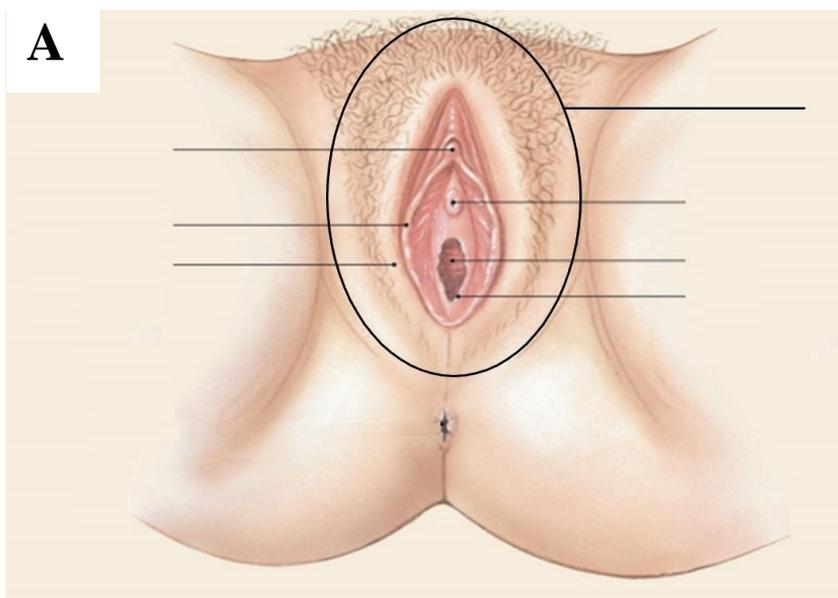
**DIREÇÃO ESCOLAR**

**ANEXO C – Imagens do Sistema Genital Masculino Externo (A) e Interno (B)**

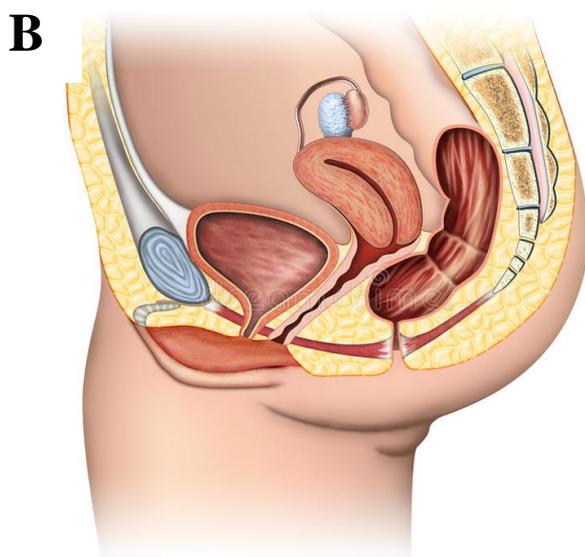
Fonte: Adaptado de SlideShare: Sistema Genital Masculino e Feminino - 1º ano do Ensino Médio. Disponível em: <<https://www.slideshare.net/ronaldolibras/sistema-genital-masculino-e-feminino-1-ano-do-ensino-mdio-64695272>>.



Fonte: Dremstimes. Disponível em: <<https://pt.dreamstime.com/imagens-de-stock-sistema-reprodutivo-masculino-image13918304>>.

**ANEXO D – Imagens do Sistema Genital Feminino Externo (A) e Interno (B)**

Fonte: Adaptada de SILVERTON, D. U. Reprodução e desenvolvimento. In.: \_\_\_\_\_. **Fisiologia humana: uma abordagem integrada.** 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 828-867.



Fonte: Dremstimes. Disponível em: <<https://pt.dreamstime.com/imagem-de-stock-sistema-reprodutivo-f%C3%A0mea-image16023371>>.

**ANEXO E – Letra da Música “Palma da mão no chão” (Gil Bala)**

Gil bala não para.  
Só dá um tempo  
Atualizei...

Olha que da hora, maravilha  
Que legal, que maneiro o jeitinho  
Que ela desce que ela pede

Ou bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce  
E bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce  
E bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce  
E bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce

De 4  
De 4  
Com, esse rabetão  
Vai jogando, vai jogando, vai jogando  
No chão  
De 4  
De 4  
Com, esse rabetão  
Vai jogando, vai jogando,  
Vai jogando No chão

E bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce  
E bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce

Bota a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce  
E bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce  
E bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce

Olha que da hora, maravilha  
Que legal, que maneiro o jeitinho  
Que ela desce que ela pede

Ou bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce  
E bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce  
E bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce  
E bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce

De 4  
De 4  
Com, esse rabetão  
Vai jogando, vai jogando, vai jogando  
No chão  
De 4  
De 4  
Com, esse rabetão  
Vai jogando, vai jogando,  
Vai jogando No chão

E bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce  
E bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce  
Bota a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce  
E bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce  
E bote a palma da mão no chão  
Empina pro GIL BALA e desce

**Fonte:** Shazam. Disponível em:  
<<https://www.shazam.com/pt/track/457849214/palma-da-ma%CC%83o-no-cha%CC%83o>>

**ANEXO F – Letra da Música “Uber” (Aviões do Forró)**

<p>Pensou que ia me enganar? Logo eu, Xande Avião</p> <p>Ela pensou que ia me enganar Carinha de santa, recatda e do lar Mas se deu mal Comigo não rolou Da escola que ela veio eu fui professor Se tu quer dinheiro vai trabalhar Eu não sou teu pai Não vou te bancar</p> <p>Amanheceu, pode ir embora Já tem um Uber te esperando lá fora Foi um prazer Já pode ir, se der saudade eu ligo pra ti</p> <p>Amanheceu, pode ir embora Já tem um Uber te esperando lá fora Foi um prazer Já pode ir, se der saudade eu ligo pra ti</p> <p>Como eu te falei, foi um prazer Realmente um grande prazer</p>	<p>Ela pensou que ia me enganar Carinha de santa, recatda e do lar Mas se deu mal Comigo não rolou Da escola que ela veio eu fui professor Se tu quer dinheiro vai trabalhar Eu não sou teu pai Não vou te bancar</p> <p>Amanheceu, pode ir embora Já tem um Uber te esperando lá fora Foi um prazer Já pode ir, se der saudade eu ligo pra ti</p> <p>Amanheceu, pode ir embora Já tem um Uber te esperando lá fora Foi um prazer Já pode ir, se der saudade eu ligo pra ti</p> <p><b>Fonte:</b> Vagalume. Disponível em: &lt;<a href="https://www.vagalume.com.br/avioes-do-forro/uber.html">https://www.vagalume.com.br/avioes-do-forro/uber.html</a>&gt;</p>
---	---

**ANEXO G – Letra da Música “Sonhei que tava me casando” (Wesley Safadão)**

<p>Uma vez um amigo chegou pra mim e disse "Safadão, vida de casado é boa Mas só perde para de solteiro"</p> <p>Hoje é o dia que vai mudar a minha vida To no altar, já vai começar</p> <p>Violino tocando A noiva do lado</p> <p>Coração acelerado Aliança chegou</p> <p>Igreja lotada O padre perguntou:</p> <p>"Tem alguém contra essa união aqui presente Fale agora ou cale-se para sempre"</p> <p>Eu olhei para trás Meus amigos chorando Meus amores antigos com pena me olhando</p> <p>Ainda bem Cai da cama com o celular tocando</p> <p>Sonhei que tava me casando Acordei no desespero A vida de casado é boa Só perde para de solteiro</p> <p>Sonhei que tava me casando Acordei no desespero A vida de casado é boa Só perde para de solteiro</p> <p>Sonhei que tava me casando Acordei no desespero A vida de casado é boa</p>	<p>Só perde para de solteiro</p> <p>Sonhei que tava me casando Acordei no desespero A vida de casado é boa Só perde para de solteiro</p> <p>Sonhei que tava me casando Acordei no desespero A vida de casado é boa Só perde para de solteiro</p> <p>"Tem alguém contra essa união aqui presente Fale agora ou cale-se para sempre"</p> <p>Eu olhei para trás Meus amigos chorando Meus amores antigos com pena me olhando</p> <p>Ainda bem Cai da cama com o celular tocando</p> <p>Sonhei que tava me casando Acordei no desespero A vida de casado é boa Só perde para de solteiro</p> <p>Sonhei que tava me casando Acordei no desespero A vida de casado é boa Só perde para de solteiro</p> <p>Compositor: Gabriel do Cavaco / Shyton Fernandes / Montenegro / Henrique Castro / Elvis Elan.</p> <p><b>Fonte:</b> Vagalume. Disponível em:&lt;<a href="https://www.vagalume.com.br/wesley-safadao/sonhei-que-tava-me-casando.html">https://www.vagalume.com.br/wesley-safadao/sonhei-que-tava-me-casando.html</a>&gt;.</p>
--	---